Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23254 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEGUNDA-FEIRA 4 JUNHO 90 70$00

Sondagem DL/Euroteste

Camões super-herói

O autor de «Os Lusíadas» bate de longe Afonso Henriques ou Vasco da Gama, para não falarmos do Marquês de Pombal, de Salazar ou do famigerado Zé do Telhado!...

Honestidade, competência, humildade e coragem são as virtudes que os portugueses mais admiram. Se pudessem resssucitavam Camões e Sá Carneiro. e só depois as figuras ligadas a grandes feitos, como Vasco da Gama ou Afonso Henriques — revela uma sondagem DL/Euroteste que hoje começamos a publicar. De resto os portugueses consideram tão heróico vencer na vida como sobreviver com o salário mínimo. Para a maioria dos inquiridos o desporto continua a ser a área de eleição, com algumas variações curiosas: os mais jovens preferem TV, música e bailado, as mulheres sobrevalorizam o audiovisual e a área política - que ficou no quarto lugar em ordem de preferência - é claramente um feudo masculino, com «score» máximo de pontuação entre os homens de 25 a 29 anos.

O grupo dos «patriotas» elegeu como heróis Rosa Mota, Soares, Carlos Cruz e Amália

Amor, saúde e honestidade são considerados valores necessários à felicidade

A política é feudo dos homens e seduz em especial a classe alta da cidade do Porto

Humberto Delgado e Maria da Fonte estão entre os heróis que os portugueses ressuscitavam

Pág. 2, 3, 4 e 5

Tiananmen: dia de festa para esquecer o massacre

A praça de Tiananmen (Paz Celestial), que há um ano foi testemunha do brutal massacre que vitimou milhares de jovens do movimento pró-democracia, está hoje encerrada para o público. Para esta medida, as autoridades de Pequim pretextaram a realização, ali, das cerimónias do 150º aniversário da guerra do ópio. Enquanto isto, as ruas da capital chinesa estão a ser fortemente patrulhadas por militares, numa tentativa de impedir todo e qualquer tipo de manifestações que possam recordar os trágicos acontecimentos de há um ano.

Só os estudantes da Universidade de Beita, berço dos protestos, desafiaram ontem as autoridades, manifestando-se ruidosamente nos dormitórios. Sinal do ambiente de repressão que se vive na China é a prisão de um homem e de uma mulher, quando tentavam falar com jornalistas estrangeiros.Na foto, uma manifestação evocativa em Hong Kong, vendo-se em primeiro plano uma réplica da «Deusa da Democracia» que os jovens haviam erguido em Tinanmen.

Págs. 12, 13 e 14

Reuter

Estrela brilhou no Jamor

Após três horas e meia de luta no Jamor, em dois espectáculos de muito brilho, o Estrela da Amadora conseguiu feito inédito na sua história: dois anos depois de ter saltado para o primeiro escalão do nosso futebol, quebra a tradicional hegemonia dos maiorais e, pela mão de João Alves, arrebata a Taça de Portugal e ganha direito a passaporte uefeiro.

Págs. 32 e 33

Projectos misteriosos ameaçam o Tejo

Projectos megalómanos e misteriosos para as margens Norte e Sul do rio Tejo circulam em gavetas ministeriais e não só.

O porto de Lisboa intenta fechar a barra da Cova do Vapor ao Forte do Bugio e aí construir um monumental complexo portuário: as câmaras de Almada e de Lisboa desconhecem, à Comissão de Coordenação Regional de Lisboa não foi pedido parecer.

Na praia de Algés projecta-se uma enorme parece de cimento - um centro mundial de comércio. A Câmara de Oeiras protesta. Esta, por sua vez, diz ter pronto a avançar um projecto de porto de pesca e de recreio e uma piscina atlântica para a zona de Paço de Arcos-Santo Amaro.

O ministro das Obras Públicas informa que se avançará rapidamente com uma segunda ponte sobre o rio, quando não está definido tudo o que se relaciona com tal estruturante opção, enquanto outros falam de projectos de extensa navegabilidade do Tejo. Cada um para seu lado e todos ao molho.

Págs. 20 e 21

Anos 60: evocação da revolta estudantil
Pág. 30

Bioenergia: conferência internacional no Vimeiro
Pág. 18

Berlengas: uma beleza a preservar
Págs. 22 e 23

Skate: show em Cascais
Pág. 24

PORTE PAGO

GRANDE ANGULAR

Camões é o super-herói português, paradigma de um imaginário que mete no mesmo saco figuras como Vasco da Gama, Salazar ou Zé do Telhado

Continuamos a ser lusíadas

Corajoso e patriota

Independentemente do seu sexo, se você tiver entre 15 a 24 anos ou mais de 65, pertencer à classe média e viver num agregado pequeno (até 2 mil habitantes) na Grande Lisboa ou na região do Litoral, é natural que se enquadre no grupo de portugueses que classificam (apreciam) de igual modo todos os valores (éticos, intelectuais, económicos ou de personalidade), ainda que manifestem uma ligeira tendência para dar maior importância ao conjunto da **afirmação pessoal** — que passa pelo poder, prestígio, esperteza, beleza física e ambição.

As pessoas que se enquadram neste grupo manifestam uma menor capacidade, que não indiferença, em clarificarem a sua posição perante valores com uma carga simbólica tão distinta.

Assim, estes portugueses entendem que o herói é alguém que se afirma pessoalmente através de um feito notável e com uma boa dose de altruismo. Por isso, e para lá do arriscar a vida, escolhem como os melhores exemplos de um acto heróico o facto de alguém viver com o salário mínimo, vencer na vida, ter ido à Lua, aparecer nas primeiras páginas dos jornais ou ter combatido na Guerra Colonial.

Curiosamente, este grupo de portugueses considera que, para lá do prestígio e da beleza física, os valores que mais contribuem para a sua felicidade (realização pessoal) são praticamente todos os que foram objecto do inquérito, tais como o amor, a saúde, a amizade, a honestidade, a sabedoria, a justiça, a lealdade, a coragem, a competência, o trabalho, a inteligência, a alegria ou a caridade.

Em relação às áreas de actividade das personalidades que mais admira, este grupo escolhe, preferencialmente, as do desporto, política, televisão/rádio e música/bailado.

Daí, elegerem como seus «heróis» preferidos figuras como Rosa Mota, Carlos Lopes e Paulo Futre; Soares, Cavaco e Sá Carneiro; Carlos Cruz, Júlio Isidro e Fialho Gouveia; Amália, Trovante e Rui Veloso.

Mas quando se lhes perguntou quem é que gostariam de ser em cada uma dessas áreas, apenas os nomes de Rosa Mota, Mário Soares e Carlos Cruz recolheram percentagens significativas.

Um grupo conservador pois, se pudessem ressuscitar personalidades da nossa história, escolheriam Salazar, Sá Carneiro e Camões. Aliás, as figuras históricas que mais admiram são Luís de Camões, Afonso Henriques e Vasco da Gama.

E no que respeita à qualidade que mais apreciam numa pessoa, surge em primeiro lugar a coragem, seguida do patriotismo, ainda que não subestimando a sabedoria e a humildade.

Neste quadro, não surpreende que o defeito mais grave que vêem numa pessoa seja a desonestidade, seguida do ódio e, ainda, a cobardia e a vingança, ou o egoísmo e a falsidade.

Para este grupo, a mais heróica das profissões é, decididamente, a de piloto-aviador. Depois, escolhem a profissão de pescador e a de mineiro.

Se Camões pudesse, ele próprio, ressuscitar quatro séculos depois de ter vivido em permanentes aventuras (guerreiras e amorosas) e procurando a glória que nem a morte lhe deu, deveria dar saltos de contente.

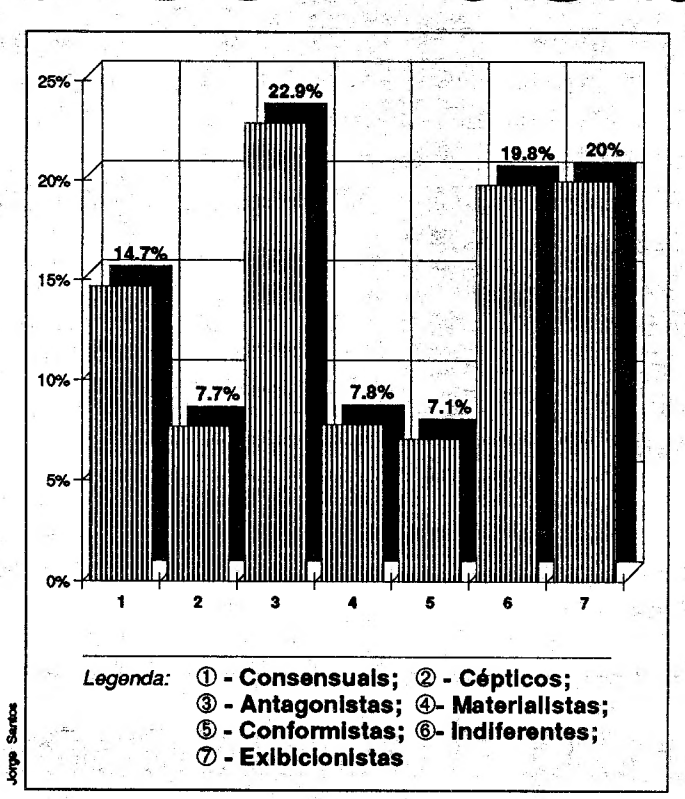
O caso não é para menos, já que a última sondagem Euroteste/«DL» mostra que a figura histórica que os portugueses mais admiram é, indiscutivelmente, a do autor de «Os Lusíadas», batendo de longe Afonso Henriques ou Vasco da Gama, para não falarmos do marquês de Pombal, de Salazar ou do famigerado Zé do Telhado, com cotações muito mais baixas...

O divertido, nesta sondagem sobre os nossos heróis, é que os portugueses — se pudessem — ressuscita-riam preferencialmente (e em paridade) Camões e Sá Carneiro. Depois, optariam por fazer «regressar» nomes tão sólidos como Afonso Henriques e Salazar, mas também Carlos Paião, o marquês de Pombal, Vasco da Gama, Marcelo Caetano, Humberto Delgado e... a Maria da Fonte!

E por que é que será que os portugueses veneram estas figuras? Porque todas elas terão cumprido meritoriamente a nossa contemporânea lista de grandes feitos: arriscar a vida pelo próximo; vencer na vida pelos seus próprios meios; conseguir viver com o salário mínimo; ter um cancro e continuar a viver normalmente; ganhar o Prémio Nobel; ser canonizado; ter ido à Lua? Ou será por que nos meteram isso na cabeça desde os bancos da escola?

Não é fácil responder, ainda que os portugueses acrescentem, àquela lista de actos heróicos, o facto de se ser um atleta de craveira mundial e de se ter combatido na Guerra Colonial.

Coitado do Camões, se se visse metido nesta odisseia moderna!



De tal modo, que o nosso «super-herói» não se encaixa, de maneira nenhuma, nas áreas de actividade das personalidades que os portugueses hoje em dia mais admiram: desporto, televisão/rádio, música/bailado, política e jornalismo. A menos que, no nosso imaginário, o épico tenha sido, *malgré tout* , um pouco de tudo isso.

Assim, só nos resta admitir que nos identificamos com Camões porque este foi o português que, até hoje, melhor respeitou (ou incorporou) a actual lista dos valores que reputamos de mais importantes: saúde, alegria, honestidade, justiça, amizade, lealdade, dignidade, inteligência, trabalho, amor e coragem.

É possível. Até porque as qualidades que os portugueses mais apreciam numa pessoa são a honestidade, inteligência, competência, humildade e coragem.

E mesmo que o épico não tenha sido um poço de humildade, de certeza que não possuiu nenhum dos defeitos mais graves que imputamos a uma pessoa: desonestidade, ódio, falsidade, ganância, cobardia, incompetência, egoísmo e ignorância.

Tudo isto, sem contar que Camões não foi propriamente piloto-aviador, mãe de família, pescador ou mineiro, as profissões que os portugueses consideram as mais heróicas.

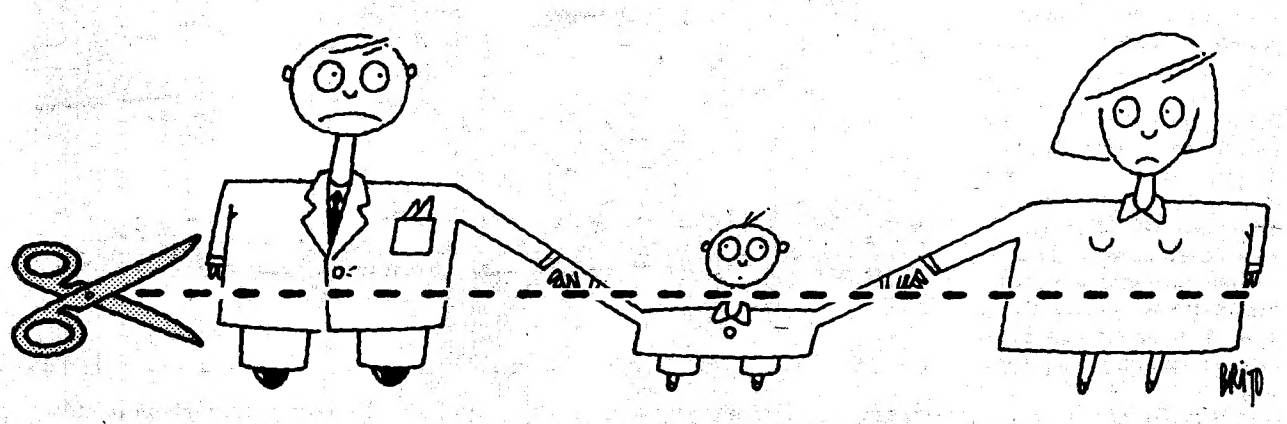
Esta é a síntese de uma interessantíssima sondagem nacional, com mil entrevistas directas e pessoais, com a qual o «DL» pretendeu determinar quem são os antigos e actuais «heróis» dos portugueses.

Porém, como este inquérito lida com conceitos e valores, não se confinando propriamente ao género de em quem é que você vota ou se gosta mais da margarina X ou Y, integraram-se os inquiridos em sete grupos (**ver gráfico nesta página**) caracterizadores da amostra (mil pessoas), os quais, por extrapolação, nos dão uma ideia qualitativa e quantitativa das tendências mais significativas do nosso modo de pensar este assunto.

Neste trabalho de cruzamento das variáveis e definição dos grupos (análise de **cluster**), optou-se por eliminar valores como a saúde, inteligência, honestidade, liberdade, justiça, alegria e dignidade, dado que eles são de tal modo importantes que não servem como factor deiscriminante.

Grupos cuja caracterização e ficha serão publicados em cada uma das edições diárias que dedicamos a este trabalho

João Galamba de Oliveira

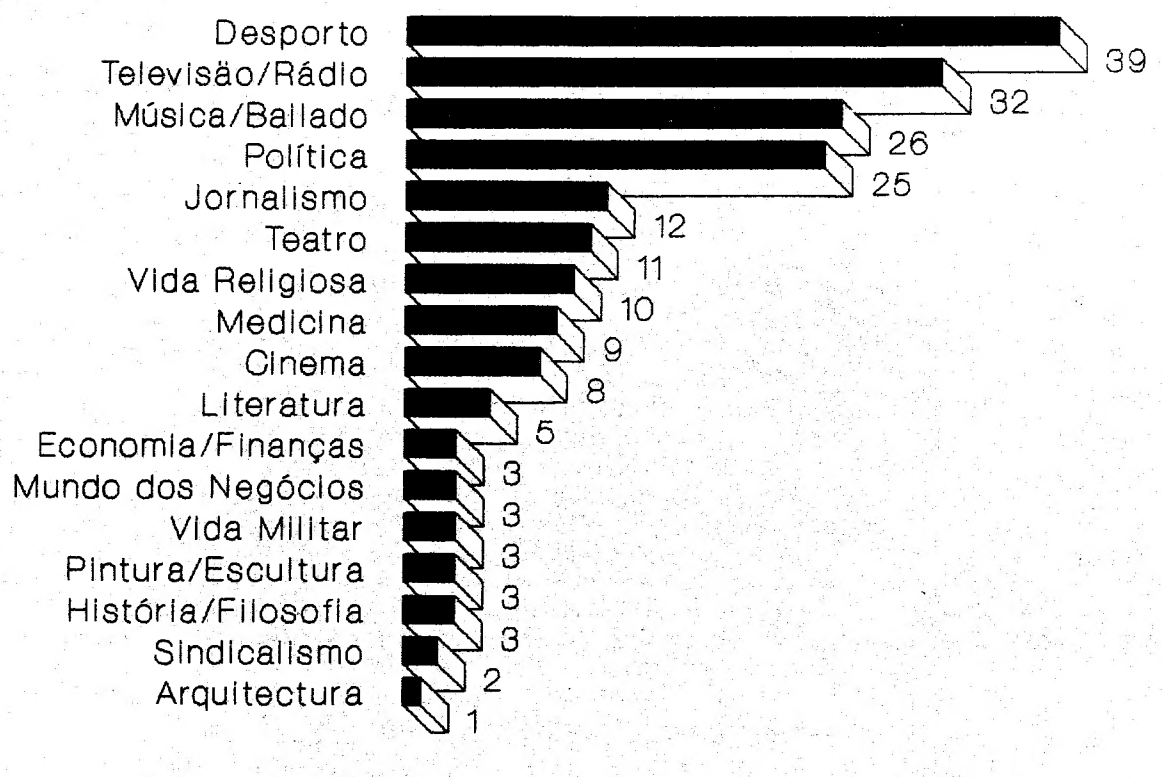


Sondagem Euroteste/«DL»

Grupo dos consensuais:
(14,7 por cento do total de inquiridos)

Idade - 15 a 24 e mais de 65 anos
Sexo - ambos
Classe - média
Habitat - pequeno
Região - Grande Lisboa e Litoral
Herói - quem pratica um feito notável e altruísta
Acto heróico - viver com o salário mínimo
Realização pessoal - todos os valores contribuem
Área preferida - desporto
Admiram - Rosa Mota
Gostariam de ser - Rosa Mota
Ressuscitavam - Camões
Herói-tipo - corajoso e patriota
Anti-herói - desonesto e odiento
Profissão mais heróica - piloto-aviador

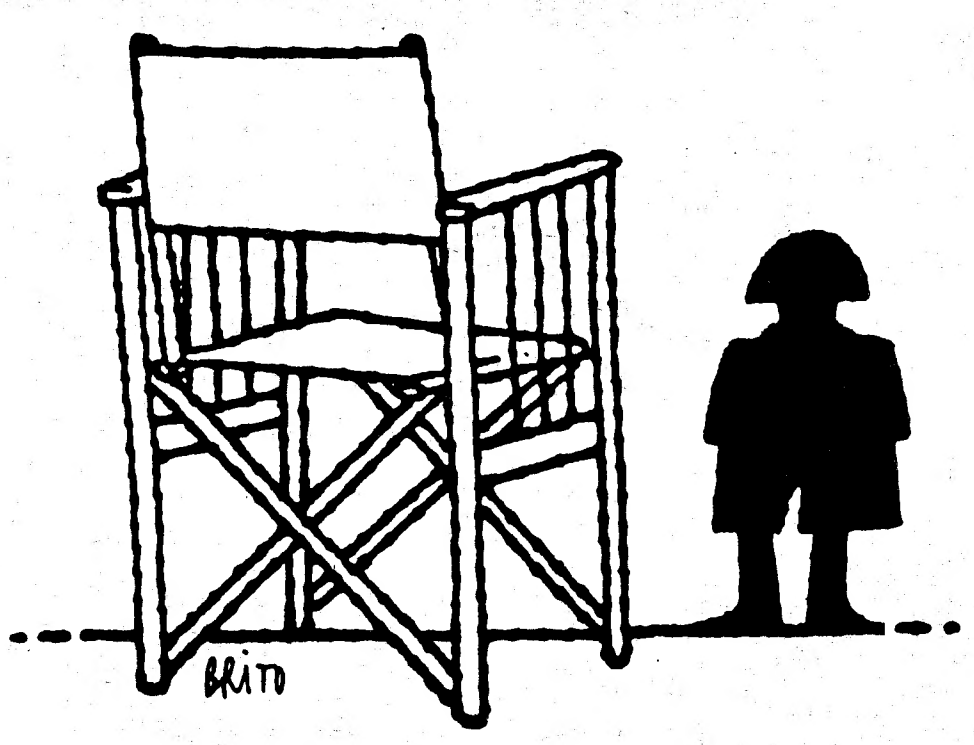
Áreas de actividade com personalidades admiradas



Total: 1ª + 2ª + 3ª escolha

O mundo dos nossos heróis

As pessoas que os portugueses mais admiram movimentam-se nas áreas do desporto, televisão/rádio, música/bailado, política e jornalismo. Porém, não deixam de venerar os santos, os médicos ou os actores



Ainda que o desporto seja a área de eleição para os nossos heróis, tal estatuto deve-se, sobretudo, aos portugueses (esmagadoramente do sexo masculino) que têm idades entre os 22 e os 64 anos.

De facto, quer os mais novos (dos 15 aos 21 anos), quer os mais velhos (mais de 65 anos), desvalorizam essa área em benefício da televisão/rádio e da música/bailado, onde encontram os seus «heróis» preferidos.

Desporto que, ao contrário do que se poderia pensar, é nitidamente sobrevalorizado pela classe média e pela classe alta, já que a preferência da classe baixa vai para a área da televisão/rádio.

Uma adoração um pouco mais expressiva nos grandes e médios agregados habitacionais do que nos pequenos, maior na Grande Lisboa do que no Grande Porto, e que decresce progressivamente da região do Litoral para o Interior Norte e o Interior Sul.

A mulher prefere o audio-visual

A segunda área de preferência, a televisão/rádio, onde as mulheres se sobrepõem aos homens (4,9 pontos acima), é claramente desvalorizada pelas portugueses entre os 22 e os 29 anos de idade, mas hipervalorizada pelo escalão dos 30 aos 34 anos e das pessoas com mais de 65 anos.

Os grandes adeptos desta área são os portugueses que integram a classe média inferior e a classe baixa, e que vivem em agregados pequenos (até 10 mil habitantes) nas regiões do Grande Porto e do Litoral. Curiosamente, as regiões onde os audio-visuais menos pegam em termos de «heróis» são a Grande Lisboa e o Interior Sul.

A terceira área de preferência, a música/bailado, é um feudo dos dois sexos (mas mais feminino) com máxima expressão nos portugueses dos 15 aos 24 anos, vindo depois a decrescer, progressivamente, até ao escalão dos mais velhos.

Os «furiosos» da área da música/bailado são as pessoas que integram a classe média superior, quase 30 pontos acima do índice mínimo, registado para a classe baixa.

Por regiões, esta área recolhe índices bem equilibrados de preferência, ainda que com ligeiro destaque para a Grande Lisboa e o Litoral, e em médios ou grandes agregados habitacionais.

A política é área dos homens

A área da política, que na ordem de preferência dos portugueses recolheu o quarto lugar, é claramente um feudo masculino, com uma máxima expressão no escalão etário dos 25 aos 29 anos e um mínimo no escalão dos 15 aos 21.

Uma área que seduz, principalmente, a classe alta, com 27 pontos acima do índice mínimo, recolhido pela classe baixa. ou com mais 14 pontos do que a classe média superior. E por regiões, vê-se que o Grande Porto lidera os índices de preferência pela política (com mais 4 pontos do que a Grande Lisboa), registando-se o mínimo no Interior Sul (menos 27 pontos do que o líder).

Em quinto lugar de preferência, e para ambos os sexos, surge o jornalismo, uma área valorizada ao máximo pelo escalão dos 18 aos 21 anos, e que recolhe um mínimo de adesão entre as pessoas com 65 anos ou mais.

Uma adesão que ambém é muito mais expressiva na classe alta (23,3 pontos), vindo progressivamente a decrescer até a classe baixa (3,5 pontos).

Esta preferência pelo jornalismo é liderada pela região do Grande Porto (22,5 pontos), seguida da Grande Lisboa (18,1 pontos) e decrescendo até oa mínimo de 4,7 pontos no Interior Norte. Como se vê, é uma escolha nitidamente urbana, em agregados com mais de 100 mil habitantes.

COMENTÁRIO

Uma sondagem que faz o nosso retrato

Os resultados desta sondagem sobre quem são os «Heróis» dos portugueses, que o «DL» começa hoje a publicar, vão constituir um documento importante para **pensar Portugal**.

As sondagens nos seus resultados directos referem o **sentido opinativo** dos entrevistados. Mas, de modo indirecto, funcionam como informação acerca do grau de cultura e conhecimento das pessoas desse universo social. Interrogarem-nos a propósito dos nossos ídolos é de algum modo tirarem-nos o retrato, a nossa própria fotografia. Por isso, na escolha e caracterização dos nossos heróis, vai um pouco, bastante, daquilo que nós somos.

Falar dos nossos heróis é falar dos nossos **mitos**.Dos homens ou das mulheres nos quais misturamos a metade das forças demiúrgicas com a metade das forças divinas.

O conceito de «herói», outrora reservado para os nossos «santos» e «mártires» feitos por Deus ou pela Pátria, recobre hoje significações diversas. Consoante o universo cultural e simbólico das pessoas, especialmente conforme estão posicionadas face aos valores da vida e agrupadas em gerações de diferentes idades, tanto pode referir o santo da confissão religiosa ou o soldado morto na guerra, como a vedeta dos estádios desportivos ou a super-star dos palcos artísticos. Aliás, é o que acontece nesta sondagem.Mas, vamos ao retrato.

Camões, o português mais «querido» dos portugueses, bem pode evidenciar neste **retrato** a angústia com que encaramos a falta de um referencial histórico recente, - feito em factos e não em discursos - que marque a razão e o sentido da nossa história. Eu a julgar que tinham dado cabo do Camões pela forma como o **obrigaram** a conhecer na escola durante anos, mas, afinal, os portugueses, e ainda bem, amam-no acima de todos.

Porém, os mortos que os portugueses desejariam ver ressuscitados e que os leitores vão ter conhecimento no decorrer destes próximos dias, sinceramente já me fazem sentir um pouco incomodado. Referem nostalgias e valores ideológicos, que teremos de respeitar. Mas seria esta a **selecção** desejável para representar e transformar Portugal?

Interessante igualmente para este retrato a ordenação de valores nas qualidades que os portuguese mais admiram nos seus heróis: honestidade, acima de tudo, depois inteligência, competência, humildade, coragem. Um posicionamento que retrata bem o nosso modo de ser e estar no mundo: «pobrezinhos, mas honestos».

Um indicador sociológico importante é a ordem referencial nos campos de actividade onde os entrevistados vão preferencialmente colher os seus «heróis»: desporto, em primeiro lugar, depois no «mundo» mediático, especialmente televisão e rádio, música/bailado, mais música do que bailado, em terceiro lugar, nas vedetas da política e do jornalismo.

Estes resultados, por um lado, comprovam a teoria de que os mass media são hoje para a grande generalidade das pessoas as «janelas» do seu mundo, não só na aquisição dos seus conhecimentos como na interpretação e representação da realidade. Por outro, constituem um aviso sério para os responsáveis pela conduta da cultura e da política deste país. Todos os «heróis» mais designados são escolhidos **transversalmente** pelos **media**. O que não admira, mas deveria fazer pensar. E o que me leva a dizer mais uma vez, que não obstante todas as críticas, ainda são os **mass media** quem mais «ensina» neste país.

José Manuel Paquete de Oliveira

O retrato que esta sondagem sugere sobre os portugueses é rico de mais para caber num comentário. Eu aconselharia a estarem atentos a outros que vão seguir-se e à imaginação dos jornalistas.

GRANDE ANGULAR

Todos elegemos ídolos na infância, mas o imaginário colectivo acaba por ser dominado pelos valores dos media. Hoje, só nos restam figuras do efémero

Heróis em vias de extinção

Somos um povo de poetas e não de heróis. E até os últimos acabam por se reduzir, a nível internacional, a Camões ou a Fernando Pessoa. Não temos um Churchil, um De Gaulle ou um Einstein. As grandes figuras, mesmo as ligadas ao feito dos feitos portugueses, os Descobrimentos, não passaram além—fronteira. Aqueles que nos restam, como figuras omnipresentes, são os do efémero. Criados e alimentados pelos meios de comunicação social. Os heróis nacionais estão em vias de extinção, mas alguns pontos de referência continuam a ser o fio condutor da sociedade.

Afinal quem pode dizer que não teve o seu herói? Para as crianças pouco importa que ele seja o pai ou a mãe, saído dos contos de fadas ou do ecrã da televisão, como o super—homem. É sobretudo nos primeiros anos de vida e na adolescência que os heróis são mais importantes. Ganham uma magia própria, são fonte de projecção. «Os mecanismos de identificação fazem o herói», diz José Gameiro, psicólogo.

Logo, os primeiros a surgirem são os heróis «domésticos», ainda que estes se vão tornando progressivamente figuras reais. Os pais, tantas vezes imitados nos mais pequenos gestos, acabam por aparecer aos olhos dos filhos como pessoas despidas de qualquer encanto especial. Tal como os outros são portadores de defeitos e virtudes e quebra-se a visão idílica dos progenitores.

A necessidade de encontrar o Eu no outro vai-se diluindo a partir da adolescência. Vem a idade dita adulta e o herói perde a força enquanto tal, ganhando o estatuto de modelo de comportamento. Acaba, consciente ou inconscientemente, por estar sempre presente ao longo da vida.

O medo disfarçado

«Penso que os adultos não têm heróis, mas precisam sempre de pontos de referência, visto que ninguém é autosuficiente», comenta José Gameiro

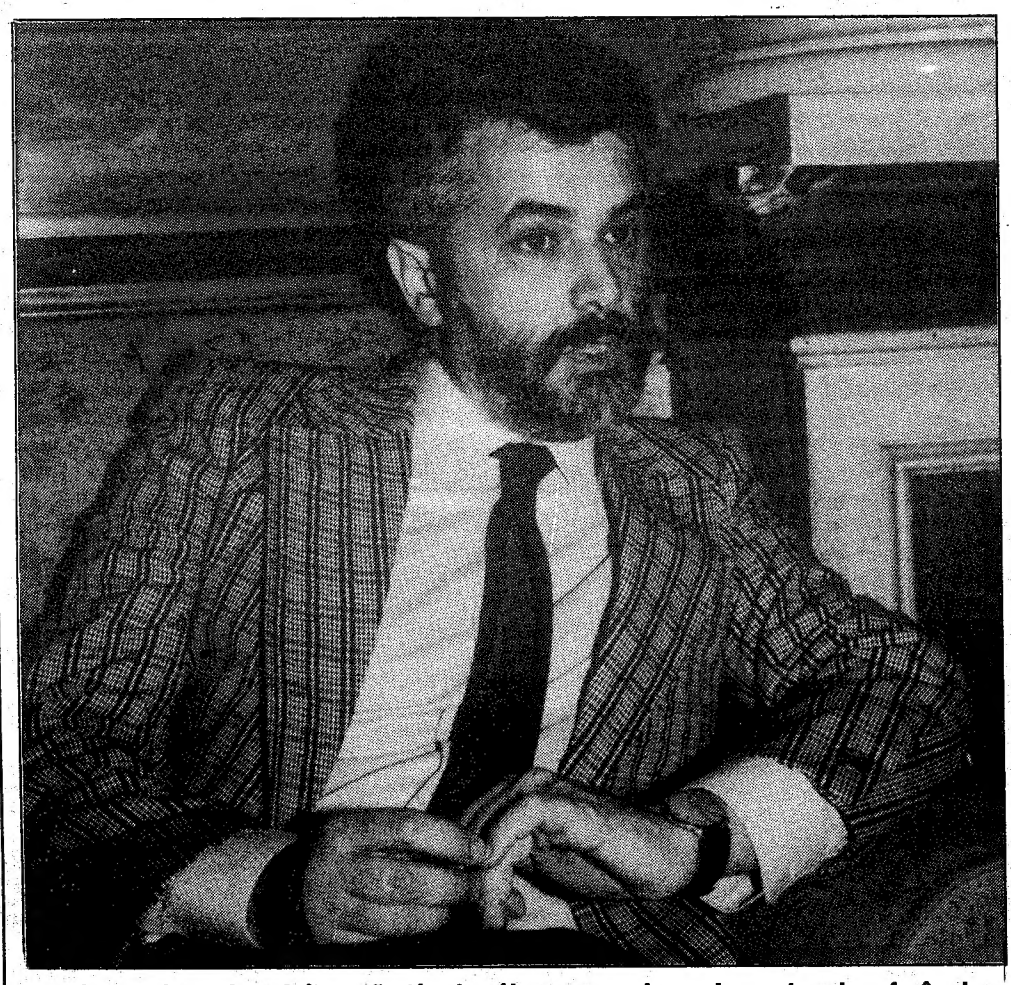
A construção do herói depende sobretudo do contexto sóciocultural. Os arquétipos que prevalecem na nossa sociedade são a valentia e risco físico, associados à generosidade.

Para o psiquiatra Afonso de Albuquerque, o herói não é uma pessoa sem medo, porém, a prespectiva popular é mesmo essa. A designação «general sem medo» é disso exemplo. «O herói é uma pessoa com medo, mas que, em dado momento, consegue controlar e ultrapassar as situações difíceis, ganhando por isso o respeito da comunidade. Só um psicopata é que não tem medo», diz-nos.

O destino trágico, a morte precoce, são, para alguns, ingredientes necessários para a consagração de uma personalidade. «A mitificação de Sá Carneiro surgiu porque ele morreu novo. A tradição católica está aqui implícita: Jesus morreu jovem para salvar a Humanidade», frisou o analista político Jaime Nogueira Pinto.

Hoje os padrões para classificar os heróis talvez sejam mais humildes. Os actos assim considerados são mais episódicos e menos sistematizados. A juventude nega que eles existam, numa tentativa de resistir ao conceito tradicional. Não se reconhece no herói histórico, pois os valores que o enferma, como abnegação pela Pátria e luta pela Nação, deixaram de fazer sentido.

Segundo José Gameiro, «actualmente as grandes personagens nacionais perderam a importância. Hoje já ninguém se identifica com o Egas Moniz. Figuras deste tipo têm muito pouco impactenos jovens.»



José Gameiro: «Os adultos não têm heróis mas precisam de pontos de referência»

«Corrida dos ratos»

Afonso Albuquerque afirma: «O herói baseia-se cada vez mais num individualismo feroz, no *self-made man*. Há um desequilíbrio entre a dimensão social e individual. É a chamada *corrida dos ratos*».

No entanto, ainda não se caiu no extremo de consagrar como herói aquele que eleva o PIB, por exemplo, de 4,5 para 5 por cento. Jaime Nogueira Pinto considerou que existe uma desadequação entre a componente política centrada nos modelos económicos e a produção de heróis.

A tal «corrida de ratos», caso seja exacerbada, leva o indivíduo a reger-se pelo «consumo, logo existo». O vazio instala-se. Há quem diga que a década de 90 será diferente. «Começa-se a assistir a um desencanto e ao fugir do individualismo feroz da sociedade. A sobrevivência está garantida, mas falta a rede social de apoio», disse Afonso Albuquerque.

O imaginário colectivo actualmente vive muito dos valores transmitidos pelos media. Sobretudo a televisão cria e desfaz figuras de primeiro plano, num processo vertiginoso, atingindo massas como nenhum outro meio havia conseguido. O autor francês de «L'Age des Foules», Serge Moscovici, escrevia que um indivíduo hipnotiza mil vezes mais pessoas se veicular a sua mensagem através dos meios de comunicação social, seja no seio de um jornal, perante os microfones da rádio ou diante das câmaras de televisão.

«Depois do capitalismo industrial e financeiro eis um capitalismo simbólico que em vez de estar alicerçado na máquina ou no dinheiro está-o na comunicação. Os media produzem um consumo enorme de prestígio, acentuando a distância entre dirigentes e dirigidos», acescenta.

Para Serge Moscovici todo o chefe, todo o homem de Estado deve, entre outros talentos próprios, possuir a arte da Imprensa: (in)formar o público com o fim de o transformar em partido e dar-lhe os impulsos necessários para ser seguido. Assim, considera, que «hoje as vedetas políticas precisam apenas de uma personalidade radiofónica e telegénica. Isto não pressupõe cultura, dom literário ou imaginação, mas apenas o uso de alguns rudimentos da arte do comediante».

Os resultados obtidos na sondagem «DL» revelam que o desporto, com 38,8 por cento das preferências, é a área onde os portugueses encontram maior número de ídolos, entre eles Rosa Mota e Paulo Futre. Reconhecidas são também as vedetas televisivas (31,9 por cento), seguidas das figuras do mundo musical (26,2 por cento). O sector político começa a perder peso, registando apenas 24,5 por cento das preferências dos inquiridos.

Isto demonstra que o herói depende agora da importância que os meios de comunicação social lhe atribuem. A imagem do sucesso e do dinheiro tem muito a ver com os novos valores da sociedade.

Maria Bendita Monteiro, psicóloga, refere que o super-homem pode não ser um herói para o adulto, mas admite que talvez Charlie Sheen, no filme «Wall Street», ao encarnar um *yuppies* consiga funcionar como um modelo.

Por isso mesmo, há dois tipos de heróis. Os que o serão sempre, e esses ficam para a História, e os que ao mais pequeno abalo caem. Em Portugal vive-se muito dos heróis do efémero, do momento. As figuras carismáticas, como Mário Soares, acabam por preencher este espaço referencial.

Ana Mafalda Inácio e Paula Sá

Chamaram a Spínola «o último herói romântico do Ocidente»

O culto nacional pelo risco de vida

«Ao retratarmos mais este exemplo digno de figurar na privilegiada galeria dos nossos mais destacados heróis, vão V. Exas. ser testemunhas das magníficas qualidades militares, morais e cívicas desse homem que, em 22 de Outubro de 1965, em acção no Ultramar, quando a coluna em que seguia sofreu uma emboscada, de que resultou ter sido mortalmente atingido e fulminada a maioria dos seus camaradas, mesmo assim, após ter contribuído com a sua arma para a debanda dos atacantes, assistiu aos seus camaradas feridos até que, exangue e desfalecido, a morte o surpreendeu. Por este feito, o soldado-maqueiro Manuel Marques Sardão recebeu, a título póstumo, o Grau de Cavaleiro, com Ordem de Palma, da Ordem Militar da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Mérito, no Mosteiro da Batalha», in «Combatente», revista da Liga dos Combatentes, de 9 de Abril de 1990.

A sociedade civil já não se revê neste tipo de discurso. Ele é adequado ao simbolismo próprio à instituição militar. Em Portugal, as Forças Armadas foram as últimas a produzir heróis nacionais. Otelo Saraiva de Carvalho e António Spínola materializam, neste campo, o culto nacional pela coragem, pelo risco da vida em prol da comunidade.

Vivemos numa época de paz, é certo. Mas é precisamente nestes períodos que os militares — até porque precisam de lembrar à sociedade que são indispensáveis — ressuscitam os que se destacaram por bravos feitos.

«O herói militar é aquele que tem a oportunidade de demonstrar abnegação, desprezo pela própria vida, em defesa de uma causa, de uma comunidade humana ou de uma nação.» Não identificamos a afirmação propositadamente. Os militares, e falamos com bastantes, foram unânimes ao traçar o perfil de herói. Evocaram valores retirados da mesma «cartilha». «Ele está muito ligado à coragem física e ao grupo», frisou ao «DL» o general Altino Magalhães, presidente da Liga dos Combatentes.

Quando se pediu aos portugueses que conceptualizassem um acto heróico optaram pelo item risco da vida (39,3 por cento) e deixaram muito aquém o do combate na guerra colonial (4,8 por cento). Isto demonstra que a comunidade faz vénias à valentia, mas prefere ignorar a que ficou ligada a uma guerra que lhes dizimou os seus filhos.

Por outro lado, o herói militar nunca se projectou além dos anais da História ou de um nome inscrito, a letras douradas, num dos monumentos nacionais. Não produzimos filmes sobre a guerra de África (à excepção de Manoel de Oliveira com o filme «Non, ou vã glória de mandar») como os norte-americanos fazem em relação ao Vietname. Temos, porém, um Presidente da República preocupado em homenagear os soldados mortos em combate. Na última visita à Guiné, Mário Soares, ignorando as advertências de uma possível questiúncula diplomática com o Executivo guineense (que não se chegou a verificar), visitou o cemitério onde estão enterrados compatriotas nossos.

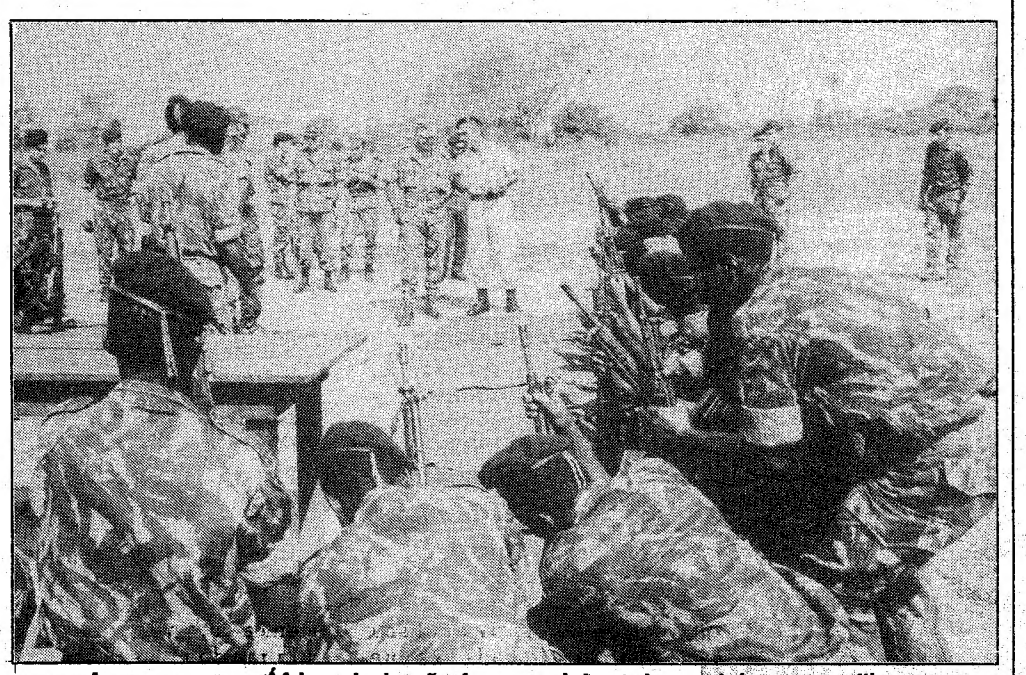
O heroísmo surge marcado pela distância temporal. Por esse motivo há quem pense estarmos ainda muito próximos da guerra de África para se falar de heróis. Tanto mais que ligá-los a um conflito «perdido politicamente» é sempre penoso.

Mais fácil é destacar as figuras de proa do 25 de Abril. Otelo Saraiva de Carvalho (40,8 por cento) encabeça os heróis da Revolução, seguido de António de Spínola (23, por cento), Costa Gomes (19,3 por cento) e Jaime Neves (17,5 por cento). Entre as figuras militares reconhecidas pelos portugueses surge o nome do general Soares Carneiro (29 por cento), o que demonstra que as referências públicas pesam nestas coisas de heróis nacionais.

Na Guiné, durante a guerra colonial, Spínola tornou-se um verdadeiro mito. Dele se contavam histórias quixotescas, de valentia levada ao extremo e de elegância militar. Histórias de um general que enfrentava, de pé e cabeça erguida,— sempre munido do monóculo, luvas brancas e bengala — os ataques mais ferozes da guerrilha guineeense. Talvez por isso, após a Revolução de Abril, a revista francesa «Paris Match» o tenha considerado «o último herói romântico do Ocidente».

Sem saudosismos de qualquer espécie, podemos hoje afirmar que cada vez será mais difícil encontrar heróis deste tipo. As guerras tendem a fazer-se à distância. E se alguém tiver a infeliz ideia de carregar no botão de lançamento de um míssil nuclear, mesmo que sobreviva à catástrofe, será a último a ser (e a querer ser) considerado Herói.

Paula Sá



As guerras em África ainda não foram «elaboradas» e há poucos filmes ou livros que delas falem

Brandos costumes não criam mitos

«Lear: Reconheces-me camarada?
Kent: Não, senhor. Mas, tem qualquer coisa no seu modo que me leva a chamá-lo mestre.
Lear: O quê?
Kent: A autoridade.»

Shakespeare (King Lear)

Quatro séculos passaram desde que Shakespeare escreveu *King Lear*. Mas, na sociedade dos nossos tempos, a autoridade e o carisma ainda identificam o político, o herói, aquele que fascina as massas e se torna o seu objecto de «adoração». Winston Churchill é um exemplo. Nele, a autoridade não foi apenas uma expressão encenada, mas um dom, que o consagrou herói político deste século. Sergei Moscovici escreveu, em *L' Age des Foules:* «O carisma é ao mesmo tempo uma graça e um estigma. Dá ao seu possuidor uma marca de excesso. Ao redor da sua personalidade cria-se uma espécie de comunidade de fidelidade e de esperança, que escapa à hierarquia.»

No entanto, há quem diga que o carisma repousa mais na crença das massas do que nos talentos pessoais de um indivíduo. Para o comentador político Jaime Nogueira Pinto, «os portugueses são um povo de brandos costumes, não muito dado a heróis». Por isso, ao folhearmos as páginas da nossa História até pode ser um pouco difícil encontrar um herói político. O que se encontra, sobretudo, são figuras centrais de determinados momentos históricos, os chamados heróis das maiorias sociais. É o caso de Sidónio Pais ou de Mouzinho de Albuquerque que, no início do século e num período conturbado da política do País, foram considerados heróis, mais pelo seu carisma do que por terem posto a vida em risco.

«Sidónio pode ser considerado herói porque teve um momento próprio para se criar toda a mística em torno dele. O heroísmo português está muito ligado ao feito guerreiro e ao fracasso pessoal, pela morte. O nosso modelo de homem político é o dos consensos, precisamente o contrário do de herói. Por isso, em Portugal, apenas se pode falar do herói como figura central »— explica-nos Jaime Nogueira Pinto.

Jaime Nogueira Pinto

Neste sentido, há o herói Soares. Ele é o homem dos consensos, o protagonista de uma figura central que com o seu «*fair-play*» tem apaixonado portugueses. Os resultados da sondagem «DL» mostram-nos precisamente que, aos olhos do povo, ele é a figura política mais admirada, com 58,2 por cento.

Jaime Nogueira Pinto considera que é o próprio regime democrático que desmotiva a criação do herói. «É difícil encontrar na democracia figuras de choque. Mesmo, nas forças políticas que consagram ideologias mais exclusivistas, em que o líder é um herói, a construção teórica, que passa pela colectivização, apaga a ideia de grandes homens» —disse-nos.

Por outro lado, os regimes portugueses, bem como a literatura têm contribuído para a descrença na classe política, votando-a, por vezes, ao ridículo. E desta forma não há mecanismos de identificação que gerem heróis políticos. Senão vejamos: Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz não se coibiram de ridicularizar a classe política nos seus livros, «*A Queda de Um Anjo*» e «*O Conde de Abranches*». Jaime Nogueira Pinto diz-nos que o próprio 28 de Maio de 1926 foi um golpe contra os políticos e que o regime do Estado Novo também nunca os promoveu de forma a torná-los heróis. «A história portuguesa dos últimos tempos não produziu as condições necessárias para a existência de heróis. Mesmo as figuras políticas que estavam na oposição nunca foram mártires na verdadeira acepção da palavra» —sublinhou .

A Idade Média, por exemplo, foi das épocas que mais heróis criou. As regras do jogo eram bem transparentes e a vitória conseguida com bravura no campo de batalha. «O número de heróis varia na razão directa do risco, do suplantar as dificuldades. A ideia de vitória a qualquer preço quebrou a heroicidade»— refere-nos ainda.

Hoje não se pode falar tanto de heróis políticos. Tanto mais que estes, a maioria das vezes, são considerados uns «fala-barato». «O culto hoje faz-se em torno do sucesso. Voltamos aos arquétipos da Grécia e os heróis políticos são substituídos pelos do desporto. São estes que movimentam agora as massas» — disse-nos.

A.M.I

POLÍTICA

POSTO DE ESCUTA

Dogmatização
«Seria um perigo que, numa situação como é a da Perestroika, se começassem a dogmatizar certos princípios»
Álvaro Cunhal

Aprendizagem
«O sistema socialista tem de aprender com o capitalista. Vice-versa? Custa-me a admitir que o capitalista queira deixar de explorar»
Idem

Pluralidade
«De há muito, no nosso programa para Portugal, introduzimos as diversas formas de produção»
Idem

Vanguardismo
«O nosso partido não se afirma de vanguarda por a institucionalizar. É vanguarda por defender os interesses dos trabalhadores. O PS e o PSD também podem dizer que são de vanguarda. À vontadinha! Mas só dizer...»
Idem

Desintegração
«Tenho pena que qualquer membro do meu partido, em determinado momento, não o sinta como seu. Para nós, é uma pena que alguns elementos se desintegrem do partido»
Idem

Preversão
«Em relação às normas estatutárias do nosso partido, há uma grande preversão junto da Opinião Pública... Veja quantas expulsões existem no PS e no PSD e quantas no PCP. Há no nosso partido uma grande tolerância. Dê-se ao trabalho de comparar os nossos com os estatutos de outros partidos. Terá muitas surpresas»
Idem

Sacrifício
«Há possibilidades reais de entendimento entre comunistas, socialistas e outros democratas. O PS, sózinho, não vai lá... Não estamos dispostos a apoiar o PS, estamos dispostos a entendendermo-nos com o PS. Estamos dispostos a muitos graus de sacrifício, como já mostrámos nas eleições presidenciais, no voto para assegurarmos a defesa da democracia... Não há outra solução: se não houver convergência, não há alternativa»
Idem

«Grande Júri TSF» de 2/6/1990, Álvaro Cunhal entrevistado por Teresa de Sousa, Fernando Alves e Emídio Rangel

Socialistas açorianos assumem-se como alternativa

Transbordante de optimismo, o VI congresso do PS regional apostou também na reorganização interna

A perspectiva da tomada do poder nas próximas eleições regionais marcou indelevelmente o VI Congresso do PS/Açores, que este fim-de-semana se realizou na Horta. Os socialistas do arquipélago adoptaram uma linguagem transbordante de optimismo e prosseguem o trabalho de reorganização interna. O resultado só as urnas o ditarão.

Unido em torno do seu líder reeleito, Martins Goulart, cuja moção de estratégia foi aprovada por unanimidade, o partido reconheceu que «precisa mais do que a digestão lucrativa de erros de terceiros», como afirmou o outro «homem forte», o antigo deputado Carlos César. O PS/Açores percebeu que potenciar no próximo sufrágio o descontentamento da população face ao poder social-democrata não é suficiente. Por isso esboçou uma estratégia alternativa.

Na moção única, significativamente intitulada «Preparar a vitória», o rigor financeiro da Região Autónoma constitui a principal preocupação. Aos socialistas desagrada o papel de pedintes que os governantes regionais fazem perante o poder central. Daí que, defendendo a renegociação da dívida, afirmem estar mesmo na disposição de negociar com o Estado a «crise financeira», mesmo antes de serem Governo, como disse Goulart no seu último discurso.

O documento preconiza a adopção de relações «pragmáticas» com o poder central. Lança, por outro lado, as bases de um desenvolvimento assente na valorização estratégica dos Açores, denunciando, paralelamente, a ocupação, pelo PSD, dos postos-chave da Administração Regional, ao cabo de 16 anos.

Estatuto autonómico

Em paralelo à transmissão de uma antecipada mensagem de poder para o exterior, os socialistas açorianos procuraram preparar o partido para o desafio eleitoral. Uma alteração estatutária permitiu a criação de um gabinete de estudos, a funcionar sob a alçada do líder - agora designado de presidente e não secretário-coordenador - e a redução do número de membros por inerência da Comissão Política Regional. Carlos César, que há algum tempo deixou S. Bento para se dedicar por inteiro à reorganização do PS açoriano, passa a vice-presidente, liderando o Secretariado. Este órgão é constituido por Armando Castro, Luis Filipe Cabral, Fernando Fontes, Albano Pimentel, José Humberto Chaves, Lizete Silveira e Oliveira Rodrigues.

Falando na sessão de encerramento do congresso, o secretário-geral socialista deu um «empurrão» ao optimismo dominante, ao afirmar que a reunião magna «é mais um ponto de partida para o futuro próximo, futuro que será de confirmação desta mensagem de responsabilidade, de predisposição e preparação para o Governo».

Sustentando a necessidade de consolidação da autonomia, Jorge Sampaio manifestou a disponibilidade do PS para aprovar na Assembleia da República, o mais rapidamente possível, o Estatuto Político-Administrativo dos Açores.

Durante o congresso, Goulart anunciou a adesão ao partido de mais de 200 pessoas. No grupo, de acordo com a agência Lusa, figuram Paulo Bermonte, ex-dirigente do PRD, Silva Cardoso, director do Banco Comercial dos Açores, Luis Arruda, delegado de saúde em S. Miguel e Paulo Martinho, responsável pelo departamento de programas da delegação da RTP. O autarca José Carlos Macedo, que «suspendera a militância» durante a preparação das eleições autárquicas, vai regressar.

Redacção «DL»

Eurico Vasconcelos

Goulart: o PS/Açores não pode confiar apenas no descontentamento

Mendes Bota ao ataque

Regionalização está madura

Jovens da JSD algarvia consideraram urgente a regionalização do País, preconizando a criação da região-piloto da Algarve. Durante o Primeiro Congresso Regional da Juventude do Algarve que decorreu este fim-de-semana em Portimão, militantes da JSD apoiaram Mendes Bota na afirmação de que «a regionalização está madura».

O eurodeputado do PSD disse acreditar na regionalização que, em seu entender, «já está madura». Segundo ele, «não é preciso estudar mais nada» sobre o tema, mas a sua calendarização «é da responsabilidade do PSD».

Mendes Bota justificou o atraso da descentralização e desconcentracção regionais por «imperativo constitucional». Na opinião do ex-presidente da Comissão Política Distrital do Algarve do PSD, é no capítulo da criação e institucionalização das regiões que «tem residido o principal obstáculo à concretização do processo de regionalização».

Por imperativo constitucional, «as regiões administrativas terão que ser criadas simultaneamente, o que obriga as forças políticas a tomarem opções quanto ao número e à delimitação das regiões a criar», acrescentou Mendes Bota.

Ensino, cultura, desporto, turismo, habitação e ambiente foram outros dos temas abordados no I Congresso Regional da Juventude do PSD do Algarve. Sobre o primeiro, os participantes defenderam a sua reformulação, assente numa revisão dos conteúdos programáticos de forma a aproximar a escola da realidade do mundo do trabalho. Para os jovens social-democratas algarvios, essa revisão terá que «apostar fortemente» na formação profisional, numa melhor orientação vocacional e na valorização da classe docente.

Quanto à habitação os jovens algarvios defendem a lei que o Governo está a preparar sobre o arrendamento, documento que consideram poder vir a contribuir para a resolução dos problemas do sector, nomeadamente a falta de casas.

Redacção «DL»/Lusa

Mendes Bota

RTP ajuda telejornais da Guiné-Bissau

Cavaco vai falar com Nino amanhã por via satélite

Cavaco Silva e Nino Vieira terão amanhã uma conversa de circunstância que assinalará a inauguração das comunicações via satélite entre Portugal e a Guiné-Bissau. Separados por quatro milhares e meio de quilómetros, os dois países têm vindo a incrementar as suas relações no domínio das telecomunicações de que a recepção televisiva via satélite é a última grande novidade.

Os testes finais antes do diálogo que Cavaco e Nino amanhã manterão, decorreram na semana passada. Além de terem permitido visionar em directo o Benfica-Milão, têm contribuído para que os telejornais da Televisão Experimental da Guiné-Bissau se sirvam diariamente das imagens da informação de política internacional da RTP. Daí resulta esta garantia: os telespectadores guineenses vão poder acompanhar o «Mundial» de Futebol.

A entrada em funcionamento de uma estação terrena de comunicações via satélite para recepão televisiva implica um investimento global de 600 mil dólares (cerca de noventa mil contos), despendido integralmente pela Guiné-Telecom, empresa associada da Companhia Portuguesa Rádio Marconi, que detém 51 por cento do capital social.

De entre os investimentos já efectuados pela Marconi na Guiné-Bissau, no âmbito da sua participação na Guiné-Telecom, figura a recuperação da parte da rede telefónica do país, para o que foram criadas condições para instalar novos telefones e telexes.

A Guiné-BIssau tem actualmente seis milhares e meio de assinantes de telefone e 118 de telex. Os investimentios nesta área vão permitir expandir a central de telex para mais três centenas de assinantes.

Redacção «DL»/Lusa

POLÍTICA

Eleições na maçonaria à espera dos veneráveis

Os votos das «diferentes casas» que compõem o Grande Oriente Lusitano ainda não chegaram ao Grémio Lusitano, disse Raúl Rego ao DL. Desconhece-se o nível de aceitação da única lista candidata, liderada por Ramon de La Féria mas, até agora, «a Grande Dieta não recebeu qualquer pedido de impugnação», apesar do descontentamento que rodeou esta eleição.

A candidatura de Santinho Cunha e Nuno Godinho de Matos, para grão-mestre e grão-mestre adjunto, foi rejeitada num «golpe de secretaria», baseado em razões logísticas, como noticiámos sexta-feira. Restritas a uma só lista, as eleições realizadas este fim de semana só terão significado quando se conhecer o índice de abstenções ou o quantitativo de votos brancos e nulos, o que não vai acontecer tão cedo, como nos garantiu ainda o grão-mestre em exercício.

As eleições, explicou Raúl Rego (esquecendo parte da regra de silêncio praticada na maçonaria) «foram convocadas pelo venerável de cada loja» e terá de ser ele a «comunicar os resultados», sem que para tal exista uma data específica. Serão depois apreciados pela Grande Dieta (o parlamento maçónico) e só então Ramón de La Féria, Sousa Dias e o comandante Corte-Real, do Porto, serão empossados.

Cabe ainda à Grande Dieta tomar posição sobre o acordão do Supremo Tribunal Maçónico que inviabilizou a candidatura de Santinho Cunha e Nuno Godinho de Matos. Estes acataram a decisão, mas na ordem há quem defenda que o tribunal «não está legalizado», não tomou posse de acordo com a praxe maçónica, pelo as suas deliberações «são nulas».

Um «golpe do Grau 33»

A escolha de novo grão-mestre agudizou a crise existente no Grande Oriente Lusitano, entre duas gerações de «irmãos». A que vem dos tempos da clandestinidade recusa abertura ao «mundo dos profanos» (os não iniciados), segue com rigor a regra de silêncio e, ao longo dos anos, tem sido conotada com a «velha guarda» do Partido Socialista, republicana e jacobina. Mas em simultâneo existe um grupo de iniciação recente, mais aberto aos valores sociais e menos conotado politicamente. Depositou grandes esperanças na eleição de Santinho Cunha e considera que a rejeição se ficou a dever a «um golpe do Grau 33», o mais alto da hierarquia maçónica, onde só se chega depois de anos de iniciação e «muitos trabalhos de índole fisosófica».

Tais acusações assumem outro significado quando se sabe que a cisão de 1914, na maçonaria portuguesa, se verificou entre o grão-mestre, conselho da ordem e Grande Dieta, por um lado, e o Supremo Conselho do Grau 33, por outro. Na altura, os «pais» do saber maçónico acusaram a ordem de ligações demasiado estreitas ao Partido Democrata, consideraram irregular o Grande Oriente Lusitano e organizaram um grémio próprio, com sede na Rua de S. Pedro de Alcântara. Por isso a maçonaria portuguesa é considerada irregular e está integrada num grupo que não ultrapassa 60 mil maçons, de França, Itália e Bélgica.

Os regulares, que se reorganizaram em Portugal depois da cisão Palma Carlos, há sete anos, fazem parte de uma «família» com 70 milhões de membros.

M.G.L.

Raúl Rego: «Os resultados serão comunicados pelo venerável de cada loja»

Ambientalistas concorrem às europeias

As eleições presidênciais, apesar de à partida estarem muito menos concorridas do que as anteriores, provocaram o interesse de um pequeno grupo de cidadãos preocupados com o futuro do planeta.

Os promotores da «Candidatura Ambientalista Autónoma», Luis Filipe Marques, técnico florestal, João Reis Gomes, arq. paisagista e José Carlos Costa Marques, professor, apelam a todos os cidadãos, independentemente da sua filiação partidária, para que se juntem ao movimento.

«O nosso apelo dirige-se a todos quantos. apoiando outras candidaturas e tendo compromissos partidários assumidos, concordam, apesar disso, que uma candidatura ambientalista suprapartidária, enriqueceria o debate nacional que umas eleições presidênciais sempre proporcionam», pode ler-se no comunicado distribuído à Imprensa.

As palavras de ordem da candidatura, «Fertilidade, Solidariedade e Criatividade», são apenas o ponto de partida para o debate mais aprofundado de um sistema económico que «não se auto-destrua, destruindo o planeta».

Redacção DL

PSD: sinal de arranque, no Porto

De mangas arregaçadas ao cheiro das eleições

Cavaco Silva afirmou no Porto que «ao PSD começa a chegar o cheiro das eleições» e que as festas do 16º aniversário do partido foram «como que o arranque para as legislativas de 1991». «Essas são as nossas eleições», garantiu, acrescentando que «as outras não as queremos partidarizar porque são, apenas, presidenciais».

O primeiro-ministro fazia, assim, a primeira das suas três intervenções públicas, durante o fim de semana, no quadro das comemorações do 16º aniversário do PSD.

Foi ao jantar de sexta-feira passada, perante uma plateia de mil e duzentos fiéis, e o presidente do partido maioritário espicaçou os seus correligionários a «manterem a coesão» e a «arregaçarem as mangas» porque, disse, «estamos em condições de chegar a 91 e tentar de novo a maioria absoluta».

«Os nossos adversários às vezes esquecem-se do que são os PSD's em campanha, de mangas arregaçadas», concluiu Cavaco Silva, na onda de evocações dos primórdios do partido de Sá Carneiro e no tom comicieiro previamente afinado pelo diapasão de Alberto João Jardim, presidente do Governo Regional da Madeira.

Este discurso de Cavaco Silva foi, essencialmente, voltado para o interior do seu partido: o de sábado, ao fim da tarde, já se transformou em comício, de fio a pavio, tendo o primeiro-ministro feito render, perante milhares de pessoas, os juros eleitorais do 14º mês das pensões de reforma, anunciado de véspera. Glosou, ainda, o tema consabido dos êxitos da política económica dos seus governos, nomeadamente a criação de 300 mil novos postos de trabalho, ao que afirmou.

Afirmação do Norte apoiada por empresários

Mas houve mais nas festas organizadas por Luis Filipe Meneses e em que a Distrital do Porto mobilizou boa parte das suas energias com vista à institucionalização do «protagonismo» que o seu presidente entende caber-lhe, como maior e mais importante organização distrital partidária.

O vice-presidente da bancada parlamentar do PSD tem beneficiado, nesta cruzada pela imposição da força do Norte no interior do partido, do apoio financeiro de um grupo de empresários -com Laurindo Costa, Américo Amorim e Pinto da Costa à cabeça- que se reunem ao jantar, de 15 em 15 dias, e que se diz valerem, juntos, uns 100 milhões de contos. A alma dessas reuniões é um indefectível de Meneses, José Baptista de seu nome e que, como representante de maquinaria para a indústria têxtil, tem em todo o Norte uma rede de relações pessoais inestimável.

O modo como as comemorações do 16º aniversário do PSD decorreram e o fôlego que elas vieram dar ao partido no poder - depois do Congresso e à partida para a caminhada eleitoral- muito se deveram à confiança desses empresários na capacidade da Comissão Política Distrital para inflectir a política partidária no sentido de valorizar o peso efectivo do Norte do País. As comemorações já estavam, aliás, em marcha, por exclusiva responsabilidade do staff de Luis Filipe Menezes, tendo-se-lhe colado, posteriormente, a Comissão Política Nacional com o aval e o reconhecimento de Cavaco Silva, publicamente reafirmados em diversos actos durante o fim de semana.

Destaques nesse programa de aniversário do PSD: um colóquio sobre as autonomias regionais -animadíssimo, em função das intervenções de Mota Amaral e, especialmente, de Alberto João Jardim, na glosa às versões avulsas da dívida madeirense à República; o jantar dos fundadores do PPD e deputados à Constituinte, alguns já desligados do partido, com 998 entradas pagas, a dois contos por cabeça; o lançamento da primeira pedra do monumento a Sá Carneiro, no meio do jardim da praça com o seu nome -custa 20 mil contos, é um conjunto de pilares, da autoria do escultor Gustavo Bastos, com 10 metros de altura e 20 de largura, tendo embutido num deles o busto do fundador do PPD/PSD; e o comício na Foz.

Em tempo: surpreendeu, de algum modo, o distanciamento de Eurico de Melo de todos os actos públicos em que participou o primeiro-ministros. O antigo vice-presidente do PSD apenas esteve no colóquio sobre as autonomias regionais, em que não participou Cavaco Silva, e não foi mais visto durante o festivo fim de semana organizado pela Comissão Política Distrital do Porto do PSD.

Daniel Reis

Cavaco Silva no Porto: «As nossas eleições são as legislativas: as outras são, apenas, presidenciais»

BREVES

LIFUCO quer criação de novos concelhos

A necessidade de revogação da Lei-Quadro da criação dos novos concelhos vai ser defendida amanhã pela Liga dos Futuros Concelhos, em reunião com o Grupo Parlamentar do PCP. Os responsáveis da LIFUCO aproveitam a deslocação ao Parlamento para debater a problemática dos novos concelhos com a comissão parlamentar de administração do território, poder local e ambiente.

PCP inicia contactos com partidos

O PCP iniciou esta manhã uma ronda de encontros com os «partidos democráticos», com vista ao estabelecimento de formas de diálogo e cooperação, partindo da análise política. A série de contactos alarga-se ao PS, mas não contempla nem o PSD nem o CDS. Os contactos começaram esta manhã com uma reunião com a Intervenção Democrática. Um responsável do PCP disse ao «DL» que estes encontros se inserem «na preocupação de construção de uma alternativa democrática ao actual Governo». A Comissão Política do PCP analisa hoje também a situação política, enquanto o Grupo Parlamentar apresenta ao princípio da tarde iniciativas que tomará na área da educação e do ensino. O tema vai estar em foco amanhã na Assembleia da República na interpelação do PS ao Governo sobre formação profissional e o acesso ao ensino superior.

PS quer acautelar Lisboa e Porto

O PS vai apresentar à Assembleia da República um projecto de lei que visa criar as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, visando com tal inicitiva que sejam pessoas colectivas de direito público com natureza intermunicipal. Esta informação foi prestada por Jorge Lacão, vice-presidente do Grupo Parlamentar socialista e presidente da Fundação Antero de Quental, no final de um seminário promovido por esta instituição sobre o «Desenvolvimento Regional do Baixo Mondego». De acordo com este deputado do PS, o PDR do Governo «não é de desenvolvimento e não tem contribuído para resolver as assimetrias regionais».

Provedor de Justiça toma posse amanhã

Mário Raposo toma posse amanhã como Provedor de Justiça. Em entrevista à Rádio Renascença defendeu que o Provedor «não se pode deixar politizar», mas também «não pode estar obsessivamente contra o Governo». O novo eleito definiu o cargo que vai ocupar como «uma entidade que deve estar firme, vendo os poderes passar e assumindo sempre a mesma posição de verticalidade e isenção». Disse ainda que «o Provedor de Justiça é mal conhecido em Portugal».

João Jardim culpa Governo e PS

O presidente do Governo Regional da Madeira responsabilizou o Conselho de Ministros e o PS pelos atrasos verificados na aprovação do estatuto político da Região, actualmente em discussão na Assembleia da República. Jardim revelou que o ministro das Finanças se opôs a dois dos artigos do documento que está no Parlamento, tendo mesmo ameaçado com demissão caso fossem aprovados pela Assembleia.

PS propõe debate nacional sobre união política europeia

O Partido Socialista criticou hoje o Governo pelas suas posições «anti-europeias». Jorge Sampaio, João Cravinho e António Guterres condenaram Cavaco Silva pelas «reservas que tem manifestado à união política da Europa». O líder do Grupo Parlamentar do PS afirmou ao DL que «sendo nós um país da periferia quanto mais cedo participarmos dessa união menos sentiremos os efeitos do eventual alargamento da Comunidade aos países da Europa de Leste». Aliás, a união política europeia - no entender do PS - deve merecer um debate nacional que o «Governo deve desencadear desde já».

Os socialistas criticam também o Executivo por «desvalorizar o combate à inflação em prol do eleitoralismo, tornando assim mais lenta a adesão ao Sistema Monetário Europeu (SME)». Na conferência de Imprensa, que realizaram esta manhã, propuseram ao Governo o início imediato de negociações para a preparação da adesão ao SME.

Sugeriram várias iniciativas para a preparação da Conferência Interparlamentar que antecede as duas conferências intergovernamentais sobre a união política e a união económica. É o caso da realização de uma conferência de líderes parlamentares portugueses com os seus pares do Parlamento Europeu e com a Mesa da Comissão para os Assuntos Europeus. No âmbito da concertação social, o PS perconiza a definição de uma «plataforma estratégica» que possa conjugar uma política de rendimentos (visando o combate à inflação) com uma política de emprego.

António Guterres defendeu também que as conferências intergovernamentais deverão ser antecedidas de contactos com os partidos e os parceiros sociais, a deslocação do primeiro-ministro à Assembleia da República antes e depois de cada Conselho Europeu e o estabelecimento de mecanismos de colaboração entre o Parlamento português e o europeu.

Refira-se ainda a proposta de contactos Governo-oposição com vista a preparar-se a presidência portuguesa da CEE em 1993.

Redacção «DL»

FORUM

FEIRA DO LIVRO

Ao princípio , eram as inaugurações.

Fizeram-nas os Costas Cabrais.

Fê-las o Fontes.

Fê-las, posando para a nota de mil, D. Pedro V.

Fê-las, insistentemente, quantificadamente, estatisticamente, o sr. almirante Américo Tomás.

É simples: uma obra pública tem de ser publicamente inaugurada.

Com uma condição apenas: a de que, para haver inauguração, tem de haver obra.

O cavaquismo, porém, impacientou-se.

Passando a inaugurar, além da obra, - o projecto da obra.

E vão duas inaugurações.

Continuava, porém, o cavaquismo, a impacientar-se.

Passando a inaugurar, além da obra, além do projecto da obra, - o sonho da obra.

E vão três inaugurações.

Da mesma obra.

Com algo de substancialmente novo, em termos psicossiais e em termos de marketing do imaginário colectivo.

O cavaquismo introduz, na prática das inaugurações, a inauguração do sonho.

É a planificação da ficção.

A eleitoralização da utopia.

Seria D. João IV inaugurando, em intenção do Padre António Vieira, - o Quinto Império.

Seria o presidente Loubet inaugurando, em nome da Terceira República, - o mundo de Júlio Verne.

Seria o presidente Bush inaugurando, em nome da sua administração, - o século XXI, como o vê Arthur C. Clark.

É um *apport* forte de um cavaquismo que é suposto ser uma tecnocracia banal, inimaginativa e vocacionada para os negócios correntes. Injustamente, como se vê.

Pelo que não surpreenderá que o sr. Primeiro-Ministro, um destes dias, anuncie ao País:

- Havemos de lançar, entre nós e o Funchal, uma ponte pênsil!

É uma inauguração.

Ou:

- Havemos de abrir, entre nós e os Açores, nas profundezas que foram a Atlântida, um túnel!

É outra inauguração.

Ou, ainda:

- Havemos de desembarcar em Vénus!

É outra inauguração.

A oposição está confundida.

Não consegue sonhar se não um mandato governamental.

O problema estará, quando, esgotada a imaginação do cavaquismo, não ocorrer mais nada.

Aí, o sr. Primeiro-Ministro ouvirá, longamente, o sr. dr. Santana Lopes, após o que dará um passo adiante, para anunciar:

- Vou ler um livro!

Após o que, ouvindo longamente o sr. dr. Durão Barroso, o sr. Primeiro-Ministro dará outro passo adiante, para anunciar:

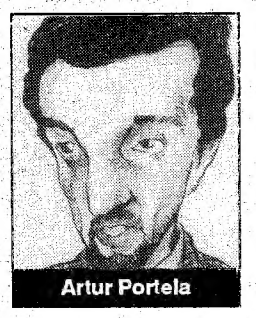
- Vou gostar!

E, após o que, ouvindo longamente o sr. eng. Falcão e Cunha, o sr. Primeiro-Ministro dará, adiante, um terceiro passo, para dizer:

- Quando acabar, compro outro!

Será, na oposição, a perplexidade.

Até que o sr. dr. Jorge Sampaio terá, provavelmente, esta ré-plica:



Artur Portela

- Eu vou escrever o livro que o sr. Primeiro-Ministro vai ler!

E, logo a seguir:

- Durante todo o tempo que o sr. Primeiro-Ministro demorar a ler esse livro, faço outra coisa!

E, logo a seguir:

- Escrevo um segundo livro!

A ROMÉNIA E O CAMPO

Os comentadores europeus e os mais parecem estar surpreendidos perante a evolução política da Roménia. A verdade é que a análise ocidental se deixou ludibriar pela utlização política da televisão. Foi graças a estas imagens que se acreditou que a revolução romena ia varrer do país o lixo estalinista.

Sabe-se hoje que não poucas imagens difundidas na Europa ocidental não tinham sido vistas pela população romena, o que sublinha a maneira astuciosa como os antigos estalinistas romenos souberam utilizar com um grande proveito político a ingenuidade ocidental.

Hoje está-se a contas com uma lição simples: os antigos *aparatchiks* não desapareceram e continuam a gerir o aparelho político romeno. Porque razão?

A simples leitura das estatísticas romenas permite compreender facilmente o que se passa: a Roménia é, contrariamente aos demais países ex-socialistas, essencialmente agrícola. Tal como fizera entre nós o também Oliveira Salazar/Teotónio Pereira, procurou reduzir-se a organização industrial do país. O que só podia contribuir para o reforço da sua ruralização.

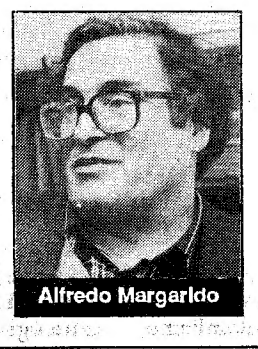
Verifica-se assim um corte brutal entre, por um lado, os urbanos e do outro, os rurais. Enquanto os primeiros procuram encontrar soluções políticas modernas, quer dizer democráticas, os outros, os camponeses, os rurais em geral, estão enterrados na sua tradição.

Basta por isso verificar que se algumas cidades romenas denunciam sem parar o poder ainda estalinista que continua a gerir a Roménia, o campo está completamente parado. Nem sequer se esboça a ilusão de uma «reforma agrária», condenada a ser enterrada alguns anos mais tarde.

Não, o campo constitui uma espécie de cemitério político na Roménia, confirmando a definição dos camponeses que Karl Marx fizera no prefácio ao 18 Brumário: a sua unidade é pura ilusão, e pode ser comparada à que se verifica entre as batatas num saco. Uma vez aberto o saco, cada batata vai para o seu lado, liquidando a ilusão da unidade.

Tal é o que acontece no caso romeno. Se tivesse de enunciar um princípio fundamental da política moderna, diria que um país organiza a sua democracia em função do número de camponeses ou de rurais: sempre que a percentagem de camponeses é muito elevada a democracia está comprometida, para não dizer que se torna impossível.

Tal é o que acontece na Roménia de hoje: o Ocidente segue com interesse e até com paixão o que se passa nas cidades. Estas são contudo pouco numerosas e estão longe de reflectir a realidade eleitoral, que depende do número de eleitores, que estão ainda hoje concentrados no campo.



Alfredo Margarido

Ainda não há muito, éramos um país de camponeses e de rurais: se podemos hoje estar perto de uma democracia política e cultural, é precisamente porque conseguimos enfim reduzir a parte dos camponeses na nossa população activa. Mas estamos ainda demasiado dominados pelo elevado número de camponeses de ontem. Que são os pais dos urbanos de hoje.

Tem-se lido, nos últimos meses, dezenas, centenas, milhares de comentários consagrados à situação da Roménia. Mas a exarcebação do discurso político esquece irremediavelmente a situação real da Roménia. A quase totalidade dos comentadores refere-se aos acontecimentos urbanos, à reacção dos urbanos. Esquece que os eleitores estão no campo: agarrados à tradição, como as lapas aos rochedos.

O que quer dizer que o regime actual da Roménia responde a uma estrutura arcaica, aquela em que o campo podia ainda manter uma certa hegemonia face à cidade. Ora só haverá revolução, ou mutação, quando esta situação desaparecer, em proveito de mais cidade e de menos campo.

Se assim não for, a Roménia continuará a ser governada pelos horríveis antigos estalinistas.

LETRA DE FORMA

Diário de Notícias

De um editorial:

(...) Portugal figura, obviamente, entre os associados e, segundo foi noticiado, «terá um administrador no BERD».

Uma conjugação de contributos que traz à ribalta o cenário da casa comum. *Porém, uma* ideia nascida na Europa *e para a Europa a que aderiram, na moldura* material, *países de vários continentes. Por conseguinte, um projecto com real influência extra-europeia, que se explica pelas pontes que a Comunidade soube (e pôde) estabelecer.*

O Velho Continente entrega-se, de facto, a intensas tarefas de renovação, *atitude compartilhada um pouco por todo o mundo. Na verdade, as mutações europeias conduziram a mutações praticamente à escala planetária.*

A aldeia global *vai desenhando aproximações que se configuram irreversíveis, por força, nomeadamente de tecnologias altamente sofisticadas nos* media. *A* grande aldeia *revela-se, hoje, pequena aos olhos de todos.*

Só que, se é enorme o avanço no domínio tecnológico, extenso caminho falta vencer para inserir tais progressos no capítulo do bem-estar das populações. A criação do BERD traz, nesta óptica, abundante material de reflexão.

Desenvolvimento *é o signo primordial, exactamente por estar voltado para o homem - para a sua dignidade.*

O mundo mostra aperceber-se cada vez mais dessa exigência - de que a Europa, no presente, parece ser o motor. *(...)*

3. Junho 90

PÚBLICO

De um artigo de Rogério Martins:

(...) O problema é que o mundo dificilmente tolera quistos ensimesmados. Todos os dinamismos modernos levam ao cruzamento, à mistura, à tolerância de convívio e crença, à fertilização intercultural, à convergência de caminhos e de estilos, à criação de zonas económicas mais vastas, de unidades políticas de grau superior, de espaços culturais universais, de diálogo permanente entre todos. E lá no canto do Próximo Oriente onde está Israel, com um grau de desenvolvimento cultural e técnico-científico muito superior aos dos seus vizinhos, tem talhado um papel único de fermento civilizador para ajudar a promover o progresso económico, social, político desses vizinhos. Ele é afinal filho da região, fruto de muita mistura, primo direito dos árabes, a ponte natural entre o pensamento mais evoluído contemporâneo e a mentalidade que em muitos deles perdura, a começar pela democracia como concepção prática e funcional, quando, naquela zona, ela ainda aparece demasiadas vezes como algo de aberrante e impraticável. (...)

3. Junho 90

Expresso

De um artigo de Alberto Amaral:

(...) O alargamento do Ensino Superior só será possível, por tanto, a médio prazo, e para o conseguir muito dependerá da aplicação do Prodep, programa para o desenvolvimento do ensino em execução no âmbito do Ministério da Educação, e no qual se prevê a duplicação dos efectivos discentes no Ensino Superior: mas haverá que ter consciência da necessidade da aplicação acelerada do programa e do reforço das verbas destinadas ao Ensino Superior para que os objectivos sejam alcançados dentro dos prazos previstos.

Assim, e perante a impossibilidade de resolução imediata do problema do número de vagas de acesso, haverá que pensar em critérios de seriação, que podem ser melhores ou piores mas estarão sempre sujeitos a crítica e criarão sempre, em menor ou maior grau, alguma injustiça. (...)

2. Junho. 90

Semanário

De editorial de Vítor Cunha Rego:

(...) No Ocidente sempre se subestimaram os aspectos menos visíveis do modelo socialista soviético, os laços que mantém, ainda, de pé uma estrutura literalmente mafiosa, poderosíssima, de interesses estabelecidos, e o incentivo à fraca produção e rentabilidade que essa estrutura provoca. Só de há poucas semanas para cá, revistas como The Economist *e* Time, *começaram a publicar artigos sobre a doença política, económica e social da URSS e a alertar para a necessidade de remédios fortes e amargos. Dentro de meses começarão a falar de cirurgia. Porque só a cirurgia poderá salvar - ou não - a Rússia e algumas das repúblicas que desejem ou possam continuar ligadas à sede do actual império .(...)*

2. Junho. 90

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutelo

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

FORUM

CARTAS PERSAS

BODAS NO JARDIM

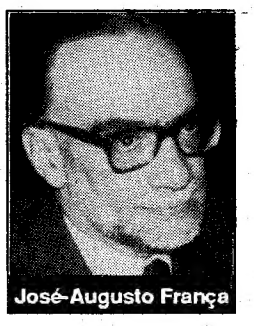
Domingo de manhã, uma noiva de organdins sobre fundo de lago. Três fotógrafos contratados pela frente, e um laço de setim, branco também, espalmado, por detrás. Casamento com flor de laranjeira, convidados à distância: está frio e as meninas do séquito têm os casacos das mães sobre as saias brancas tufadas, atentas à terra húmida do chão que lhes suja os sapatinhos. A noiva saltita, e procuram-se árvores que façam fundo cenográfico à felicidade prometida e assim perfilada. Ela está arrepiada, mas obedece, foto a foto, que tanto faz para os fotógrafos. O vento dá na água suja do lago e os gansos andam por terra, incomodados. Agora, ela recua e alça a mão enluvada ao ombro dele - que o noivo lá anda também, macambúzio, sem nervo que se veja, de fato preto e laço branco. Como se nada já fosse com ele. Com ela também não, afinal, na tristeza etnográfica da cerimónia que o domingo traz.

Os convidados, já os vi eu, nos casamentos frustrados da Fifi Praxedes ou da Fifi Antunes, anos 10, 20 e 30 da Lisboa tal e qual, com domingos e dias santos, autêntica de pais e mães e avós ainda e sempre rurais, e meninas e rapazelhos por detrás de balcões - mal-humoradas, infelizes, feias; que prolongam mais estudos sem trabalho.

A história terá começado quando as tropas do duque da Terceira fizeram fugir as do duque de Cadaval, há já mais de cento e cinquenta anos, ou as de não se sabe bem quem que ganharam às que não havia, vai fazer dezasseis anos... Desde então (ou então, que duas datas há no caso) a história tem andado às voltas - e este casamento repete milhares de outros, símbolo que é, romântico e pires, sentimental e chunga, consoante as posses - que classes sociais ficámos ainda há pouco sabendo que deixaram de haver, com a morte atrasadíssima do Lenine.

... Vai haver lanche ou copo de água? No caso, não, e dão-se de comer sandes trazidas de casa às crianças recalcitrantes. Um ou outro homem da companhia vai ao bar (qual bar! «estaminet» é que é...) buscar uma cerveja, as mulheres que não, e há cocas para os juniores. Os grupos fazem-se e desfazem-se, lentos e apagados, à espera que os noivos passem ao celulóide, aqui e ali, já fartos ambos e toda a gente, que a hora da casa se aproxima, com a TV que os espera. Como se ninguém tivesse nada com isso, vez alguma, antes ou depois, mas é assim mesmo - Lisboa suja, que o sol de Ourique ainda e só abençoa... Entre as contas na mercearia e o pagamento impositivo dos supermercados, ela tem vivido com os seus tostões. E casa...

Pelas árvores do domingo vê-se a cúpula da basílica, e uma das torres sineiras, ondulada de fogaréus, muito branca, como de açúcar - ó Dona Maria Primeira, imperatriz da Pérsia, malu-quinha que ficaste por causa dos desvairos do mundo!


José-Augusto França

Mas já outra noiva aparece, de tules, no sítio em que aquela estava, inda há pouco. Tem caracóis castanhos claros, do cabeleireiro do bairro, e o colo e rosado transparece no decote castamente coberto pelo tecido leve. Ri, parece feliz. «De apetite», dir-se-ia. Os fotógrafos são os mesmos, de enfiada, mas para esta o sol despontou entretanto. Terceira então, mais longe, esperando a vez, de cauda, no meio de um canteiro de relva, com rendas na saia que a mãe vem compor. Uma estátua espreguiçadeira, sentada, de pedra e nua, dá ideias aos convivas que apontam. As suas mulheres fingem zangar-se, em grandes risos que a noiva disfarça. O noivo, esse, olha também e parece parvo.

Terceira então, mais longe, repito - ou já quarta, que haverá ainda no dar da uma, entre os sinos...

Moral da história, que até a História tem?

Que «não nos aflijamos que tudo neste país costuma correr pelo me-lhor».

Saber-se-á (ingratos!) quem é o autor da acertada frase, que tão persa anda?

CARTAS NA MESA

«Oliveira Salazar: cinismo e ocultação»

Há coisas que não mudam. E se o fazem trata-se apenas de alterações exteriores. Há tempos o jornal que V. Ex.ª dirige sofreu uma remodelação que inegavelmente o melhorou, e muito. O «Diário de Lisboa» tornou-se um jornal de opinião, o que é raro em Portugal. Toda a gente reconheceu, mesmo os compradores de semanários, nos quais me incluo, que o «DL» se tornara no melhor vespertino e num dos melhores diários. Recusou o sensacionalismo, abordando, em vez disso, um tema com profundidade, apostou mais na palavra que na imagem. Tornou-se um órgão de reflexão e debate. Tudo diferente, para melhor.

No entanto muita coisa ficou na mesma, o que é pena. Falo, por exemplo, do artigo do dr. Piteira Santos na vossa edição de 4 de Abril, que se intitulava «Oliveira Salazar - cinismo e ocultação». Não faço uma crítica ao artigo em si mas ao seu espírito que Salazar, morto há 20 anos, continua, como um fantasma, a assustar os jornalistas e intelectuais portugueses.

Não sou salazarista, nem tenho pena de o não ser. Vivi quase toda a minha vida na democracia e não me lembro de outra coisa. Compreendo que muitos, especialmente os ligados à Informação e à cultura tenham ainda marcado na carne e no espírito o que sofreram no antigo regime. Compreendo que homens como o dr. Piteira Santos estejam marcados pelos longos anos de luta pela liberdade. Quem luta por ela não pode ser censurado. O que não compreendo é como é que os jornais de esquerda, em que o «DL» se inclui (e tem todo o direito a isso) insistem em desenterrar coisas e pessoas que há mais de quinze anos desapareceram. Toda a gente (ou quase toda) concorda que o salazarismo tinha muitos defeitos. Mas também tinha as suas qualidades, e quem o negar cai num maniqueísmo a que a esquerda aparentemente se opõe. Mas nem as coisas boas nem as coisas más nos interessam. São coisas do passado e o passado desaparece, mesmo se deixa marcas. O anti-salazarismo deixou de ter sentido a partir do dia 25 de Abril de 1974. Simplesmente porque o salazarismo já não existia. Argumentam alguns que isso não é verdade e documentam-no com o reaparecimento de movimentos de extrema-direita. Mas penso que isso é uma falsa questão. Em Portugal não existe extrema-direita. O que existe são grupos de jovens marginais ou grupos de velhos saudosistas. Os primeiros não têm, na minha opinião, nada a ver com a ideologia. A explicação para a sua existência tem mais a ver com a sociologia. Para eles a violência é uma forma de descarregar as frustrações e os problemas que têm os jovens nos dias de hoje. Por isso uma certa nostalgia do passado tem também a ver com um conceito de família que se perdeu. Portanto desenhar uma suástica não é ser nazi mas ser contestatário. É o mesmo que desenhar uma foice e um martelo há anos atrás. Quanto aos segundos limitam-se a jantares mais ou menos confidenciais e a artigos em jornais caceteiros. São, felizmente, uma raça em vias de extinção. Por isso a extrema-direita não existe em Portugal. E mesmo na Europa muitos movimentos de extrema-direita são apenas fruto de um domínio de largos anos da esquerda, política ou culturalmente.

Por tud[illegible]

no que já passou? Para quê desenterrar tudo isto? Estar continuamente a falar mal de Salazar e do Estado Novo provoca reacções contrárias, como se viu no comentário, em que se esgotaram jornais que tratavam largamente esse tema.

O passado é importante para que não se esqueçam os nossos erros. Mas disso já todas têm consciência. Porque não deixar cair isso no esquecimento? Porque é que uma esquerda, que se afirma moderna e progressista, preocupada com um futuro melhor, está mais interessada no passado? Não será muito mais útil construir o futuro que destruir o passado?

Era apenas isto que queria dizer. O «DL» como jornal de esquerda preocupa-se com a mudança mas acaba por não mudar nada. Espero sinceramente que a minha carta seja publicada, para que possa chegar à conclusão que estava errado.

Pedro Arroio
Lisboa

A resposta de Piteira Santos

Entende o leitor que na «mudança» do «DL» (para melhor) «muita coisa ficou na mesma».

Dá, como exemplo da «muita coisa», o meu artigo «Oliveira Salazar: cinismo e ocultação», publicado na edição de 4 de Abril, acerca do assassínio do general Humberto Delgado.

Desagradou ao leitor que se recordassem coisas velhas, que se tivessem ido «desenterrar coisas e pessoas que há mais de quinze anos desapareceram».

Mas não era disso que se tratava, o que, de resto, seria legítimo, num jornal de esquerda». O objecto do escrito era, simplesmente, mostrar que António de Oliveira Salazar, Presidente do Governo, como se depreende da biografia do dr. Franco Nogueira, tivera conhecimento do crime e das circunstâncias em que este ocorreu. Que cinicamente se lhe referira e que cinicamente o ocultara. Donde resulta que o «crime policial» foi, n a realidade, um «crime de Estado».

A verdade hist[illegible] ncómoda? Paciência. Não devemos ocultá-la aos mais novos.

INTERNACIONAL

Líder soviético mergulha na «América profunda»

Habilidade negocial salvou a Cimeira Bush-Gorbachev

De Washington, especial para o «DL»

O Presidente soviético termina hoje a sua visita aos Estados Unidos com um dia passado na Califórnia.

Gorbachev, que ontem esteve em Minneapolis, depois do termo do seu encontro cimeiro de três dias com o Presidente dos Estados Unidos, com uma conferência de Imprensa e uma cerimónia de despedida na Casa Branca, teve a oportunidade de, em viagem «privada», conhecer um pouco da «América profunda».

Em Minneapolis, capital do Minnesota, um Estado do Norte dos Estados Unidos, o Presidente almoçou com o governador, Rudy Perpich, e encontrou-se com homens de negócios da região. Trinta companhias locais têm laços comerciais com a União Soviética.

A região é sede de uma das companhias que exporta cereais para a URSS, ao abrigo de um acordo que foi renovado sexta-feira em Washington pelos chefes das diplomacias dos dois países.

Em Minneapolis, geminada com Novosibirsk, uma cidade industrial siberiana, Gorbachev e Raisa visitaram a casa de uma família norte-americana, os Watsons. Steve e Karen Watson têm quatro filhos, um dos quais Lisa, estuda russo e já esteve na URSS.

Os americanos conservam ainda um grande entusiasmo para com o líder soviético. Isso ficou demonstrado nos dois improvisados encontros de rua entre Gorbachev e anónimos cidadãos em Washington, mas também nas sondagens.

Num almoço que teve com intelectuais norte-americanos na Embaixada soviética, sexta-feira, o Presidente revelou que 98 por cento das 50 mil felicitações pelo seu dia de anos recebidas de cidadãos ocidentais eram provenientes dos Estados Unidos.

Acontecimento de «grande importância»

Traduz o ambiente existente entre os dois países, que as divergências não conseguem apagar. O Presidente soviético, numa entrevista à Televisão soviética, comparou o novo relacionamento, expressivamente ilustrado na mais de uma dúzia de acordos assinados no decurso da Cimeira, à formação da aliança que os dois países tiveram durante a Segunda Guerra Mundial.

Na conferência de Imprensa, o Presidente soviético classificou a Cimeira copmo «um acontecimento de grande importância», que se saldou por um êxito, reafirmando as novas relações, cujo ponto de partida foi a Cimeira de Malta em Dezembro passado.

O Presidente soviético fez uma apreciação muito positiva do trabalho conjunto efectuado com o seu homólogo norte-americano, que descreveu como um estadista com quem se pode negociar.

Convidou-o para visitar a União Soviética. Aliás os dois Presidentes concluíram da necessidade de realizar anualmente encontros cimeiros.

No entanto, foi a herança da guerra que continuou a separá-los O futuro da nova Alemanha revelou-se ser o mais controverso tema da agenda. Os norte-americanos vêem com agrado aquilo que consideram ser a desagregação do Tratado de Varsóvia, e preparam-se para incluir Bush declarou que as duas partes conseguiram diminuir a diferença que os separa na questão.

Gorbachev escuta atentamente as palavras de Bush, durante a conferência de Imprensa que ontem encerrou a cimeira

E o Presidente soviético considerou que os esforços feitos durante a cimeira «não foram inúteis». A URSS aposta numa solução no espírito e no quadro das mudanças positivas que se dão na Europa, disse.

Essa solução, adiantou, não tem de ser obrigatoriamente a variante soviética ou a variante norte-americana. Pode ser a francesa, a inglesa ou qualquer outra, desde que se enquadre nos processos positivos em curso na Europa.

A discussão vai continuar já esta semana, quando Baker e Chevardnadze se encontrarem em Copenhaga para uma reunião sobre direitos do homem no âmbito da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE), mas o processo seguirá os seus trâmites no âmbito da conferência dos «2 mais 4».

Diálogo vai continuar

Apesar deste desacordo fundamental, os dois países mostraram grande habilidade para continuar o diálogo que produziu alguns significativos documentos.

Gorbachev, na conferência de Imprensa destacou os progressos havidos no sentido da conclusão do Tratado sobre a Reduão dos Armamentos Estratégicos Ofensivos)START), e sobre as conversações de Viena relativas à redução dos armamentos convencionais.

Ambos os temas foram objecto de declarações conjuntas e ambos, segundo o Presidente, deverão ser assinados até ao final do ano, o segundo quando se realizar a Cimeira da CSCE.

Os dois países também assinaram uma declaração conjunta sobre as negociações nucleares e espaciais, que define, de certa forma, o mandato para os cortes seguintes nos seus arsenais de ambos, que deverão impossibilitar que os dois Estados continuem a ter uma capacidade de efectuar ataques nucleares preventivos.

Numa entrevista, o académico soviético Roald Sagdeev, casado com Suzanne Eisenhower, uma sobrinha do antigo Presidente norte-americano Dwight Eisenhower, afirmou que os protocolos de controlo aos tratados de 1974 e 1976, sobre testes nucleares, representavam um passo importante.

No campo bilateral, o novo acordo comercial, que deverá expandir as relações económicas entre os dois países, é geralmente considerado como uma clara indicação de que os Estados Unidos já não têm dúvidas acerca de irreversibilidade da Perestroika soviética.

Novo ímpeto às relações comerciais

A previsível aprovação pelo Soviete Supremo da nova lei de emigração, a que está ainda condicionado, devido à emenda Jackson-Vannick, permitirá dar um novo ímpeto às relações económicas, relativamente insignificantes para dois países destas dimensões.

A lista de acordos inclui ainda um aumento de três vazes do tráfego aéreo de passageiros entre os dois países. Foi possível encontrar um compromisso para o problema da inconvertibilidade do rublo, que constituía o maior obstáculo. É uma bvoa notícia para os que estão nas infundáveis bichas de bilhetes em Moscovo.

Gorbachev e Bush também assinaram a criação de uma reserva natural internacional no mar de Behring, a realização de estudos oceânicos conjuntos e a cooperação na investigação nuclear não militar.

A tradicional análise dos conflitos regionais foi desta feita realizada no encontro informal que tiveram sábado em Camp David, revelou Gorbachev. Médio Oriente, Afeganistão, África Austral, América Central e Etiópia fizeram parte desse inventário.

Chegaram ao entendimento de que, em conjunto com a ONU, empreenderão acções para atenuar a grave situação vivida na Etiópia, onde grassam a fome e a guerra.

Vladimir Somonov

Acordo comercial foi a única surpresa

«Gorbacheves não nascem todos os dias», parecem ter compreendido os Estados UNidos, ao acederem a assinar o acordo comercial com a União Soviética, que constituiu até agora a única verdadeira surpresa desta Cimeira.

O Presidente soviético partiu para os Estados Unidos, tendo deixado atrás de si uma população inquieta e confundida com o plano governamental de reestruturação económica, introduzindo-lhe as leis de mercado.

Ninguém parece estar contente com o plano. Os conservadores devido ao que consideram ser «o regresso ao capitalismo», os radicais por acharem que se trata de «um choque sem terapia», considerando o projecto de restruturação económica preconizado por Gorbachev insuficiente e inconsequente. As pessoas simples não sabem verdadeiramente o que pensar.

Os confrontos registados en Erevan, na Arménia, entre extremistas locais e unidades militares, e a crise nas repúblicas bálticas agravam a situação. Daí a tentação de alguns analistas ocidentais de dizer que em nenhuma das anteriores cimeiras soviético-norte-americanas, a posição do dirigente soviético teria sido tão fraca e que seria arriscado concluir com ele acordos importantes, que depois não pudessem ser cumpridos.

Houve também quem dissesse ter chegado o momento de tirar partido dessa situação, arrancando do dirigente soviético cedências que noutras circunstâncias ele não estaria disposto a fazer.

Para além de revelarem a persistência de velhos estereótipos sobre o carácter necessariamente conflitual das relações soviético-norte-americanas, estes raciocínios mostram pouca compreensão em relação ao que na verdade está em jogo, do ponto de vista ocidental. A força de Gorbachev reside precisamente na sua fraqueza. Os problemas internos enfrentados pelo líder soviético não diminui, antes pelo contrário aumenta a necessidade para o Ocidente de cooperar com ele. E isto parece ter sido compreendido pelo Presidente Bush, que decidiu assinar o acordo comercial com a URSS, mesmo que ele ainda fique a aguardar a aprovação de uma nova lei de emigração pelo Parlamento soviético, para que entre em vigor o estatuto de nação mais favorecida no comércio com os Estados Unidos.

Pode-se dizer que isto também está a ser compreendido pelos norte-americanos. Numa sondagem efectuada pela cadeia «ABC» e pelo «Washington Post», 74 por cento dos norte-americanos pronunciaram-se pela prestação da ajuda económica à URSS, incluindo o fornecimento de produtos alimentares, roupa e artigos industriais. Para quê? «Para apoiar as reformas iniciadas pelo Presidente soviético». As mudanças históricas impulsionadas pelo «homem da década», são tão importantes para as novas democracias do Leste como para as democracias ocidentais.

Quanto ao Presidente, ele surpreende-nos pela tranquilidade com que carrega a sua cruz de pioneiro da nova época. O que lhe dá este estoicismo? «Sei que tudo o que fazemos é correcto e necessário», disse à revista «Time» Gorbachev, o «homem forte, homem fraco».

V. S.

Julgamento do *mayor* de Washington começa hoje

O presidente da Câmara de Washington, Marion Barry, começa hoje a ser julgado sob acusação de consumir droga. As graves acusações contra Barry ocorrem após vários anos de investigações policiais sobre o seu presumível consumo de drogas. Considerado o político local mais poderoso na história do distrito de Columbia, Barry é acusado de consumir cocaína durante dois dos seus três anos de mandato, como presidente da Câmara de Washington.

Falando para «The Washington Post», Barry manifestou-se convencido de que não irá ser condenado, apesar da sua confissão e das provas contra si.

Lusa

TIANANMEN

As autoridades chinesas viram, nervosamente, aproximar-se o primeiro aniversário dos acontecimentos da Praça de Tiananmen (Paz Celestial) sem que, no entanto, haja motivo aparente para tal. A oposição interna é praticamente inexistente e a externa peca por amadorismo e vedetismo. Por outro lado, um ano depois, continua sem se saber ao certo o que aconteceu no centro de Pequim, a 4 de Junho de 1989

Um aniversário carregado de incertezas

Os dias que incendiaram a China

Domingo, 16 de Abril
Hu Yaobang, conotado com as reformas e afastado das cúpulas do partido depois das manifestações estudantis de 1986 havia falecido na véspera. Milhares de estudantes rendem-lhe homenagem com gritos de «viva a democracia».

Sexta-feira, 21
Reunidos em Tiananmem, todos sonham alto com a democracia: Estudantes, operários, empregados. A polícia, postada nas sombras, permanece em alerta. Os estudantes respondem: «nós ficamos».

Segunda-feira, 24
Nas universidades estala uma vaga de protestos. Acabam-se as aulas e começam as assembleias gerais. O movimento deve continuar até que o Governo aceite negociar.

Terça-feira, 25
A contestação prossegue e a tensão é agravada pelas ameaças severas das autoridades contra os líderes estudantis.

Quinta-feira, 27
«Estamos todos a cem por cento com eles» dizem todos os que saem à rua. É quando a população se junta aos estudantes nos protestos.

Domingo, 14 de Maio
A primeira visita de um líder soviético (Gorbachev) em 33 anos de relações tensas, é perturbada pela surpresa preparada pelos estudantes: 100 mil chegam a Tiananmem para apoiar dois mil estudantes que ali se mantinham em greve de fome.

Sexta-feira, 19
O primeiro-ministro Li Peng anuncia que vai pôr termo à desordem e decreta a lei marcial. Zao Ziang não aparece com os outros dirigentes. Em Tiananmem todos se preparam para a repressão.

Quarta-feira, 24
Informações provenientes de Hong Kong lançam a confusão: a linha dura reinstala-se, a lei marcial continua e os militares intervêm. Li Peng está por um fio...

Quinta-feira, 1 de Junho
A batalha que divide o partido continua a dar que falar. A polícia inicia a caça aos jornalistas estrangeiros.

Sexta-feira, 2
Pequim entra em ebulição e as manifestações bloqueiam os soldados. Os incidentes multiplicam-se e todos se mobilizam contra o exército.

Domingo, 4
Milhares de manifestantes atiram «cocktails» Molotov contra os tanques, mas os militares avançam já sem hesitações. É o massacre. A cidade mergulha num banho de sangue.

Quinta-feira, 15
Condenações e execuções sumárias sucedem-se. 2.500 pessoas são detidas, as autoridades apelam à delação e a caça aos líderes estudantis intensifica-se. O regime reafirma a dureza, instala-se um período de terror.

De Pequim, exclusivo Lusa/«DL»

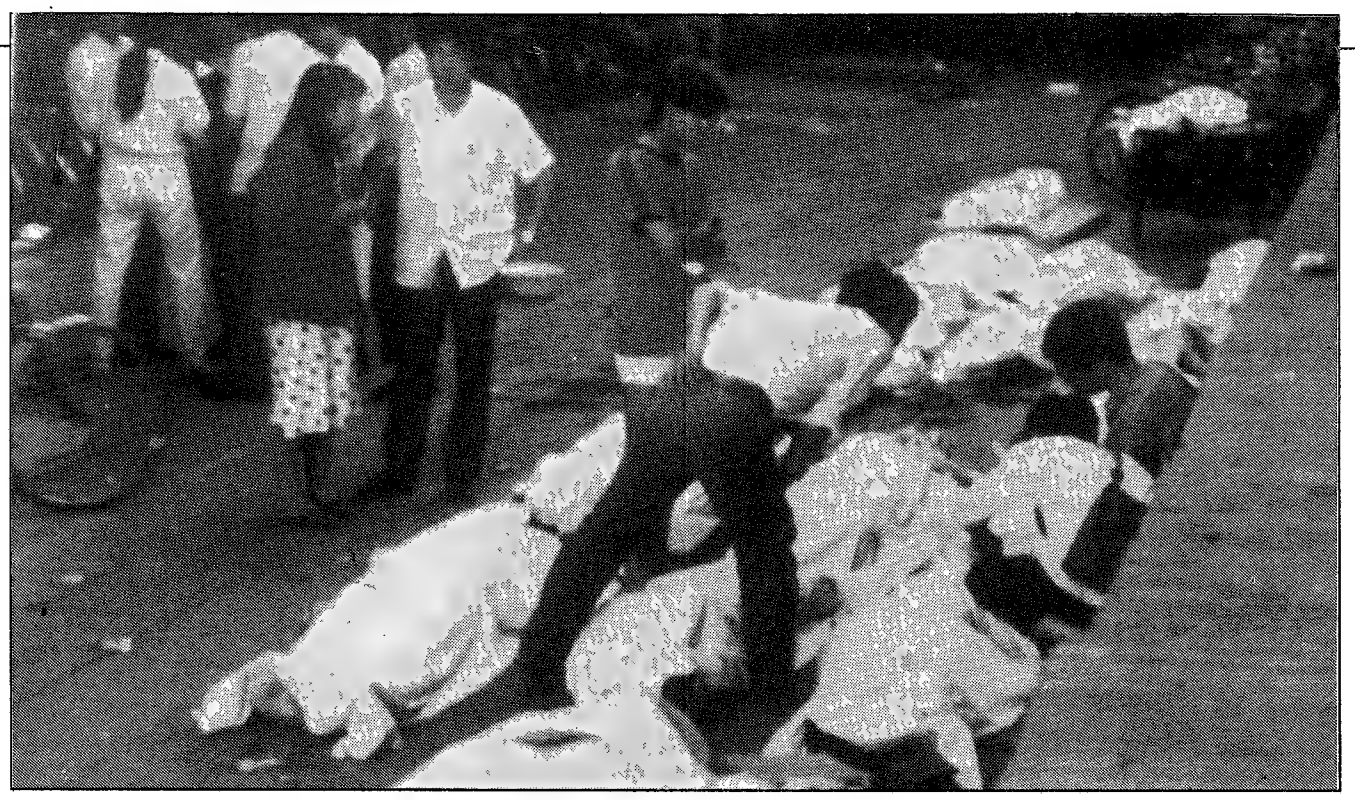
Para a maioria dos países ocidentais tratou-se de um massacre. Para as autoridades não passou de uma importante vitória militar sobre uma rebelião contra-revolucionária. Para a história da China e do mundo, o 4 de Junho poderá ficar como um marco de intransigência face aos ventos de mudança— a última e trágica acção da geração dos sobreviventes da «Longa Mar-cha», que terão assim interrompido abruptamente as relações cordiais que, desde há dez anos, o Império do Meio vinha mantendo com o exterior. O primeiro aniversário sobre os acontecimentos ocorridos em Pequim a 4 de Junho de 1989 está a ser nervosamente observado pelas autoridades, que reforçaram ainda mais a presença militar na capital e tornaram rotina as operações de fiscalização maciça de identidade a partir das 21 horas nas ruas mais movimentadas.

Isto, apesar de a oposição interna ter sido praticamente inexistente ao longo dos últimos 12 meses e da oposição externa ter demonstrado muito amadorismo, algum vedetismo excessivo e pouca ou nenhuma ligação ou capacidade de influenciar as massas que dizem querer levantar contra o regime de partido único.

EUA põem comércio a salvo

Por um lado, os Estados Unidos, talvez em negociações secretas que poderão levar à solução do caso Fang Lizhe (o mais conhecido dissidente chinês, refugiado desde o 4 de Junho na embaixada em Pequim), deverão prorrogar por mais um ano o estatuto de nação mais favorecida à China, colocando assim a salvo o actual volume de trocas comerciais.

Por outro, o fracasso aparente da operação «Deusa da Democracia» (um barco-pirata, financiado por meios liberais franceses e nacionalistas de Taiwan, que tencionava emitir a partir de Junho propaganda contra o regime de Pequim), faz os observadores pensarem que o caso chinês é mesmo de características diferentes; e que as reformas do Leste param no deserto de Gobi...



Após a matança de 4 de Junho, familiares e amigos tentam identificar os corpos dos entes queridos caídos durante a brutal repressão militar

«Apesar da virtual supressão de notícias do estrangeiro que ponham em perigo a linha oficial, cada vez mais habitantes das cidades estão conscientes da monumental revolução ideológica que neste momento está a ter lugar na União Soviética e na Europa do Leste» - garante o principal jornal de Hong Kong, o «South China Morning Post». Isso poderá ser verdade para 200 milhões de chineses, mas que dizer dos outros mais de 800 milhões, que continuam nos campos, e para quem o 4 de Junho não significou nada ou apenas a versão oficial, dada pela televisão a partir de Pequim?

Operação militar fracassada

E, a 3,4 e 5 de Junho, o que se passou realmente em Pequim? Há cerca de dois meses, um grupo de jornalistas estrangeiros residentes na capital reuniram-se com peritos militares de duas embaixadas ocidentais e com cooperantes que já se encontram no país há mais de 40 anos, procurando, sem citar fontes ou utilizar desde logo o material, obter o relato mais detalhado do que verdadeiramente se passou, não só do ponto de vista militar, como também do ponto de vista de análise sociológica de um incidente numa civilização longa e para quem o tempo é o único juiz.

Garantem essas fontes militares, baseadas em informação classificada chinesa, que soldados desarmados deveriam aproximar-se subrepticiamente do objectivo a conquistar (a Praça de Tiananmen, ocupada há 50 dias pelos estudantes), cercando-a e fazendo um cordão, impedindo a entrada de mais civis. Tropas frescas entrariam seguidamente em cena, limpando a Praça, utilizando granadas de gás lacrimogéneo e bastões, ocupando-a com veículos blindados. Mas a operação militar, em que terão participado unidades de libertação (acção psicológica que significaria a unidade do Exército Popular de Libertação — EPL face ao partido), foi um fracasso, com as tropas horas sem comando, deambulando pelas ruas, a serem insultadas e agredidas pela população. Segundo os peritos militares ocidentais, «a população civil de Pequim resistiu mais do que os dirigentes políticos calculavam ao avanço dos soldados, que estavam há 15 dias sem dormir ou comer convenientemente, acantonados às portas da cidade».

Partido dividido

Além disso, o EPL está treinado para combater o inimigo externo e não uma «rebelião contra-revolucionária». Não se movendo por si, o EPL tem todos os seus movimentos controlados a cem por cento pelos comissários políticos, que, por sua vez, recebem ordens do partido, vindas ao mais alto nível. Ora, nessa altura, o partido estava dividido sobre o emprego ou não da força para acabar com o movimento de contestação.

Um facto determinante na acção popular terá sido um acidente de trânsito, ocorrido no dia 3, num bairro populoso da capital, quando um carro da polícia e com uma equipa de televisão a bordo, entrou desgovernado pelo meio da multidão, provocando três mortos.

A partir dessa altura, os boatos correm céleres, com as informações que chegavam à Praça de Tiananmen a darem como certo um «banho de sangue» provocado pelo exército, a população, que nunca tinha obedecido à lei marcial decretada semanas antes, decide-se a não sair à rua e a fazer frente.

«Não fora o incidente de Muxidi (cruzamento a cerca de cinco quilómetros de Tiananmen, na Avenida Chang'an) e o cerco à Praça talvez tivesse resultado mais rapidamente, sem tantos mortos» — afirma um dos peritos militares.

O número de mortos continua a ser também um elemento controverso - os números oficiais falam de duas centenas e meia, repartidos a 50 por cento por civis e militares e «sem que nenhum estudante tenha morrido na operação de limpeza da Praça de Tiananmen».

Três mil mortos

Testemunhos independentes dão como certas, mortes de dezenas de civis na avenida Chang'an, que bordeja um dos lados da Praça, mesmo por debaixo do retrato do presidente Mao, enquanto outros pontos onde os militares terão disparado indiscriminadamente contra a população ainda hoje ostentam buracos de balas, à altura do peito.

«Há testemunhos de corpos terem sido recolhidos por militares nos hospitais, antes das famílias os identificarem» — garante um dos cooperantes ouvidos pelos jornalistas. Houve também casos de cadáveres que foram recolhidos pelas famílias, nas ruas, sem os identificarem, com medo de represálias. Um dos adidos militares, citando uma «fonte chinesa altamente colocada», que terá tido acesso ao número global de vítimas, afiançou que terão morrido mais de três mil pessoas, das quais 90 por cento civis e os restantes dez por cento militares, com o número de feridos a ascender a mais de dez mil. Muito dificilmente se saberá nos tempos mais próximos, se é que alguma vez isso vier a acontecer, qual o número e a identidade exactos das vítimas.

Resposta excessiva

Em entrevista recente à cadeia de televisão americana ABC, o secretário-geral do partido saído do 4 de Junho, Jiang Zemin, lamentou o facto (falso) de não haver na altura polícia de choque disponível em Pequim, para poder actuar sem o exagero e a má imagem que correu mundo — tanques a rolarem por ruas vazias, perseguindo civis que transportam os seus feridos a pé ou em padiolas a pedal.

Lutando contra aquilo que considera o desejo subversivo das potências ocidentais - a «transição pacífica» da China para um sistema pluripartidário — o regime chinês deu no 4 de Junho, em directo para todo mundo, uma resposta que ele próprio já hoje considera excessiva, pelo menos nos meios empregues. Mas as causas que determinaram o movimento estudantil do ano passado, que alastraram rapidamente para todas as camadas sociais e tomaram a capital por 50 dias, ainda subsistem - estão mesmo cada vez mais cristalizadas. Abrir, em dez anos, a frente económica, traz inevitavelmente reforma nas mentalidades dos que são directamente afectados por isso. Tentar fechar os olhos e isolar-se das realidades políticas reformistas que vão ocorrendo um pouco por todo o lado, é um exercício ideológico que até Mao Tsé-Tung acharia difícil. A China tem hoje, mais do que nunca, um grande capital de frustação.

Fernando Correia de Oliveira

Protestos e repressão

Só os estudantes da Universidade de Beita, berço do movimento do ano passado, desafiaram a normalidade imposta pelas autoridades às comemorações do primeiro aniversário dos acontecimentos da Praça Tiananmen. Sob um ambiente de repressão, um homem e uma mulher foram presos quando tentavam falar com jornalistas estrangeiros, os estudantes iniciaram às 22 e 30 horas locais de ontem um barulhento protesto nos dormitórios, partindo garrafas e mantendo as luzes acesas, numa vigília pelos colegas mortos na madrugada de 3 para 4 de Junho de 1989.

Classificado pelos próprios como uma «vitória fantástica», o protesto dos estudantes teve como principal alvo o líder máximo do país, Deng Xiaoping, já que «garrafa» em chinês tem um som semelhante a «xiaoping». Cantou-se a Internacional e chegou a haver um discurso em favor da democracia, tendo o orador sido levado por desconhecidos. De manhã, os vestígios do protesto foram rapidamente recolhidos.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

COMENTÁRIO

Primavera adiada

Após o massacre de Tiananmen, a China de Deng Xiaoping mergulhou numa grave crise política, moral e económica. Os antigos «países irmãos» da Europa de Leste, e não só, aos poucos vão-se afastando do comunismo. A queda do velho amigo Ceausecu foi igualmente uma perda irreparável. Os últimos regimes desse tipo, agora, resumem-se essencialmente a três: Cuba, Coreia de Norte e Vietname (até ver, já que neste país, algo começa a mexer).

Ainda há pouco mais de um ano, antes da explosão da Primeira de Pequim, o regime de Deng Xiaoping desfrutava de grande credibilidade internacional, e no Ocidente era considerado como o perfeito exemplo do comunismo aberto ao mundo, à iniciativa privada. Os Estados Unidos há muito que consideravam a China como um contrapeso à (até há bem pouco tempo), sempre presente ameaça soviética. Assim, Pequim tinha-se já tornado um dos grandes da comunidade interncional, e as suas opiniões (é membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas) tinham um peso considerável não só no que se refere aos assuntos asiáticos, como também nas mais diversas questões internacionais, em que o seu papel moderador era apreciado.

Mas Tiananmen mudou completamente este panorama. E hoje, primeiro aniversário do massacre (há quem fale em três mil mortos) o balanço é desolador para a China: regressada subitamente à linha dura e ortodoxa, começa já a sofrer, política e economicamente, as consequências da lamentável repressão, que continua a ser alvo uma condenação e desconfiança geral. Não só em França, como no Japão e Estados Unidos, qualquer tentativa de «passar uma esponja» sobre os trágicos acontecimentos de há um ano, torna-se impraticável, pelos constantes protestos que não deixam esquecer os que, em muitos meios, já são considerados «mártires da liberdade».

Perdidos os amigos conquistados durante o período de abertura política e de liberalização económica, não resta ao regime de Xiaoping que esse punhado de apoios terceiromundistas, que na prática configuram um retrocesso em toda a linha.

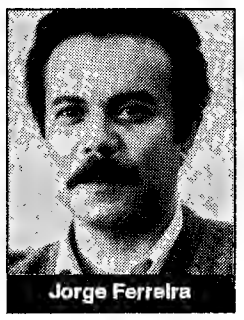
Nestas circunstâncias, poderá a China ser ainda considerada como uma grande potência? No aspecto demográfico, sim. Mas no que se refere à sua influência internacional, que se tornou praticamente nula, de modo nenhum.

De uma fase florescente de reformas, que a colocaram no pioneirismo dentro do sistema comunista, transformou-se num museu de relíquias de um estalinismo-maoismo ultrapassado pela história, e que ainda suspira, nostáligo, pelos dias da «Longa Marcha».

Hoje, Pequim recorda o dia da matança desses jovens, que exigiam liberdade e democracia. Mas o medo subsiste, a força bruta está sempre presente, apostada em abafar qualquer manifestação organizada e a fraqueza dos opositores ao regime faz o resto. Só no exterior é possível protestar, exigir o que no interior da China é negado.

Tiananmen hoje é palco de festividades oficiais (a comemoração do 150º aniversário da guerra do ópio). A pretexto dessa comemoração, a praça da Paz Celestial foi encerrada ao público e as ruas de Pequim estão atulhadas de militares.

Pretendem as autoridades calar toda e qualquer voz que se levante contra o regime opressor. Conseguirão, é certo, mas por quantos anos? Tiananmen é um marco e a Primavera de Pequim, essa subsisitá como um sonho a perseguir. É apenas uma Primaveira adiada.



Jorge Ferreira

BREVES

Angola pressiona jornalistas da agência Lusa

As autoridades angolanas resolveram suspender as acusações contra o jornalista português, João Serra, 42 anos, colaborador da agência Lusa em Luanda. «A questão ficou devidamente resolvida» - afirmou esta manhã ao «DL» o delegado da Lusa em Luanda, Sérgio Soares, sobre o qual pende também um pedido de «substituição imediata», apresentado pela embaixada de Angola em Lisboa, na sexta-feira. Durante a madrugada de sábado, João Serra foi agredido e detido pela Polícia Popular, acusado de violar o recolher obrigatório. Esta manhã deveria comparecer em tribunal para responder a estas acusações, facto que no entanto não chegou a verificar-se. Segundo apurou o DL, João Serra, poderá, também ele, regressar com Sérgio Soares.

Pequim mantém preso estudante de Macau

«Esperamos que a situação se resolva hoje, amanhã ou depois», declararam à Agência Lusa os pais de Chan Chak Wai, um jovem macaense de 29 anos, portador de passaporte português, preso em Cantão desde Julho do ano passado, na sequência dos acontecimentos de Tiananmen. Acusado de organizar «redes clandestinas» para fuga de «elementos contra-revolucionários», Chan foi detido com outros dois colegas de Macau, também estudantes na Universidade de Jinan em Cantão. Um mês depois foram libertados, mas Chan permaneceu na prisão, não sendo abrangido pela amnistia que Pequim decretou a 10 de Maio, soltando 211 presos políticos. Um ano depois de Tiananmen, os pais de Chan continuam à espera de notícias da libertação do filho, de quem recebem cartas breves de vez em quando, não lhes sendo permitido visitá-lo. Entretanto a Associação Académica de Lisboa promove hoje uma homenagem aos mortos de Tiananmen, acendendo mil velas em frente à embaixada da China na capital portuguesa. (ver noticiário sobre aniversário de Tiananmen nas págs. 12 e 13).

Questão do Quebec ainda por resolver

O primeiro-ministro canadiano, Brian Mulroney, disse que ele e os dirigentes das dez províncias do país vão se reunir de novo para discutir a grave crise que está a provocar a concessão de um estatuto de «sociedade distinta», ao francófono Quebec. Mulroney disse que a reunião , iniciada na noite de ontem, continuará até às 15 horas de hoje (locais), e que a situação, que poderá levar à secessão do Quebec se não for resolvida até 23 deste mês, está a ser tratada de modo «muito construtivo».

Gorbachev e Bush contra emigração de judeus

Mikhail Gorbachev e George Bush parecem estar de acordo sobre a questão da emigração de judeus soviéticos para Israel e a sua instalação nos territórios árabes ocupados. Numa conferência de Imprensa no final da cimeira de Washington, o presidente soviético advertiu os israelitas de que tomará medidas para travar a emigração dos judeus se Telavive não lhe der garantias que eles não serão instalados na faixa de Gaza e na margem ocidental do rio Jordão. Também Bush se manifestou contra essa instalação, mas disse que a URSS deve liberalizar a emigração. Israel já reagiu às declarações de Gorbachev dizendo que a sua política não é instalar os judeus soviéticos nos territórios ocupados, mas que não pode contrariar aqueles que desejam pra lá ir.

Extinto PSD britânico

O Comité Nacional do Partido Social Democrata britânico (PSD), decidiu ontem por 17 votos contra cinco a favor da dissolução do partido, numa reunião de emergência. O líder do PSD e ex-ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo trabalhista de James Callaghan, David Owen, declarou ser «um dia muito triste para aqueles acreditam na democracia social», sendo, no entanto, o autor da proposta de dissolução. Juntamente com outros três deputados trabalhistas, Owen decidiu criar o PSD em 1980 discordando das atitudes «extremistas» do seu partido e apostando na criação de uma terceira força no espectro político britânico. Após uma fragorosa derrota nas legislativas de 1987, onde concorreu aliado aos liberais, o PSD contava, segundo as últimas sondagens, com apenas um por cento das preferências do eleitorado.

Líder do ANC inicia digressão por 13 países estrangeiros

Mandela renova apelo a sanções contra Pretória

O vice-presidente do ANC, Nelson Mandela, inicia hoje uma digressão de seis semanas a 13 países de África, Europa e América, considerada pelos observadores como uma ofensiva diplomática destinada a contrariar o relativo sucesso da viagem do Presidente sul-africano, Frederik de Klerk à Europa. A manutenção das sanções económicas à África do Sul por parte da comunidade internacional irá ocupar um espaço importante na agenda diplomática de Nelson Mandela com os Chefes de Estado e de Governo estrangeiros. Mandela, 71 anos, comeca a sua viagem com a deslocação ao Botswana, seguindo-se a França, Suiça, Alemanha Federal, Itália, Canadá e Estados Unidos. Depois, Mandela regressa à Europa e a África para visitas à Irlanda , Reino Unido, Uganda, Etiópia, Quénia e Moçambique.

Os pontos mais altos da sua viagem serão os encontros com o Presidente norte-americano George Bush, com a primeiro-ministro Margaret Thatcher, o Presidente francês François Mitterrand, assim como a audiência com o Papa João Paulo II, no Vaticano, durante a sua estadia em Itália.

Se a tarefa de Frederik de Klerk durante a sua viagem à Europa não foi fácil, uma vez que trazia como um dos principais objectivos conseguir o levantmento das sanções económicas à África do Sul, o mesmo acontecerá com Nelson Mandela. A sua posição de líder histórico e carismático do ANC serão alguns dos trunfos que jogarão a favor de Mandela. No entanto, este facto por si só não basta. A comunidade Internacional, especialmente os países da Europa e os Estados Unidos, estão neste momento divididos quanto à estratégia a seguir em relação à África do Sul. Uns consideram que é preciso reforçar a posição do Presidente de Klerk face à ala radical branca no seu país, e esse reforço passaria pelo levantamento, pelo menos parcial, das sanções. Neste grupo Mandela terá um grande desafio a vencer no seu encontro com a primeiro-ministro Margaret Thatcher. Outros países, especialmente os países nórdicos, consideram que as principais leis do *apartheid* ainda permanecem em vigor e que as reformas do Presidente sul-africano ainda não atingiram um ponto de irreversibilidade, pelo que as sanções devem continuar.

Desafio diplomático

O desafio que Mandela irá enfrentar durante as próximas seis semanas não vai ser fácil. Primeiro porque Frederik de Klerk conseguiu uma indiscutível vitória na sua recente viagem à Europa. Se a questão das sanções ainda não é consensual no seio da CEE, de Klerk conseguiu fazer com que a questão fosse agendada na proxima cimeira dos Chefes de Estado e de Governo da Comunidade Europeia, em Dublin. Depois porque a viagem de Mandela vai efectuar-se numa altura em que o Governo sul-africano se prepara para anunciar novas reformas no *apartheid*. Sexta-feira entrou no Parlamento sul-africano uma lei com vista a pôr fim à segregação racial nos lugares públicos. Se bem que esta medida esteja na prática em vias de extinção desde os últimos anos, especialmente nas cidades do Cabo e em Joanesburgo, a sua formalização na lei irá obrigar que a segregação racial nos lugares públicos venha a ser levantada, sobretudo nalguns municípios conservadores.

A esta medida poderá juntar-se ainda outra que reforçará a posição do Governo sul-africano perante a comunidade internacional. Os jornais de maior expansão na África do Sul sairam ontem com a notícia que o estado de emergência no país poderia ser levantado durante a próxima semana.

Redacção «DL»/AFP

Eleições na Checoslováquia são na sexta e no sábado

Fórum Cívico provável vencedor

Pela primeira vez em mais de quarenta anos, a Checoslováquia vai ter eleições legislativas livres. Na sexta-feira e no sábado, as urnas decidirão se o próximo Governo de coligação vai ser liderado por sociais-democratas (Fórum Cívico) ou democratas-cristãos (KDU). As últimas sondagens favorecem nitidamente o primeiro, com 40 por cento das intenções de voto, contra apenas 20 por cento dos segundos. Esta bipolaridade típica de qualquer país da Europa Ocidental, esconde, no entanto, diversas características próprias de um país ainda marcado pelas sequelas da rápida passagem para um regime livre.

Aspecto de uma rua de Praga, onde quase todas as paredes estão cobertas com a propaganda eleitoral dos partidos

Talvez o caso do provável vencedor, Marian Calfa, seja demonstrativo das especificidades checoslovacas. Alto funcionário governamental durante o regime comunista, Calfa, um jurista eslovaco de 44 anos de idade, iniciou a sua carreira seguindo as pisadas de Ladislav Adamec, o último primeiro-ministro comunista. Após a «Revolução de Veludo» do fim do ano passado, Calfa assumiu interinamente o cargo de Adamec e em Janeiro deste ano aderiu ao Fórum Cívico, contando com a confiança do presidente Vaclav Havel.

São justamento casos como este que estão na origem das acusações dos democratas-cristãos ao Fórum Cívico, que actualmente reune 17 formações políticas, por acolher «arrependidos» do anterior regime, aproveitando-se da sua experiência de poder. Estas críticas têm alguma repercussão entre a população que ainda tem fresca na memória a recordação dos abusos dos comunistas nos últimos 40 anos.

Cerejas substituem foice e martelo

Os democratas-cristãos, liderados também por um jurista eslovaco, Jan Carnogursky, de 46 anos de idade, disfrutam de bastante popularidade sobretudo na Eslováquia, província rural e conservadora, onde 70 por cento da população é católica. No entanto, na Boémia e na Morávia, onde vivem dois terços dos tchecoslovacos, esse conservadorismo volta-se contra a KDU, já que são regiões tradicionalmente mais liberais. Mesmo assim, Carnogursky, um veterano dissidente diversas vezes preso pelos comunistas, é tido como o único dirigente do país que pode fazer frente à enorme popularidade de Havel.

A terceira força na Checoslováquia é, surpreendentemente, o partido comunista. Liderados por Adamec, fizeram um congresso extraordinário em Dezembro passado, expulsaram trinta ex-dirgentes, notadamente Gustav Husak, Milos Jakes e Vasil Bilak, pediram desculpas à população por «erros e injustiças», substituiram a foice e o martelo por um par de cerejas e defendem agora um «socialismo humano e democrático», pronto a aceitar a economia de mercado, mas opondo-se ao «desemprego incontrolado» e às privatizações dos bancos e de sectores decisivos da economia nacional». Embora sejam acusados de manterem os valiosos bens obtidos durante os 40 anos de poder e tenham perdido metade dos militantes, os comunistas ainda são uma força a ter em conta no país.

Acredita-se, porém, que eles não sejam necessários para formar os três quintos no parlamento que irão formar um Governo de transição nos próximos dois anos e reformar a Constituição. Resta saber como Calfa e Carnogursky conseguirão se entender, sobretudo na transformação de uma economia colectivista numa de mercado e no modo de lidar com os antigos dirigentes.

Redacção «DL»/AFP

Que pensar das eleições livres caracterizadas pela ausência da grande maioria dos jovens?

O futuro da Polónia é incerto

Especial para o «DL»

As primeiras eleições completamente livres, realizadas na Polónia desde a II Grande Guerra, não tiveram grande eco na Imprensa europeia. E não é de estranhar que assim tenha acontecido. Os resultados destas eleições locais já são conhecidos: uma retumbante vitória do Solidariedade, ou seja, dos comités de cidadãos e mais uma humilhante derrota dos ex-comunistas que hoje se autodenominam social-democratas. No entanto, não é esta vitória (ou derrota) que se afigura relevante. Há algo mais preocupante do que isso. A abstenção atingiu 58 por cento e isto acontece quando é passado apenas um ano sobre o início das verdadeiras mudanças políticas na Polónia. Há alguma explicação para esta situação?

Portugal viveu as suas grandes mudanças políticas após o 25 de Abril. É natural que a temperatura política tenha baixado desde 1974, mas mesmo passados 16 anos sobre aqueles acontecimentos, o eleitorado, na sua maioria, nunca se absteve e Portugal também viveu uma ditadura que durou quase meio século. É verdade, mas também não deixa de ser verdade que este país não conheceu um fenómeno chamado «sovietização».

A sovietização é um termo largamente usado nos meios da oposição ao regime comunista na Polónia nos anos 70 e 80.

Descreve uma atitude passiva do homem que prefere deixar-se governar e manobrar pelo Estado. É um comportamento de um bebé em relação aos pais, com uma pequena diferença de que o adulto conscientemente se entrega ao Estado-Pai que o molda. A falta de iniciativa da sua parte deve-se à convicção de que o Estado-Pai vai resolver tudo, porque a iniciativa em si não é bem vista pelo Poder, porque ela deve partir do partido, ou seja, da instituição que desempenhava o papel dirigente da nação, aliás consagrado na Constituição.

Era melhor ser-se apagado do que ambicioso, não necessariamente em termos políticos, já que uma simples demonstração de ambição só podia trazer problemas, atrair a atenção do partido que funcionava como o exército.

Abandoná-lo é uma deserção. Mas depois da lei marcial de 1981 a deserção foi tão grande que o aparelho não foi capaz de punir todos os desertores. Mesmo assim houve milhares que ficaram, não pela sua convicção, mas pelo medo. Há muito que tinham deixado de acreditar na ideologia.

No fim de contas testemunhámos com que facilidade o partido se desfez.

O fenómeno da «emigração interna»

Toda esse perspectiva de estar envolvido na vida pública assustava uma boa parte de população, que caía em desespero. As pessoas preferiam refugiar-se na vida particular. Dizia-se que escolhiam a «emigração interna».

Embora hoje a situação se tenha alterado drasticamente, o cão pavlovian,. após 45 anos de experiências, ainda acusa reflexos condicionados. Não basta sair do sistema totalitário para entrar na democracia, por muito que se deseje.

Uma dor mais aguda começa a incomodar quando se inicia a construir o poder democrátic., Já se ouvem gritos e lamentos da «população órfã».

A democracia é sobretudo assumir responsabilidades, tomar o nosso destino nas nossas mãos. Hoje na Polónia apenas 42 por cento dos adultos estão prontos para assumir responsabilidades.

O peso da crise económica

Além da sovietização da sociedade, a apatia e o desespero, resultante de uma alarmante crise económica, tiveram o seu peso nas abstenções. O regime mudou, mas as coisas, como era de prever, pioraram.

Os salários reais só este ano baixaram 30 por cento, segundo fontes oficiais. É espantoso que os polacos tenham conseguido aguentar até Maio sem fazer greves.

Numa situação em que o salário mínimo nacional é de cerca de 4.500$00, a média não ultrapassa os 10.000$00, os preços dos bens de consumo são mais ou menos iguais aos daqui e os preços de bens essenciais são em média três vezes mais baixos, com excepção da carne e dos seus derivados poucos são os que conseguem aguentar.

Prestígio de Walesa subiu

As eleições foram ensombradas por uma greve dos ferroviários, o primeiro grande protesto contra a política de austeridade do Governo. Por pouco a paralisação não se transformou nma greve geral. Graças à intervenção de Walesa, os ferroviários resolveram suspender a greve até ao próximo dia 13, mas se o Governo não cumprir as promessas, a instabilidade continuará.

Walesa assumiu todas as responsabilidades na mediação entre os grevistas e o Governo.

Os ferroviários exigiram uma distribuição mais equitativa dos efeitos da crise entre todas as camadas da população.

Numa das entrevistas, o líder do Solidariedade não deixou de culpar-se a si próprio, dizendo que não se deveria ter chegado a essa situação. Apoiando os grevistas, Walesa não deixou de referir que antes não tinha havido outros métodos para que os trabalhadores se fizessem ouvir senão o de recorrer à greve, mas hoje é preciso usar métodos parlamentares.

O Governo foi salvo. O prestígio de Walesa subiu ainda mais com vista às próximas eleições presidenciais previstas para a Primavera de 1991. Apaziguou também um crescente conflito no seio do Solidariedade, entre os intelectuais e os operários.

O futuro da Polónia não é muito prometedor. O que pensar sobre as eleições livres em que se verificou uma grande ausência dos jovens?

Como comentar o facto de em Gdansk, cidade-berço do Solidariedade, apenas votarem 46 por cento dos eleitores? E finalmente, qual será a conclusão a tirar das eleições em que participaram cerca de 80 partidos e coligações?

Ricardo Kurylski

Segundo o ministro da Justiça da Turquia

«Expresso da Meia-Noite» ainda marca prisões turcas

O sistema penitenciário turco sofre do síndroma do filme «Expresso da Meia-Noite» («Midnight Express»), realizado há mais de dez anos, que deu aos espíritos ocidentais uma «imagem exagerada» da violação dos Direitos Humanos e da tortura nas prisões turcas,imagem contra a qual é «muito difícil lutar», declarou à AFP o ministro turco da Justiça, Oltan Sungurlu.

A dois dias da reunião em Istambul dos ministros da Justiça dos 23 países do Conselho da Europa e da abertura da segunda Conferência sobre Direitos Humanos da CSCE em Conpenhague, Sungurlu declarou-se «muito entristecido» com a imagem do seu país no Ocidente.

Enquanto cerca de um milhar de presos turcos fazem , por rotatividade, uma greve de fome em 15 penitenciárias, iniciada a 16 de Maio para protestar contra os artigos do Código Penal restringindo a liberdade de expressão, de Imprensa e de associação e contra as condições de detenção, Sungurlu insurge-se contra a atitude da Imprensa e dos políticos turcos. Ele reprova-lhes não porem em dúvida as alegações de tortura, e às vezes, mesmo de «ajudar», deixando entender que a tortura é prática comum nas prisões do país.

«Muitos declaram, ao sair de um posto da polícia ou de uma prisão, que foram torturados», afirma Sungurlu. «Isto não é verdade, mas eu não sei como ir contra a opinião píblica», diz, reafirmando a

Cena do filme «Expresso da Meia-Noite», realizado há mais de dez anos, onde se conta a história, baseada em factos reais, de um norte-americano que é preso e torturado na Turquia

tese oficial de a desidratação ser a causa principal das mortes entre os presos, caso de dois detidos na penitanciária de Aydin, que morreram em greve de fome em Agosto do ano passado.

«Regulamentos europeus»

O ministro citou o exemplo do filme «Expresso da Meia-Noite» no qual o herói, detido na Turquia, é torturado, opondo a esta imagem do universo carcerário do país a obra de um britânico que passou 12 anos nas prisões turcas por tráfico de drogas. Em «Sob uma Lua Crescente» («Under a Crescent Moon»), Daniel de Sobza adverte o leitor para a «decepção» que irá sofrer se estiver à espera de ler uma história como «Expresso da Meia-Noite», diz Sungurlu.

O responsável pela Justiça turca, lembra que o seu Ministério corrigiu os regulamentos internos das prisões «em conformidade com os regulamentos europeus». Ele afirma que os presos turcos recusam a aplicação desses regulamentos, lamentando que a imagem do sistema penitenciário turco no estrangeiro torne pouco credíveis as declarações do Governo do país. «Eles queixam-se constantemente e querem continuar a agir ilegalmente», acrescenta o ministro.

Ideologias proibidas

Evocando o movimento da greve de fome nas prisões contra os artigos do Código Penal reprimindo o delito de opinião e as condições carcerárias, Sungurlu sublinhou que estes detidos «pouco dos quais são políticos», foram condenados por delitos comuns, posse de armas e «homicídio premeditado por ideologia política».

Ele acrescenta que os jornalistas detidos, que originaram o movimento de 16 de Maio, foram presos não ao abrigo de uma lei limitando a liberdade de Imprensa mas por propagação dos ideais comunistas em orgãos proibidos, tais como os que divulgam ideais fascistas ou religiosos.

Ele declarou por fim que os detidos não eram os únicos a quererem o levantamento ou a alteração dos artigos do código penal, afirmando que a sua supressão não dependia unicamente do Governo.

Interrogado sobre a utilidade de conservar textos proibindo a pertença a um partido comunista agora que a «ameaça comunista» parece ter-se atenuado no mundo, Sungurlu respondeu que esta questão era muito «subjectiva» e que é necessário que permaneça uma lei sobre o assunto, que os tribunais poderão interpretar.

Redacção «DL»/AFP

AVISO

INSTITUTO NACIONAL DE INTERVENÇÃO E GARANTIA AGRÍCOLA

INGA

CONCESSÃO DE AJUDAS À ARMAZENAGEM PRIVADA DE CARNE DE BORREGO

Portugal foi autorizado a abrir um processo de adjudicação destinado à concessão de ajudas à armazenagem privada de carcaças e meias-carcaças de borrego de idade inferior a 12 meses.

O período mínimo de armazenagem é de 3 meses e o máximo de 7 meses.

A quantidade mínima a armazenar é de 7 toneladas expressas como carne não desossada.

Podem candidatar-se à armazenagem privada as pessoas singulares e colectivas que:

— Exerçam uma actividade no sector da pecuária e das carnes;
— Estejam inscritas num registo público de um Estado Membro;
— Disponham de instalações de armazanagem adequadas.

As propostas de candidatura a apresentar devem mencionar:

— A designação do produto e quantidade a armazenar;
— O prazo para colocação em armazenagem da totalidade a armazenar;
— A duração da armazenagem;
— O montante da ajuda por unidade-peso (ecus/ton.);
— A constituição da caução (120 ecus/tonelada);
— A possibilidade de prolongamento da duração da armazenagem (1,2 ecus tonelada/dia, por período superior a 3 meses).

De acordo com o Reg. (CEE) n.º 287/90 da Comissão de 1 de Fevereiro de 1990.

Deverão as propostas de candidatura ser apresentadas, o mais tardar, até às 14.00 horas de quartaa-feira dia 6 de Junho de 1990 no Instituto Nacional de Intervenção e Garantia Agrícola, Rua Camilo Castelo Branco, 45 — 1000 LISBOA.

O Conselho Directivo,
(assinatura ilegível)

ECONOMIA

BREVES

Quatro milhões de contos para centro de *design*

O Centro Português de *Design* vai ter um apoio de quatro milhões de contos do Pedip, segundo revelou o ministro da Indústria, Mira Amaral, que considerou esta área como uma das cinco prioritárias da política industrial do Governo. «Somos ainda um País onde os sectores industriais mais fortemente exportadores são maioritariamente subcontratados, não dispondo de *design e markting* próprios, nem de estruturas de distribuição organizadas», disse.

Obras públicas: menos concursos em Maio

No passado mês de Maio foram abertos 91 concursos de obras públicas, no valor de 7,7 milhões de contos, o valor mais baixo dos últimos 18 meses. Mais de metade dos concursos (56 por cento, a que correspondem apenas 2,8 milhões de contos) dizem respeito às autarquias. No mesmo mês foram adjudicadas 73 obras, no montante de 26,8 milhões de contos, valor superior em 274 por cento à média de 1989.

Novo terminal Multibanco para utilização em lojas

A Sociedade Interbancária de Serviços desenvolveu um novo equipamento para facilitar os pagamentos automáticos nos estabelecimentos comerciais. TP-90 é o nome do terminal, que se destina essencialmente a pequenas lojas. De utilização simples e rápida, funciona ligado à rede Multibanco e agrega um módulo de segurança que garante a confidencialidade e autenticidade da operação.

Engenharia da Qualidade tem primeiro doutorado

Armando Lopes Pereira, director-geral da Egor, é o primeiro português doutorado na área da Engenharia da Qualidade pela Universidade Técnica de Lisboa, tornando-se assim o quarto na península Ibérica e o 20º no mundo. A sua tese versou sobre «Sistemas de garantia da qualidade como fundamento de um processo de melhoria. Nela, o autor generaliza a aplicação do conceito «garantia da qualidade» às várias áreas de actividade como resultado de um processo de inovação e analisa os aspectos custo-benefício, referindo exemplos de aplicação.

Avaliação da empresa termina no final de Junho e a OPV poderá atingir os 76 milhões de contos. A empresa continua a investir na modernização de meios técnicos e humanos

TLP estão preparados para a privatização

A avaliação dos TLP, com vista à sua privatização parcial, estará concluída no final do mês de Junho, disse à Lusa, António Santos Serra, um dos directores daquela empresa.

Segundo aquele responsável dos TLP, a privatização que decorrerá sob a forma de OPV, Operação Pública de Venda, poderá atingir no mercado um valor da ordem dos 76 milhões de contos.

A privatização de 49 por cento do capital social dos TLP foi anunciada pelo Governo ainda antes da separação da empresa dos CTT e consequente transformação em sociedade anónima de capitais públicos, em Maio do ano passado, embora, até ao momento, não haja indicações precisas relativamente ao calendário da operação.

António Santos Serra afirma, no entanto, que a empresa está preparada para a operação, faltando apenas a fixação da data por parte do Ministério das Finanças.

Os TLP lançaram, no primeiro trimestre deste ano, o eixo técnico-tecnológico relativo à cobertura da informação sobre a digitalização das redes e outros eventos tecnológicos. No segundo trimestre, a empresa apostou na vertente social e humana com vista à criação de uma nova mentalidade nos trabalhadores.

Para Santos Serra, a transformação dos TLP em sociedade anónima deu-lhe uma nova realidade empresarial que lhe permitiu uma maior flexibilidade, onde se encaixam todos os mecanismos de decisão e uma maior rapidez nos processos.

Em 1992, garante o director dos TLP, esta empresa terá um serviço de telecomunicações idêntico a qualquer país europeu «quer a nível de densidade telefónica, quer a nível da qualidade».

Nos últimos anos os TLP aumentaram investimentos

Investimento

No corrente ano, os TLP vão investir 46 milhões de contos em telecomunicações contra 29 milhões de contos em 1989, prevendo-se que em 1991 o investimento atinja os 56 milhões de contos, em 1992 os 59 milhões de contos e em 1993 os 63 milhões de contos.

Para o investimento dos 46 milhões de contos, os TLP vão proceder a um empréstimo obrigacionista no montante de 18 milhões de contos.

Actualmente, os TLP possuem 1,3 milhões de telefones instalados e até final do ano vão ser instalados mais de 140 mil. A demora média para a instalação de um telefone é hoje de um ano, prevendo aquela empresa, em 1993, diminuir essa demora para seis meses.

Sobre o mau funcionamente da rede telefónica de Lisboa, Santos Serra defende que só uma nova tecnologia permite ter um melhor serviço de telecomunicações, exigindo um espaço de entrada em funcionamento em que é necessário fazer um ajustamento técnico.

«Os TLP são altamente especializados em telecomunicações urbanas e este valor acrescentado que é dado pela experiência e pelo *know-how* que a empresa detém, nesta matéria, possibilita, amanhã, ter uma companhia internacional que faça projectos de telecomunicações para todo o mundo», disse Santos Serra.

Neste momento, o conhecimento especializado dos TLP vai para os PALOP, Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, através da TDC-Tecnologia das Comunicações, onde detém uma participação de 33,3 por cento.

Registe-se que os TLP detêm, igualmente, participações em diversas empresas de telecomunicações: 51 por cento na Telemensagem, 49 por cento na Sevatel, Serviço de Valor Acrescentado em Telecomunicações, 20 por cento na Directel, Listas Telefónicas Internacionais, 17,5 por cento na Previsão, Sociedade Gestora de Fundos de Pensões e 10 por cento na Regiforum, para além da Transdata, um consórcio entre os CTT e os TLP.

«DL»/Lusa

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	39$60	45$60
ALEMANHA FED. (marco)	86$95	88$15
ÁUSTRIA (xelim)	12$35	12$55
BÉLGICA (franco)	4$034	4$284
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	125$80	128$30
(notas de 5 a 1000)	126$30	128$80
DINAMARCA (coroa)	22$75	23$15
ESPANHA	1$369	1$489
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148$00	151$50
(notas de 5 a 1000)	148$50	152$00
FINLÂNDIA (marka)	37$10	37$70
FRANÇA (franco)	25$75	26$45
HOLANDA (florim)	77$30	78$40
IRLANDA (libra)	234$15	238$15
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$928	$983
NORUEGA (coroa)	22$60	23$10
REINO UNIDO (libra)	248$45	252$95
SUÉCIA (coroa)	24$05	24$55
SUÍÇA (franco)	102$85	104$35
VENEZUELA (bolívar)	2$631	3$431

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Operações bolsistas mais transparentes

No primeiro dia de Junho entrou em vigor o regulamento do sistema de compensação e liquidação de operações. Em Maio os negócios aumentaram 200 por cento em relação a Abril

As operações bolsistas passam a ser mais transparentes, com a entrada em vigor, na passada sexta-feira, do regulamento do sistema de compensação e liquidação de operações, elaborado com o objectivo de incluir num único sistema todas as operações executadas na Bolsa de Lisboa, sobre quaisquer valores imobiliários, independentemente do facto de serem fungíveis ou não.

O regulamento, elaborado pela Direcção de Operações, traz alterações especiais quanto à execução de uma liquidação financeira em bloco, ao alargamento de prazos para a entrega de títulos, no caso da liquidação física, sem prejuízo da financeira, a um maior rigor da regulamentação sobre o exercício de direitos e a qualificação dos valores mobiliários desmaterializados, direitos de incorporação ou de subscrição e cautelas como títulos não fungíveis.

As novas regras estabelecem que a liquidação financeira das operações efectuadas em Bolsa deverá ser feita no terceiro dia depois da operação, mediante a compensação de saldos no Banco de Portugal, com títulos fungíveis, não fungíveis, juros a que haja lugar nas operações sobre obrigações e títulos de participação e a taxa de realização de operações na Bolsa.

Durante Maio os negócios com acções, realizados na Bolsa de Lisboa, aumentaram mais de 200 por cento, em relação aos registados no mês anterior, com a totalidade das vertentes em postura positiva, a atingir montantes globais de 41,6 milhões de contos, o que corresponde a mais 92 por cento dos valores de Abril e mais 150 por cento dos de igual mês de 1989.

O ritmo foi variável, ao longo do mês, sendo que nas primeiras semanas as sessões tiveram grande animação, com os preços e os volumes de transacção a subirem, depois de um período de monotonia.

Nas duas últimas semanas houve uma travagem, classificada pelos operadores como de «arrefecimento». Registou-se, juntamente com os ajustamentos de preços, principalmente de títulos sobrevalorizados, a posição dos estrangeiros que, a deter cerca de dois terços do mercado nacional, se desfizeram de alguns papéis para a realização de mais-valias, valores que foram comprados por fundos ingleses, holandeses e japoneses, recém-chegados à Bolsa portuguesa.

Também foi evidente que os investidores nacionais continuam a não ter capacidade para sustentar o mercado, pelo que o investimento estrangeiro continua a decidir a sua tendência. Destaque para o facto de que a procura de papel tem sido feita selectivamente, com os melhores índices a serem atingidos pelas acções BPA nominativas, com transações superiores a 700 mil unidades.

QUOTIDIANO

Depois de três dias de críticas aos socialistas da UGT, o Congresso dos TSD encerra com o líder do PSD a defender o Governo e a acusar a oposição

Cavaco Silva «oferece» redução do horário

O presidente do PSD e primeiro-ministro encerrou ontem o IV Congresso dos TSD (Trabalhadores Social Democratas) criticando a oposição e, com os olhos postos nas eleições de 1991, exortou os presentes a empenharem-se para levarem a toda a parte «a mensagem do projecto social democrata». Alvo de todas as críticas - dentro e fora da UGT - foram os socialistas que, em conferência de Imprensa da tendência sindical, responderam.

Cavaco Silva afirmou ontem, em Tróia, que tem informações «quase seguras» de que a oposição «não irá olhar a meios para tentar destruir a credibilidade do Governo e do PSD».

«Irão recorrer à calúnia, à mentira, à deturpação, ao insulto pessoal, vão pedir inquéritos em toda a parte, na Assembleia da República e fora, vão pedir ao Presidente da República que vete leis do Governo, vão fazer tudo, seja sério ou não, para prejudicar a imagem do primeiro-ministro, do Governo, do PSD», prosseguiu.

O líder do PSD considerou que a estabilidade governativa «vai estar em causa» nas eleições de 1991 e sustentou que só o seu partido é capaz de oferecer condições de estabilidade governativa, defendendo a necessidade do PSD conseguir a maioria absoluta em 1991. Quanto melhor o PSD conseguir governar «maior será o desespero da oposição», acrescentou.

O primeiro ministro exemplificou: nos últimos quatro anos criaram-se 300 mil postos de trabalho, e para os jovens é hoje muito mais fácil encontrar rapidamente emprego.

Cavaco Silva e Arménio Santos: juntos, para obter a maioria absoluta do PSD nas eleições de 1991

Portugal leva quatro anos consecutivos de melhoria do poder de compra e dos salários e «para trás ficou, esperemos que definitivamente, o tempo dos salários em atraso», disse ainda.

Redução do horário: a «prenda» do Governo

Cavaco Silva aproveitou a ocasião para anunciar que o Governo está a preparar uma redução do tempo de trabalho mensal, lembrando ainda que a pensão mínima passou de 4.500 para 17 mil escudos em cinco anos.

«Apostamos fortemente na concertação social», disse o líder do PSD, que manifestou «forte esperança» de que este ano seja possível assinar um acordo para o progresso e a competitividade da economia. No entanto, disse, o Governo não pode responder a todas as reivindicações, mas deve solucionar, pelo menos, as mais justas.

Por sua vez, o reeleito líder dos TSD, Arménio Santos, defendeu que a UGT tem que ser um «espaço plural», sem «hegemonização de nenhuma das suas tendências», mas uma «UGT coerente com a autenticidade do seu projecto e sem desvios motivados por interesses pessoais ou partidários».

«Somos UGT mas não aceitamos que se desvie para campos minados que nada têm a ver com o espaço democrático que defendemos», acrescentou Arménio Santos, recordando que os social democratas estiveram na fundação da central.

O líder dos TSD reafirmou a sua recusa a que os socialistas se coliguem com os comunistas para afastar os social democratas da direcção de sindicatos.

Durante três dias, o Congresso dos TSD aprovou todos os documentos que lhe foram submetidos pela secretariado cessante e a sua moção foi aprovada sem votos contra.

A moção de estratégia proposta pela distrital de Setúbal, que previa um apoio explícito à Convenção Sindical Independente (CSI), apesar de aprovada pelo Congresso fica prejudicada face à moção mais votada, de acordo com a «praxis» vigente no PSD e nos TSD.

Tendência socialista responde

Os socialistas, para quem os TSD apontaram as «armas» durante os três dias do Congresso, deram ontem uma conferência de Imprensa, em Setúbal, onde responderam às críticas.

«A Tendência Sindical Socialista tem vindo a assistir, serenamente, a todo um conjunto de pressões que os TSD procuram exercer sobre a UGT, no sentido de que os socialistas aceitem submeter-se aos seus interesses ou então a criação de uma nova central sindical justificar-se-ia pelo desvirtuamento dos princípios que presidiram à sua criação», afirmam num comunicado distribuído.

No texto, os socialistas reafirmam o seu respeito pelo pluralismo sindical, pelo que não aceitam que os TSD, «em nome da defesa do sindicalismo livre e democrático que a UGT consubstancia» venham «formular ameaças constantes de ruptura».

Os socialistas afirmaram que a UGT tem-se mantido fiel «aos princípios que estiveram subjacentes à sua criação».

Dadoras benévolas de sangue são esperança em Portugal

O presidente da Associação Portuguesa dos Dadores Benévolos de Sangue, Moreira Alves, afirmou-se convicto de que as mulheres constituirão, no nosso país, a maioria dos dadores nos próximos dois ou três anos. A opinião foi manifestada na Póvoa de Varzim, onde terminaram, ontem, os trabalhos do XIII Congresso Mundial da Federação Internacional das Organizações de Dadores de Sangue.

Segundo aquele responsável, Portugal poderá converter-se a médio prazo num país exemplar relativamente à dádiva de sangue.

Moreira Alves acrescentou que tem esperança na boa vontade dos portugueses, os quais têm sabido corresponder aos apelos feitos pela pela Associação.

A APDBS conta com mais de 30 mil associados, que pelo menos duas vezes por ano dão sangue, contribuindo com cerca de 70 mil unidades. A associação vai também tentar captar a juventude para a dádiva de sangue.

«São essencialmente as classes laboriosas mais humildes, tanto a nível do campesinato como do meio urbano, a ceder o seu sangue, para todos quantos dele necessitam, e a sustentar as classes mais favorecidas que, por desinteresse ou comodidade, se abstêm de o fazer».

O responsável da associação, que tem combatido a venda do sangue, referiu que Portugal está a atravessar uma fase de renovação nesta matéria, que passa, nomeadamente, pela reestruturação de toda a rede nacional de transfusão sanguínea. No termo do 8º Encontro Nacional de Deficientes que se realizou em Lisboa, o presidente da União Coordenadora dos Organismos de Deficientes, António Lampreia, disse que a situação dos deficientes é de retrocesso e agravamento e que, na sua opinião é no domínio da saúde que os problamas são mais graves, sobretudo no que se refere ao fornecimento de próteses e hortóteses, interrompido com a descentralização hospitalar.

B R E V E S

Jornadas camarárias sobre informação

Jorge Sampaio presidiu esta manhã à abertura da Primeira Jornada sobre Organização e Informação no Município de Lisboa. A iniciativa do pelouro da Modernização e Reorganização dos Serviços, dirigido pelo vereador Anselmo Aníbal, inclui intervenções sectoriais sobre questões organizacionais e insere-se no desenvolvimento das acções previstas no plano de eficácia, transparência e desburocratização, aprovada pela edilidade lisboeta.

Funcionamento da linha de Sintra discutido esta tarde

As condições de funcionamento da linha de Sintra e as medidads que devem ser tomadas neste âmbito são objecto de um encontro que hoje se realiza, pelas 18.30 horas, nos paços do concelho de Sintra. A reunião foi convocada pelo presidente da edilidade «face aos últimos acontecimentos que tiveram lugar» naquela linha ferroviária suburbana. Foram convidados a participar o presidente da assembleia municipal de Sintra, os presidentes das juntas de freguesia da Amadora, Benfica, Queluz, Algueirão, Rio de Mouro e Cacém e ainda a Comissão de Utentes da linha de Sintra, o Sindicato dos Ferroviários, a delegação da Cruz Vermelha da Amadora e os bombeiros voluntários da Amadora, Algueirão, Cacém e Queluz.

Abertas as propostas para aeroporto de Macau

As propostas apresentadas ao concurso de construção da pista de *taxiwais* do aeroporto de Macau variam entre 1,2 mil milhões de patacas (22,2 milhões de contos) e 3,2 mil milhões de patacas (59,2 milhões de contos). A abertura das propostas dos quatro consórcios concorrentes ficou concluída no último sábado tendo agora a comissão de avaliação, nomeada pela Companhia do Aeroporto de Macau, cerca de um mês para analisar os *dossiers* apresentados.

Macário Correia pedala em defesa do ambiente

O secretário de Estado do Ambiente, Macário Correia, liderou, ontem de manhã, um pelotão de cicloturistas que pedalaram do Guincho a Lisboa em defesa do ambiente. A «corrida» de Macário Correia é «um desafio á classe política» afirma o Centro Português de Cicloturismo que organizou o passeio, com o apoio da Secretaria de Estado do Ambiente. Os organizadores pretendem promover a bicicleta como veículo de baixo custo, que não consome energia, não polui, é silenciosa, fácil de estacionar e bastante saudável.

Desmentido encerramento do Hospital de Outão

O ministro da Saúde, Arlindo Carvalho, afirmou que o Hospital Ortopédico de Outão, Setúbal, não será encerrado e que o Ministério vai aumentar as verbas para aquela instituição. No início de 1989 o Ministério da Saúde adimitiu o encerramento do hospital, não tendo a anterior titular da pasta, Leonor Beleza, chegado a tomar qualquer decisão nesse sentido.

Discoteca encerrada em Coimbra

Uma das seis discotecas existentes em Coimbra foi encerrada por, elegadamente, constituir perigo de vida para utentes e funcionários, disse a autoridade do distrito. Arlindo Gonçalves referiu que a decisão já entrou em vigor na semana passada, após um primeiro mandato que não foi acatado pelo proprietário.

Conservadores de registos constitem associação sindical

A assembeia geral de conservadores de Registos Predial, Civil, Comercial e Automóvel aprovou, ontem, por maioria absoluta, a transformação da associação da classe em associação sindical. Segundo José Martins, presidente da associação cessante, a tranformação da associação de carácter técnico-científico em associação sindical fica a dever-se ao «receio de que lhe pudesse ser imputada falta de representividade de classe, nas negociações que tem vindo a fazer».

Numa praia portuguesa

Cientistas de todo o mundo procuram o «estado de graça»

Começar a manhã observando um alongado grupo de senhoras e cavalheiros a arastarem-se pelo chão, soltando uivos e rugidos, a caminharem sobre os quatro membros ou a regougar como símios, ou ainda a rebolarem-se sobre a carpete com lúbricos suspiros que faziam lembrar um orgasmo, não parece, na verdade, a melhor forma de conservar a saúde mental.

Todavia, aquele grupo de respeitáveis indivíduos tem a seu cargo, precisamente, tratar-nos da saúde mental e vieram um pouco de todo o mundo para se reunirem, durante quase uma semana, na pacata praia de Porto Novo, nas vizinhanças de Torres Vedras, onde há quase dois séculos Wellington fez desembarcar as suas tropas para o derradeiro ataque aos exércitos de Napoleão.

Todos eles começaram por ser médicos ou psicólogos. Depois, acabaram por entender que tratar o corpo e o espírito como entidades separadas não leva a nenhuma parte. A faísca foi o aparecimento da Bioenergética, um novo ramo da ciência criado pelo médico Alexander Lowen, um discípulo de Wilhelm Reich, que, com os seus muito saudáveis 81 anos, presidiu à 10ª Conferência Internacional de Análise Bioenergética, que ontem se concluiu naquela praia.

Alexander Lowen é um homem de acordo com aquilo que ensina: calmo, acolhedor, tranquilo, pronto a responder a todas as questões. Para o criador da nova teoria há uma relação total entre o corpo e o espírito, não se podendo entender um sem o outro. Mas esclarece que a espiritualidade não é necessariamente definida pelas convencionais interpretações judeo-cristãs, preferindo a definição de Jung: «O espírito é a experiência interna do corpo».

E, rapidamente, traça uma história da humanidade em termos psicológicos: «Podemos acreditar que o animal é capaz de sentir amor e ter fé. A atitude que caracteriza a sua fé é a aceitação inconsciente da rectidão do seu mundo. Para o tigre haverá presas, para o castor haverá água, para o esquilo uma árvore com buracos. Dizemos que o animal está adaptado ao seu ambiente, o que quer dizer que ele conta com o seu ambiente, com a segurança de que ele o não vai trair. Esta era a situação do homem no início da sua existência, antes da desenvolver a consciência. Pertencia, fazia parte de uma ordem natural. Tudo estava bem. Mas, depois, o homem comeu o fruto da árvore do conhecimento e foi expulso do paraíso e forçado a conquistar o alimento com o suor do seu rosto.

O desenvolvimento da agricultura não o levou a completa ruptura com a natureza ou a perder a fé. Era, agora, uma entidade diferente dos outros animais e seu superior, embora sentisse a existência de seres superiores a que era necessário oferecer sacrifícios, os deuses, que passam, naturalmente, a conceber à sua medida e aos quais se assemelhava, pois também tinha poderes criadores O homem transforma-se no seu próprio Deus.

No Ocidente, a vida tem sido, ultimamente, intensamente secularizada, reduzindo-se o sagrado, quando ainda existe, a um punhado de crenças e de símbolos, ainda com considerável poder sobre muita gente. Mas as crenças e os símbolos são processos mentais que não tomam em conta o corpo

.

A parte de deus e a parte do homem

E, para Alexander Lowen, a consideração de que os processos mentais pertencem a um domínio,a psicologia, enquanto os processos físicos pertencem a outro, a medicina orgânica, nega a unidade essencial, ou a totalidade, de um indivíduo. Psyche (se quiserem, a alma) era definida pelos antigos gregos como «o princípio vital que faz actuar as fontes internas da acção e desenvolvimento». Só muito mais tarde passaria a representar «o ser espiritual distinto do corpo».

Isto, de acordo com o «pai» da Análise Bioenergética, criou uma situação em que a maioria das pessoas foi levada a acreditar que a sexualidade e a espiritualidade se encontram em campos totalmente opostos. Desse ponto de vista, a espiritualidade é qualquer coisa que tem a ver com o cérebro, enquanto a sexualidade se regista nas partes mais baixas do corpo.

«Esta maneira de ver, diz Lowen, distorce a realidade do ser humano, que é um indivíduo sexualmente diferenciado em cada uma das suas células do seu corpo. Num homem, cada cada célula tem dois cromossomas Y, em contraste com as células do corpo de uma mulher, que têm um cromossoma X e um Y. Similarmente, a espiritualidade é uma função de todo o corpo.»

«A espiritualidade do corpo é a sensação de ligação a um poder mais elevado, a uma ordem superior ou a uma força universal (Deus, mas não obrigatoriamente um Deus relacionado com as igrejas estabelecidas). Este sentimento é um fenómeno corporal de pulsação e fluidez. Quando a excitação corporal se alarga para além dos limites do ser, a pessoa sente-se ligada, comprometida. É o que acontece, por exemplo, no acto sexual, quando se dá um orgasmo, assim como durante toda a interacção da paixão. A experiência subjectiva é de contentamento e a manifestação corporal desta espiritualidade é o que costuma designar-se por estado de graça».

«Todos os animais, incluindo o homem - prossegue - nascem em graça. A perda ou quebra da graça cortam a ligação do homem com a natureza e com deus e minam a sua saúde. A falta de graça deve-se a tensões musculares crónicas que perturbam o fluir da excitação do corpo. Reduzindo essas tensões, podemos aumentar a graciosidade do indivíduo e recuperá-lo em termos de graça e saúde».

Primeiro respirar

Porque o Bioenergética não é apenas mais uma teoria sobre o comportamento humano. Nos seus consultórios, os especialitas combinam técnicas de investigação da mente do doente (o que, inevitavelmente, conduz a Freud, como em todas as especialidades relacionadas com a mente) com processos corporais, orientados, basicamente para a respiração, mas também para a repulsão de excessos de energia que constrigem certas partes do corpo. («Para dizer a verdade, dirá ainda, excessos de energia não existem. A energia é a vida e nunca ouvi falar em excesso de vida»...). Mas Alexander Lowen terá demonstrado que os traumas mentais, muitas vezes originados na infância, podem bloquear os fluxos de energia, e como exercícios físicos especiais, associados à terapia verbal são capazes de produzir uma paz psíquica.

Relacionando as suas teorias (e as suas práticas) com o pensamento europeu, de Reich a Jung e deste a Freud, Lowen não esquece, ao definir espiritualidade, de estabelecer uma ligação da tradição mística ocidental de relação com um Ser Supremo, com a tradição Oriental de ligar o espírito e a respiração.. O que talvez pudesse reunir-se num versículo da Bíblia: Deus animou o homem com o seu sopro, e o homem só tem direito à existência no momento em que começa a respirar e a sua existência quando cessa de o fazer. O que também significa que o que está em cima é o que está em baixo, como diriam os orientais.

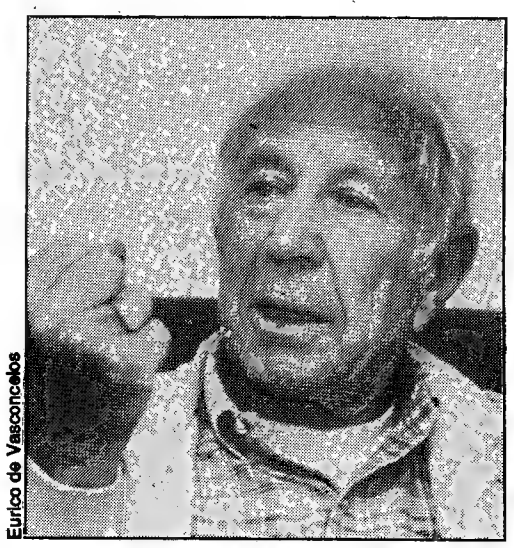
«A minha intenção, diz Alexander Lowen, é demonstrar que o corpo não é apenas um objecto material facilmente compreensível em termos físicos. Não, o corpo não é um simples vaso do espírito, mas sim o espírito feito carne. Na minha opinião, é o espírito, que dá realce ao conhecimento e à razão, que é secular, enquanto que o corpo é que é a nossa parte sagrada».

Em Portugal

A Bioenergética começou a surgir, um tanto em esboço, no início dos anos Cinquenta, mas já em 1956 Alexander Lowen tinha conseguido pôr em funcionamento o seu Instituto Internacional para Análise Bioenergética, sediado em Nova Iorque. Presentemente, o Instituto expandiu-se um pouco por todo o mundo, contando já mais de 1500 membros. A estes exige-se-lhes que sejam formados em Medina ou Psicologia, ao que é necessário acrescentar um curso no Instituto. Um curso sem data limite, pois o monitor só aceitará declarar o seu aluno preparado quando este realmente o estiver, o que pode levar vários anos.

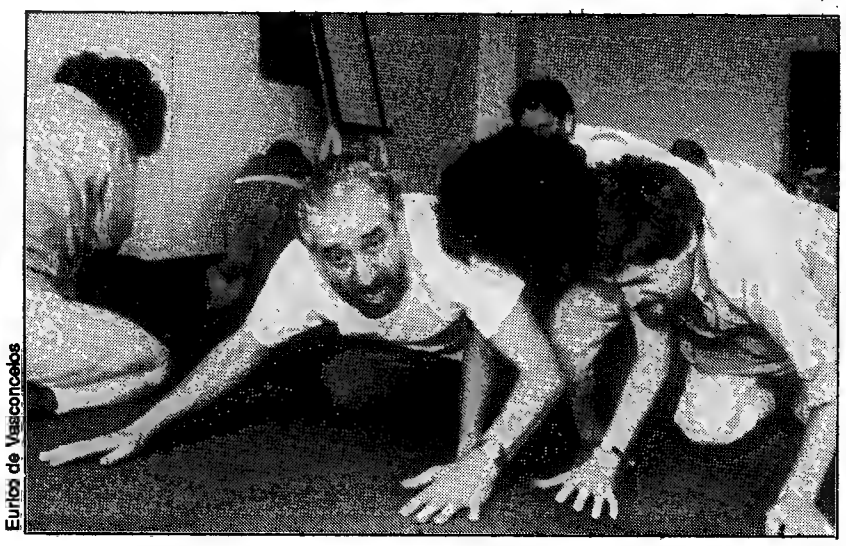
Em Portugal, há, presentemente, apenas três médicos a operarem no campo da bioenergética, o dr. Menezes Rocha, que preparou a realização desta conferência, e duas senhoras.

Roby Amorim



Eurico de Vasconcelos

Alexander Lowen: «O corpo e a mente são substancialmente idênticos»



Eurico de Vasconcelos

Libertar o espírito das suas tensões interiores por meio do exercício

Eurico de Vasconcelos

Não é exactamente uma brincadeira: estes médicos praticam o que ensinam

Reunião inconclusiva com presidente de banco

Organizações femininas protestam contra discriminação de sexo

A fraca taxa de mulheres nos quadros de pessoal do Banco Comercial Português (BCP) foi o motivo da reunião que representantes de 13 organizações femininas efectuaram com o presidente

situação a partir de Janeiro deste ano, e até agora, no âmbito do sindicato, admitiram uma mulher e 369 homens.»

No espaço geográfico do SBSI, o BCP conta nos seus quadros de

Homenagem a Neves de Sousa

Neves de Sousa, o «nosso» homem dos desportos, está a fazer 40 anos à banca de trabalho dos jornais, especialmente do «DL», onde é hoje o decano dos que cá andam a aprender a substituir a esferográfica pelo computador. Só que ao talento do «Zé

Uma associação cívica, a URBE, propôs-se fazer aquilo que as entidades políticas resp
integrada do planeamento do estuário do Tejo. Ministros, autarcas, urbanistas, ecologistas,
gestores de empresas públicas estiveram reunidos no fim de semana. Conci
que todos os organismos querem mandar na sua faixa e que há projectos m

Rio abaixo, Rio acima ninguém se entende

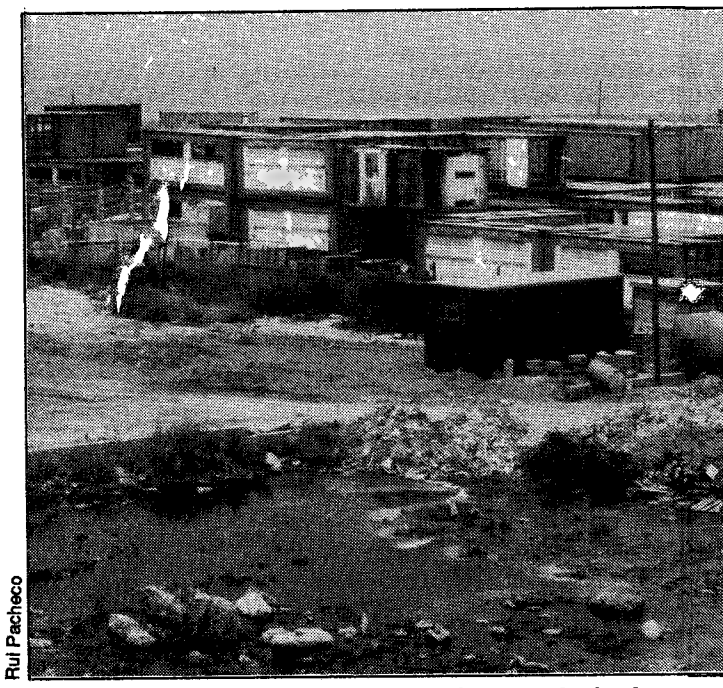
O Estuário do Tejo (340 Km quadrados, mais de dois milhões de habitantes a ele ligados, onze municípios e dezenas de departamentos envolvidos na sua gestão, um dos maiores portos da Europa, um dos mais ricos ecossistemas europeu com uma reserva natural internacionalmente classificada, um importante habitat de recriação piscícola e de manutenção de fauna avícola) está desgovernado, cada entidade puxando para o seu território decisões que deviam ser integradamente coordenadas. - esta uma das principais conclusões que tiramos das «Conferências Estuário do Tejo», que a URBE, núcleo de pesquisa urbana organizou este fim de semana.

A administração central toma decisões sem ouvir as autarquias, empresas majestáticas, como a Administração do Porto de Lisboa é soberana nas margens e acusada de não dialogar, de não informar e de erguer um muro entre os cidadãos e o rio; os munícipios não têm controlo sobre as margens e actua cada um para seu lado, os responsáveis pelo ordenamento do território não ordenam nem coordenam e continua-se à espera do Plano da Região de Lisboa e Vale do Tejo, de que os respectivos responsáveis não conseguiram dar notícias concretas.

Resultado de tudo isto é que no decorrer das Conferências se falou de projectos que circulam por gabinetes, de que uns têm conhecimento vago, outros nem isso, tendo todos eles profundas implicações irrecuperáveis, quando se tratar de dar alguma ordem global a tudo isto. É o caso de um provável novo «elefante branco», um grande complexo portuário artificial na foz do Tejo, de que falamos desenvolvidamente noutro local; é o caso de um enorme «World Trade Center», a pespegar em plena praia de Algés, um muro (ou murro?) de cimento entre nós e o rio, ambos da responsabilidade do Porto de Lisboa, que não dá contas a ninguém, a não ser talvez ao ministério das Obras Públicas e, sobre isso, o ministro disse nada; é o caso de um enorme complexo turístico da Câmara de Oeiras para a zona Paço de Arcos-Santo Amaro; é o caso das decisões sobre as pontes, sobre as quais o Governo parece entender não ouvir ninguém; é o caso do tão falado campo de Tiro de Alcochete, capaz por si de alterar profundamente toda a vida do estuário e das populações de vários concelhos e o seu desenvolvimento económico e urbanístico.

Do representante da Comissão de Coordenação Regional de Lisboa, além do mais director geral do Ordenamento do Território, não conseguimos esclarecimentos cabais; o representante do Porto de Lisboa fechou-se sempre em copas acerca do projecto do porto do Bugio; os vereadores da Câmara de Lisboa evitaram as polémicas; o representante do município de Oeiras queixou-se de marginalização quanto ao «Trade Center»; e só a presidente da Câmara de Almada foi mais longe, ao afirmar que os projectos de que não tem conhecimento deviam passar por uma estratégia de desenvolvimento que não foi definida, que nada se faz para melhorar a acessibilidade entre as duas margens, que deviam ser pensadas como um só cidade e lamentou que se tomem tantas decisões sem se conhecer o que ficará definido no Plano Regional de Ordenamento do Território da Area de Lisboa.

Do ministro das Obras Públicas, recentemente chegado ao ministério, não se ouviu nada, a não ser a notícia sensacionalista de que a segunda ponte sobre o Tejo vai avançar a todo o vapor, como se não houvesse tantas coisas para definir antes; do ministro do Ambiente ouviram-se muitas preocupações quanto à degradação de todo o ecossistema do estuário, mas



Rui Pacheco

Na zona oriental a cidade está separada do rio por es
e de contentores que a Administração do Porto de Li

foto Augusto Alves da Silva, da exposição Algés-Trafaria 1990

A Trafaria ficou esmagada pelo gigantismo do silo portuário; como será depois com todo o complexo portuário?

A grande golada de

Nos anos 40, em alturas de maré-baixa as gentes da Trafaria iam a pé até ao Farol do Bugio caminhando pela areia. Actualmente esses passeios de domingo já não se podem repetir. Entre a Cova do Vapor e o Bugio hoje há a água a separar os dois sítios. Todavia, a Natureza e o Homem parecem determinados em fazer regredir o processo de erosão daquele banco de areia. «A língua de areia está a crescer há dez anos», diz ao DL o engenheiro Fernando Abecasis, da Hidrotécnica Portuguesa, empresa responsável pelo projecto de fecho da Golada do Tejo, que participou nas Conferências sobre o Estuário. «Ao querer fechar-se a golada está apenas a acelerar-se um processo natural», acrescenta.

Enquanto o curso da Natureza aponta para uma união cíclica, a preocupação do Homem, neste caso da Administração do Porto de Lisboa, no encerramento da golada não é desinteressada pois ali pretende instalar um complexo portuário, que alguns receiam venha a transformar-se em mais um «elefante branco» da economia nacional.

A APL viu neste pedaço de terra a potencial alternativa para os espaços que detém na margem norte e encomendou o estudo.

De acordo com o documento que, segundo Fernando Abecasis deve, hoje mesmo, ser entregue pela Hidrotécnica à APL o processo nem é muito complicado.

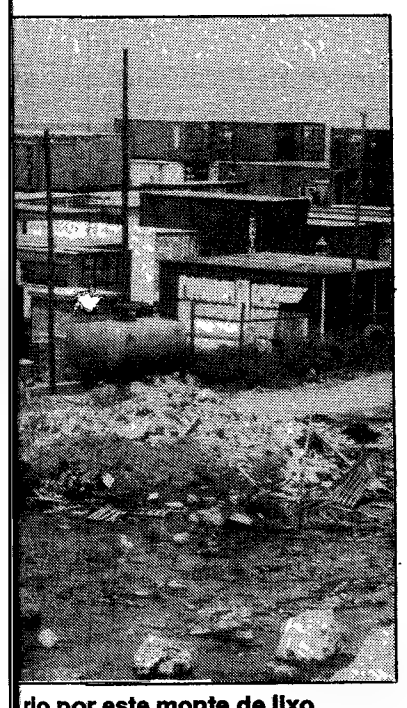
Da operação de dragagem de cerca de 3 milhões de metros cúbicos de areia vindos do Canal da Barra vai nascer um aterro hidráulico que, garante o documento, «não terá qualquer impacto sensível ou inestético». A julgar pela estimativas, a concretização deste dique de areia está apontada para o segundo semestre de 1990.

Se, como tudo leva a crer, o fecho da golada avançar ainda este ano que consequências se verificarão no futuro? No entender dos autores do estudo, só coisas positivas resultarão desta obra: vai melhorar a defesa da Costa, o Farol do Bugio ficará mais protegido, diminuirão os habituais galgamentos da Marginal Lisboa-Cascais pelas águas, porque se registarão melhores condições de agitação marítima nas zonas compreendidas entre Pedrouços e Paço de Arcos. Na Costa da Caparica o areal aumentará, verificar-se-á uma melhor renovação de águas e o ritmo de assoreamento do canal de acesso ao porto de Lisboa diminuirá.

O fecho da golada, além de inevitável daqui a uns anos, é em si positivo. Mas... «a polémica surge quando se começa a discutir o que vai aparecer na nova parcela de terra e o que vai ser o aproveitamento da margem sul do rio Tejo», sublinha Fernando Abecasis. Na verdade, assim é. A princípio chegou a falar-se num terminal de carvão agora sabe-se que a APL pretende ali insta-

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

s responsáveis ainda não realizaram: tentar uma visão
istas, técnicos do sector privado e da administração pública,
Conclui-se que o desordenamento é completo,
tos medonhos que avançam silenciosamente



rio por este monte de lixo
orto de Lisboa ali consente

Arquitectos, ecologistas, representantes de associações cívicas juntaram as suas vozes de preocupação por toda esta situação um pouco caótica, enquanto os técnicos da administração pública se enredavam no conformismo tecnocrático de soluções parcelares, completamente desligadas de qualquer plano de conjunto; os responsáveis políticos das autarquias clamavam por diálogo, por associativismo intermunicipal, mas não adiantavam nenhuma solução concreta.

A presidente da Câmara de Almada, Emília de Sousa, falou da necessidade de uma autarquia metropolitana; o vereador de Lisboa, Rui Godinho, afirmando que o Porto de Lisboa não pode continuar a ser a câmara municipal da margem centro, defendeu um modelo de gestão em que participem os onze munícipios do Estuário e a administração do Porto; Silva Pinto, da Associação Industrial Portuguesa falou, em nome dos empresários da necessidade de um amplo consenso à volta do Plano Integrado do Vale do Tejo, nomeadamente acerca da rede de transportes, da necessidade dos Ministérios se abrirem a esse diálogo, que deve compreender os municípios das duas margens e a administração do Porto de Lisboa, que qualificou de «um Estado dentro do Estado»; Leopoldo de Almeida , do gabinete do Plano Integrado de Desenvolvimento do Distrito de Setúbal, falou da necessidade de criar um organismo participado para defesa do ambiente do Estuário, com a função de diagnosticar a situação, informar os interessados, intervir e tentar resolvê-la junto das entidades responsáveis.

Desertificação

De intensa degradação ambiental falaria Antunes Dias, director da Reserva do Estuário do Tejo, para concluir que ela acabaria por provocar a desertificação humana de povos que viviam de recursos naturais do rio Tejo. E para justificar a necessidade de manter o estuário dentro das suas condições naturais lembrou apenas o seu aspecto de habitat de aves aquáticas: 70 a 80 mil aves europeias usam-no no inverno nas suas migrações, entre as quais 60 por cento de toda a população europeia de alfaiates e várias espécies protegidas, como os flamingos, os pilritos, os perna longa e maçaricos de bico direito. Esqueceu-se (?) de dizer que o campo de tiro de Alcochete ameaça todo este património genético insubstituível.

Jorge Calheiros, da Associação Amigos do Tejo, daria à problemática do Estuário uma dimensão e uma visão cultural que foi faltando nas Conferências, ao falar da preservação de um património histórico e cultural que não consente a perda de memórias e afectos, na perpspectiva da qualidade de vida das populações ribeirinhas.E por isso chamou a atenção para as instâncias da animação cultural e lúdica das populações, da formação dos jovens, do apoio das instituições à dinamização das populaçõesque, em seu entender, devem ser ouvidas, para que não se cometam violentações do ambiente geo-cultural. Será o ministro das Obras Públicas sensível a este apelo, ele que falou da sua experiência e memória de infância, quando conviveu com os salineiros, os marinheiros das fragatas e os pescadores ribeirinhos de Alcochete?

Adelino Cardoso

le um elefante

ser a
a de
bre o
do o
hou-
a de-
o do
mui-
nto à
ecos-
mas

dos
coisas
desta
lefesa
Bugio
dimi-
gal-
l Lis-
guas,
mel-
itação
com-
ouços
sta da
ntará,
elhor
ritmo
nal de
Lisboa

ém de
anos, é
s... «a
do se
ue vai
ela de
ser o
argem
olinha
a ver-
ncípio
termi-
abe-se
insta-

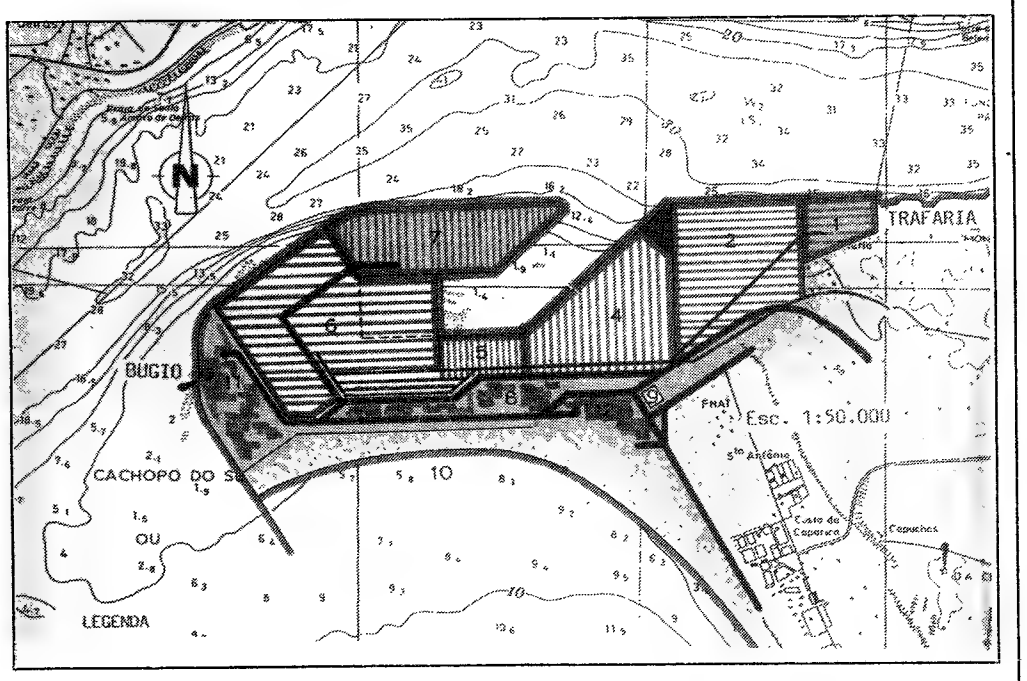
lar um complexo portuário, no qual está incluído um terminal de contentores, entre outras infra-estruturas. Todavia, além da vantagem imediata que se obtém com a transferência da margem norte para o sul do «biombo» de grandes caixotes que tapam o rio aos olhos dos lisboetas, em termos de ordenamento a perspectiva de integração pura e simplesmente não existe.

Grande parte dos contentores de mercadorias que chegam diariamente ao Tejo destina-se à margem norte. Ora, se actualmente não está construída uma segunda ponte nem tão pouco se sabe se estão previstos acessos ferro e rodoviários para a zona do complexo, como virão as mercadorias para Lisboa? Pela Ponte 25 de Abril, saturando ainda mais o seu tráfego com camiões TIR ?

Estas e outras questões levantam, por exemplo, os autarcas da margem sul que, para esta questão do fecho da golada não foram ouvidos nem consultados. De facto, à primeira vista eles não vislumbram vantagens para os municípios que gerem. A APL não submeteu o projecto do complexo portuário à apreciação da Comissão de Coordenação de Lisboa e Vale do Tejo e nem sequer foi solicitado um estudo de avaliação do impacto ambiental.

No decorrer das Conferências, e apesar de muitas perguntas, ninguém esclareceu em que estudo económico se baseia este grande investimento, de que modo se integra no Plano de Desenvolvimento do distrito de Setúbal ou no do futuro Plano Regional de Lisboa, em que programa de transportes se inscrevem os acessos a um complexo, que inclui um vasto porto de carga e descarga, zonas francas industriais, complexos turísticos e escritórios.

Luísa Alexandra Botinas



Maqueta do núcleo portuário Trafaria-Bugio. Com os números 1, 2 e 3 estão assinaladas as estruturas já existentes: o silo de cereais, zona industrial e terminal de combustíveis NATO. Com os restantes números localizam-se as várias estruturas do grande molhe portuário, com que se pretende transferir parte dos cais da margem norte para a margem sul, aproveitando o fecho da barra da Cova do Vapor até ao forte do Bugio. O número 4 assinala o cais para contentores; o 5 o terminal de ligação do porto a via rodoviária e ferroviária integrado no 6, espaço destinado à instalação de uma zona franca industrial; o 7 outro terminal para contentores; o 8 a zona terciária; o 9 o heliporto; 10 a zona de praia permitida pelo fecho da barra; o 11 e 12 áreas destinadas a hotels, clubes, piscinas, ténis, etc.. A area deste núcleo portuário artificial tem um comprimento mais ou menos igual à distância que vai da Trafaria à ponte sobre o Tejo

Notícias do Futuro

Devolução à cidade dos domínios correspondentes à frente ribeirinha (...) construção e arranjo de sequências de espaços públicos de recreio e lazer junto ao rio, que poderão incluir esplanadas ribeirinhas (...) criação do Parque Ribeirinho Oriental, aproveitando a Doca dos Olivais para equipamentos desportivos e de lazer.

Fonseca Ferreira,
responsável do Gabinete de Estudos e Planeamento Estratégico da C.M.Lisboa

Estão adiantados os estudos para decidir a segunda travessia do Tejo, ponte ou túnel, poderemos estar preparados para lançar a obra até ao fim do ano.

Ferreira do Amaral,
ministro das Obras Públicas

O projecto do grande núcleo portuário da Cova do Vapor ao Bugio está pronto para aprovação na Direcção Geral dos Portos.

Boleo de Freitas,
técnico da Hidrotécnica Portuguesa

Estamos a estudar duas hipóteses de localização para a Grande Exposição Internacional de Lisboa de 98: dividi-la entre Belém e o Lazareto, no Porto Brandão, ou concentrá-la na zona oriental de Lisboa.

Mega Ferreira,
da Comissão dos Descobrimentos

A Comissão de Coordenação da Região de Lisboa está a desenvolver uma acção piloto com a Câmara Municipal de Oeiras, no sentido de instalar um interface de transportes, perto do Estádio Nacional. Já demos parecer favorável ao projecto de complexo turístico para a zona Paço de Arcos-Santo Amaro.

José Teixeira,
director geral do Ordenamento do Território

Notícias do Passado

Determinou D. Manuel que «...na dita ribeira de fora dos muros não fosse dado pela cidade um só palmo de terra a pessoa alguma, porque isto queremos que se faça...»

decreto real de 1498

As lezírias e planícies aluviais como terrenos de origem recente revelam uma grande instabilidade sedimentológica, facto que, associado a um intenso processo de assoreamento, se traduz numa modificação dinâmica do traçado do leito do Tejo, deslocando-se progressivamente para norte. Assim, o rio passa actualmente muito próximo da Quinta da Cardiga, de que distava, alguns séculos atrás, de alguns quilómetros.

Maria da Graça Saraiva,
in «Povos e Culturas» nº 2

O lisboeta não veria comboios deslizando como sombrinhas entre ele e o seu querido Tejo, impossibilitando-lhe com cancelas quezilentíssimas o trânsito livre, e manchando-lhe com fumo, rumor e perigos, a melhor coisa que ele tem.

Júlio Castilho,
in «A Ribeira de Lisboa», 1968

Em 1976, o Governo encomendou um estudo de ordenamento do estuário do Tejo, projectámos 70 hipóteses de intervenção, foram seleccionadas 30; o estudo terminou em 1979, foram editados 50 exemplares, entregues aos responsáveis do Planeamento e das Obras Públicas; nenhum estudo teve utilidade prática, dormem no fundo de gavetas.

António Pessoa,
director da Empresa Geral de Fomento

(De declarações proferidas durante o Seminário e de textos publicados nos «Cadernos Urbe 1»)

QUOTIDIANO

Uma beleza incólume: as Berlengas

Se Raul Brandão ressuscitasse, não seria com certeza capaz de reconhecer senão um único dos pontos da costa portuguesa que descreveu em «Os Pescadores»: as Berlengas, por coincidência, logo o seu favorito. Descontada a explosão demográfica da gaivota, e a concomitante rarefacção de outras espécies, lá permanece «o monte solitário (que) sai todo vermelho da água verde e grossa como um vidro», com «um castelo na base», de que ele sonhou ser o «governador». A que se deve o milagre da imunidade da ilha principal, a Berlenga Grande, ao rasto de cimento que os insaciáveis interesses turísticos vêm deixando pelo litoral, a partir de um Algarve desfigurado? Às dificuldades de acesso geradas pela insularidade, que condiciona a visita à Berlenga (e mesmo assim só pelo Verão) a uma deslocação marítima imprópria para estômagos melindrosos? Ou ao rigor de uma gestão proteccionista insensível aos cantos de sereia dos adeptos do desenvolvimento acelerado, através de um comércio da Natureza em que a Natureza é imolada? Ao que quer que se deva, o escritor, no outro mundo, como nós, neste, fica grato.

Martírios e heroísmos no memorial de um fortim

O forte de S. João Baptista, na Berlenga Grande, remonta ao reinado de D. Manuel, «O Venturoso», mas a sua origem não teve relação com a saga das caravelas, então no apogeu da glória. Mais modestamente, visou apenas a protecção de um convento de eremitas, devotos de S. Jerónimo, que achavam penitência excessiva serem dia sim, dia não, assaltados e raptados por piratas mouros, que os vendiam como escravos no Norte de África.

A história é contada no Boletim da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, que atribui a iniciativa do apoio aos monges à rainha D. Maria, filha dos Reis Católicos, Isabel de Castela e Fernando de Aragão, e, à semelhança dos pais, crente fanática. As piedosas intenções da soberana não terão no entanto, segundo o mesmo texto, obstado a que os piratas continuassem a prejudicar o recolhimento dos religiosos da Berlenga, que acabaram por mudar de ares, para poderem render homenagem ao Altíssimo com outro sossego.

Abandonado o convento na regência de D. Catarina, era menor o rei sucessor, o seu neto D. Sebastião, ficou também o Forte às moscas, ou melhor, às aves marinhas, convertendo-se, ao longo de 70 anos, numa ruína batida pelas ondas.

Foi a Restauração que determinou a reconstrução, com a ameaça das hostilidades espanholas a impor o aproveitamento de todas as fortalezas raianas. As nove bocas de fogo ali colocadas não viriam porém a troar tão cedo. Houve que aguardar por 1666 para que um feito militar ficasse consignado nos anais das Berlengas.

Foram efectivamente espanhóis os agressores: uma esquadra que zarpara de Cádis, comandada por D. Diego Ibarra, com instruções para interceptar os navios franceses que trariam para Portugal a noiva de D. Afonso VI, Maria de Nemours, e seu séquito nupcial. Avistando o Forte de S. João Baptista, o almirante castelhano, para passar o tempo, abastecer o porão e enriquecer o currículo, resolveu atacá-lo. E meteu-se numa grandessíssima alhada.

Um cabo cujo nome ficou na história, António de Avelar Pessoa, e 28 soldados, eis toda a guarnição do minúsculo baluarte. Mas obrigou os mil assaltantes a três dias de combate sem tréguas, enquanto teve munições, causou-lhes 400 baixas e destruiu-lhes três naus: uma que se afundou logo ali; outra que, cheia de remendos, ainda atingiu o Algarve; e uma terceira que, se realcançou Cádis, foi no entanto a última viagem que fez.

Para esta vitória de Pirro foi ainda necessário que um acto de traição maculasse o heroísmo dos portugueses: um elemento da guarnição, receoso das represálias inimigas, foi ter com eles a nado, a informá-los de que se esgotara o paiol da fortaleza.

A notoriedade por ela granjeada com o feito de armas fez com que se providenciasse prontamente a reparação das abaladas muralhas, o que se repetiu dez anos depois. E, segundo o texto que temos vindo a citar, foi com a fisionomia que estas obras lhe conferiram que a fortaleza de S. João Baptista (apenas restaurada, sem alterações da traça, em meados do século) chegou até hoje: um castelo octogonal de grossos paredões de pedra escura, cravado numa rocha ligada ao flanco sul da ilha por uma estreita ponte de cimento e cercado de água brava ou mansa, sempre transparente.

F.B.S.

...Vinte mil gaivotas incomodam muito mais

Nas Berlengas há tanta, tanta gaivota que os campistas têm de ter cuidado: se se distraem da sardinhada, os bichos vão lá ao saque e chegam a tirar o peixe mesmo de cima das brasas. E ainda assim estão com sorte; porque, se por ali circulassem na época da postura, acontecia-lhes como aos poucos residentes da Berlenga Grande, que, quando se abeiram inadvertidamente dos locais de criação, dão consigo na pele das personagens da fantasia hitchckoquiana de «Os Pássaros», debaixo das bicadas de uma esquadrilha ruidosa de gaivotas furibundas.

Não são porém esses incidentes que preocupam os responsáveis da Reserva Natural que as Berlengas, Grande e Pequena, juntamente com os grupos de ilhotas miniaturais das Estelas, Forcadas e Farilhões, constituem desde há nove anos. É, antes, a acção dizimatória que a *larus argentatus*, a gaivota argêntea, pois que é desta variedade de gaivotas que se trata, exerce sobre a bicharada com a qual ali coabita.

Entre as vítimas da proliferação da argêntea, que é, aliás, o mais adaptável e, por isso mesmo, o mais comum dos elementos da sua família, a dos larídeos, avulta outra ave marinha. Trata-se do airo, uma espécie de pinguim de águas temperadas que, extinto já na Galiza, tem nas Berlengas o último paradeiro meridional. O decrescimento dramático da população desta curiosíssima ave mergulhadora está em clara relação directa com a expansão demográfica da gaivota. Censos de 1939 estimavam os airos das Beiras em 12 000; de 1974, em 1 200; hoje, não serão mais de duas dezenas. Em contrapartida, a população de gaivota argêntea, mal-grado medidas de contenção já aplicadas, anda pelos vinte mil indivíduos. Basta visitar as ilhas para se ter a percepção do desproporcionado deste número: dificilmente se encontra ali um metro quadrado de solo onde não esteja uma dessas aves — pardacenta, se for jovem, branca e cinza, se adulta — fora as que cruzam constantemente o espaço, em elegante voo planado.

O fenómeno não é exclusivo da zona. «Omnívoro generalista», como a qualificam os zoólogos, a gaivota, com a urbanização do litoral, arranjou processo de escapar aos mecanismos selectivos da Natureza, que impunham à espécie uma mortalidade juvenil, no Inverno, na ordem dos 66 por cento. Tornou-se comensal do homem. As lixeiras passaram a permitir à generalidade das crias alcançar a idade adulta.

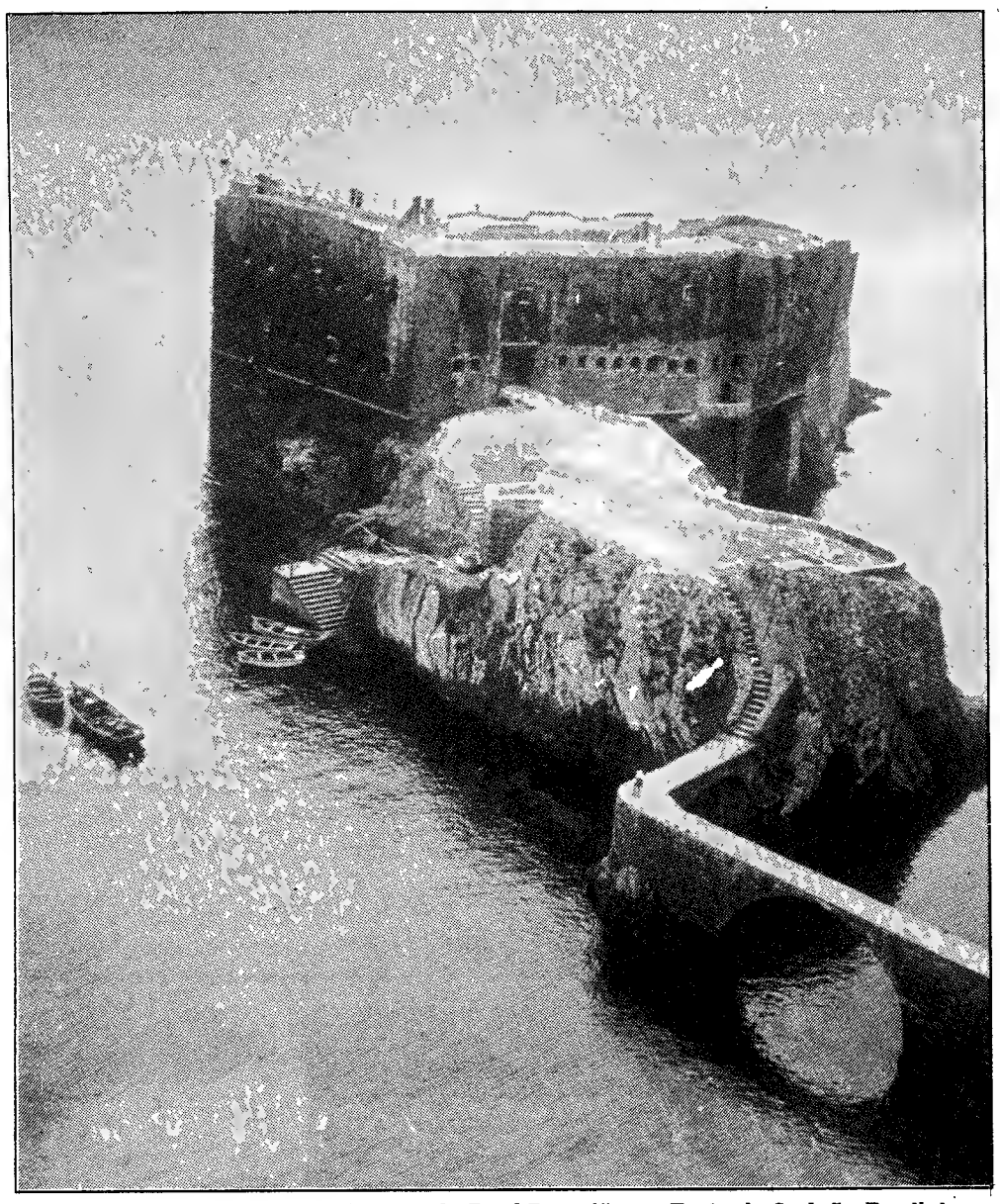
Requiem pelo airo

Essa proliferação reflectir-se-ia, sobretudo, nos locais de dormitório de aves marinhas, como as Berlengas. E as vítimas teriam de ser as outras espécies. No caso dos airos, as gaivotas depredam-lhes os ovos (uns singulares ovos em forma de pirâmide arredondada, para não rolarem das frestas das falésias) e as crias. Mas também competem com eles no tocante ao sustento. Embora não mergulhe, a gaivota alimenta os filhos com pequenos peixes de superfície, que constituem parte importante da dieta do airo.

Relativamente a este, os amantes da Natureza bem podem tirar já os fatos de luto da naftalina. Mesmo que um milagre os libertasse de repente da pressão devastadora da gaivota-argêntea, os efectivos actuais da espécie dificilmente, por razões genéticas, consentiriam a sua recuperação. A consaguinidade conduzi-la-ia, a prazo, à degenerescência. Por outro lado, o airo é um animal insusceptível de criação em cativeiro, o que inviabiliza o refrescamento do sangue da sub-espécie portuguesa com indivíduos das populações nórdicas. Tudo isto, mais a nafta que o envenena e as redes dos pescadores onde tantos exemplares se prendem até morrerem afogados, se conjuga para que este campeão do voo subaquático garanta o primeiro capítulo de qualquer livro vermelho sobre a fauna portuguesa em vias de extinção.

Tal é a opinião do director da Reserva Natural das Berlengas, professor Luís Vicente. Mas a inelutabilidade do fim do airo, não obsta, aos seus olhos, a que se intensifique o contrôle demográfico da gaivota. Poderá parecer ridículo, reconhece este biólogo, que se tomem medidas de protecção de lagartos e lagartixas. Mas a verdade é que, no segundo caso, se trata de uma variedade endémica,

O espectro que paira sobre as Berlengas: a gaivota



«O último refúgio de um pirata», viu Raul Brandão no Forte de S. João Baptista

quer dizer, exclusiva das Berlengas, única no mundo, e que os seus efectivos estão a decrescer a olhos vistos, devido não só à insaciabilidade da gaivota-argêntea, que a depreda, como aos efeitos da abundância da ave sobre o solo. É que os dejectos da gaivota contêm um alto teor de nitratos. Aquelas fezes brancas e líquidas são altamente corrosivas e alteram a composição química da terra, com prejuízo da vegetação.

Tais são os motivos — para não falar das doenças que ela pode transmitir ao homem — porque as medidas de contenção da gaivota argêntea têm de exceder a esterilização dos seus ovos, através da injecção de água, como vem sendo praticado desde há um par de anos. A gaivota tem uma longevidade de quinze anos, pelo que viriam sempre tarde os resultados de um controlo que não incidisse sobre exemplares adultos, como o que está previsto para 1991, de acordo com Luís Vicente.

Laboratório precioso

O director da Reserva das Berlengas insiste no valor biológica deste grupo de ilhas, local de transição e confluência dos ecossistemas mediterrâneo e atlântico. Trata-se, segundo ele, de um «laboratório biológico precioso» para o estudo da evolução das espécies, que não por acaso constituiu a primeira área protegida da história, concretamente em 1465, por carta régia de D. Afonso V, a proibir ali a caça.

Esta valia é aliás reconhecida internacionalmente, nomeadamente pelo Conselho da Europa, que classificou as Berlengas de reserva biogenética.

Além de diversos endemismos vegetais, não só entre as algas como no solo das ilhas, estas têm algumas populações raras de animais superiores, com relevo para ratos pretos, em toda a parte em recessão devido à pressão do mais robusto e adaptável rato cinzento, ou ratazana. A salvo deste inimigo, que ali não dispõe de condições para prosperar, o rato preto tem como único predador nas Berlengas corujas do mato, procedentes da costa.

Acusando já os efeitos da proliferação da gaivota, existem nas ilhas corvos marinhos, ou galhetas, grandes mergulhadores, e pardelas de bico amarelo, soberbos planadores a que na Madeira e nos Açores, onde são cada vez mais raros, chamam cagarras.

Nas Berlengas existe também um dos poucos casais existentes em Portugal de uma das mais prodigiosas aves de rapina, o falcão peregrino, a mais veloz das criaturas voadoras, capaz de picar a 300 quilómetros por hora sobre a sua presa habitual, o pombo.

A preservação destas espécies exige uma vigilância aturada numa zona onde naturalmente se faz sentir uma forte procura turística. Em 1987, antes da adopção de medidas restringedoras do acesso às Berlengas, a Berlenga Grande chegou a acolher 3000 pessoas, em dias de Verão, o que era desastroso para o equílibrio ecológico.

Hoje, com a imposição de um limite às viagens do «Berlengueiro», o barco que faz a ligação com Peniche, e das autorizações para acampar, a situação está mais fácil de controlar.

A atenção dos seis guardas da Reserva que a protegem na época alta não incide porém exclusivamente no comportamento dos veraneantes. É raro já estes serem supreendidos a prevaricar, nomeadamente entregando-se à caça submarina, ali interdita.

Mas a actuação dos pescadores profissionais também tem de ser vigiada, para que não recorram a redes. A pesca do robalo, ao anzol, é a única ali autorizada, já que qualquer outra atentaria contra as fontes alimentares das aves protegidas. Mas as Berlengas constituem um paraíso piscatório demasiado tentador. E contra certos pescadores furtivos o pessoal da Reserva nada pode fazer. Volta não volta, são detectados caçadores submarinos, cujo equipamento leva a admitir uma certa profissionalização. Servem-se de garrafas de oxigénio. Descobertos, fogem. E fazem-no à máxima potência dos motores de muitas centenas de cavalos acoplados aos grandes «zebros».

«Vá-se lá apanhá-los...», desabafa Luís Vicente.

Fernando Brederode Santos

Acaba o albergue barato renasce a pousada de luxo

A ENATUR está disposta «a ir para a frente» com a reinstalação de uma pousada na Fortaleza de S. João Baptista, na Berlenga Grande, desde que lhe seja proporcionado o necessário apoio financeiro oficial, disse ao DL um responsável daquela empresa pública, Nuno Jardim.

Se assim acontecer, assegurou o mesmo informador, a nova unidade hoteleira estará a funcionar, o mais tardar, em 1993.

Condição para o arranque da iniciativa será o financiamento a fundo perdido pela CEE, financiamento a que ela foi candidatada, ao abrigo do Plano de Desenvolvimento Regional, dado o montante da verba para o efeito necessária.

Equipamentos caros, transporte de material e obras exigirão um investimento na ordem dos 230 mil contos, segundo Nuno Jardim, director do departamento de Relações Públicas da empresa, que frisou não estarem incluídas nessa estimativa certas despesas com infra-estruturas, como um heliporto e o abastecimento em água potável e electricidade.

Por essas e por outras, informou ainda, tratar-se-á sempre do estabelecimento mais caro entre todos os da rede da ENATUR, que já de si não tem reputação de praticar preços baixos. Outra singularidade derivada da localização especial da nova pousada será o seu encerramento durante boa parte do ano, dada a pouca procura que se prevê que tenha nos meses mais frios.

Mesmo só para funcionar de Abril a Outubro, seria no entanto necessário assegurar outro meio de transporte aos hóspedes que não o «Berlengueiro», barco de passageiros que faz em cerca de meia hora a ligação entre Peniche e a ilha, dado que ele apenas opera entre 1 de Junho e 20 de Setembro. Daí, encarar-se a possibilidade de uma carreira de helicóptero entre aquela vila e a Berlenga Grande.

Outro factor do elevado nível dos preços a praticar será a obtenção de água potável, através provavelmente de um mecanismo de dessalinização, e de electricidade, a exigir a substituição dos desactualizados geradores ainda ali a uso.

O projecto de readaptação da Fortaleza a pousada já foi concebido em linhas gerais por arquitectos ligados à ENATUR, na sequência de uma visita ao monumento de técnicos e representantes das entidades às quais o assunto diz respeito, nomeadamente Serviço Nacional de Parques, Direcção-Geral dos Monumentos Nacionais, Secretaria de Estado do Turismo, Câmara Municipal de Peniche e Associação dos Amigos das Berlengas. De acordo com esse projecto, serão cerca de uma dúzia os quartos a alugar.

O aproveitamento hoteleiro do Forte de S. João Baptista já foi feito, sob a égide do Secretariado Nacional da Informação salazarista, entre o princípio dos anos 50 e finais dos 60, tendo a pousada passado a chamar-se Abrigo de Pescadores na sua última fase, quando se tornou indisfarçável uma decadência relacionada com a reduzida procura.

O abandono a que depois foi votada originou a rápida degradação das instalações, repetidamente violadas e saqueadas, até que, em 1975, se constituiu a Associação dos Amigos das Berlengas, com o objectivo de suster essa marcha para a ruína.

Desde então, e não obstante se fale amiúde na reconversão em pousada, o Forte tem estado sob a tutela desta entidade, que aluga os quartos num regime semelhante ao que vigora nos parques de campismo, ou seja, nada mais proporcionando além do espaço, a não ser água e electricidade racionadas.

Não obstante a incomodidade das instalações, a lotação da Fortaleza, que é de 33 pessoas, fora os funcionários, esgota-se todos os anos poucos dias após a abertura do prazo para a reserva de lugares, que coincide com o primeiro sábado de Maio.

Os utilizadores da fortaleza são sobretudo pessoas do concelho de Peniche, que pagam 450 escudos por cabeça quando ocupam os aposentos mais amplos e 350 escudos quando se alojam nas chamadas «cubatas», ou seja, uns minúsculos quartos escavados na muralha, com acesso pelo terreiro e vigia para o mar, sobre a rebentação das ondas.

A receita é aplicada pela Associação dos Amigos das Berlengas na manutenção da Fortaleza, onde é também normal estarem hospedados, de Verão como de Inverno, estudantes de biologia e cientistas.

À disposição dos hóspedes existem camas sem lençóis e cozinha com frigoríficos e fogão, utilizáveis em determinadas horas. Há também um mini mercado e uma sala de refeições, com um serviço praticamente circunscrito a sanduíches e bebidas.

A hospedagem na Fortaleza não pode exceder os cinco dias seguidos e os veraneantes que ali se instalam contam para o limite máximo de 500 pessoas admitido pelos responsáveis da Reserva, sendo 150 os residentes.

O controlo do número de visitantes, segundo uma prática que um decreto-lei veio recentemente consagrar, é assegurado pelas lotações do parque de campismo e do «Berlengueiro», que faz duas viagens diárias de ida e volta à Berlenga Grande.

F.B.S.

Doces de ovos à moda de Peniche

Se a carne de gaivota nunca deixou a quem a experimentasse vontade de lhe meter outra vez o dente, tão coriácea consta que é e tão tresandante a peixe, já os seus ovos são como os ovos todos, desde os do pardal aos do faisão. Por isso mesmo, porque eles, sendo frescos, nada ficam ao dever aos de consumo corrente, o aprovisionamento com ovos de gaivota, nas Berlengas, constitui uma prática antiga dos pescadores da zona de Peniche, que os vendem nas pastelarias da vila, onde são utilizados em doçaria.

A atribuição às ilhas do estatuto de Reserva Natural deveria, em princípio, ter feito cessar esta actividade, dados os condicionalismos a que sujeita a circulação de visitantes. O reconhecimento da importância que ela pode assumir para o modesto orçamento doméstico dos pescadores tem, porém levado os responsáveis da Reserva a fechar os olhos à infracção. Depositados na Berlenga Grande pelas traineiras, que demandam normalmente os Farilhões, os homens enchem baldes metálicos com a postura das gaivotas, sendo recolhidos ao fim do dia pelos colegas. Segundo o director da Reserva, Luís Vicente, calcula-se que em 1987, por exemplo, tenham sido apanhados perto de sete mil ovos.

Não se pense no entanto que esta tolerância vise a obtenção de um instrumento acessório contra a proliferação da gaivota argêntea. Para terem a certeza de que os ovos são frescos, os pescadores só os retiram dos «ninhos» (se é que assim se pode chamar àquelas concavidades do solo) onde não se encontrem mais de dois ou três; e a gaivota, na continuação da postura, compensa a pilhagem.

Remédio santo para a praga em que a ave se tornou seria a descoberta de uma receita que lhe tornasse os músculos rijos e fedorentos num sucedâneo tão idóneo do frango como os seus ovos o são dos da galinha...

F.B.S.

QUOTIDIANO

Um espectáculo bem montado proporcionou aos milhares de jovens que se deslocaram a Cascais, na tarde de domingo, a oportunidade rara de verem, ao vivo, alguns dos melhores praticantes mundiais de skate

Profissionais de skate em Portugal

O leitor que não se tenha deslocado ao Pavilhão do Dramático de Cascais, na tarde de domingo, dificilmente imaginará o que é possível fazer com uma tábua de madeira dotada de quatro pequenas rodas, mais conhecida por skate. Na primeira pista profissional montada no nosso país, evoluíram cinco dos melhores praticantes do mundo (quatro norte-americanos e um canadiano), no âmbito do «Portugal Skate Show».

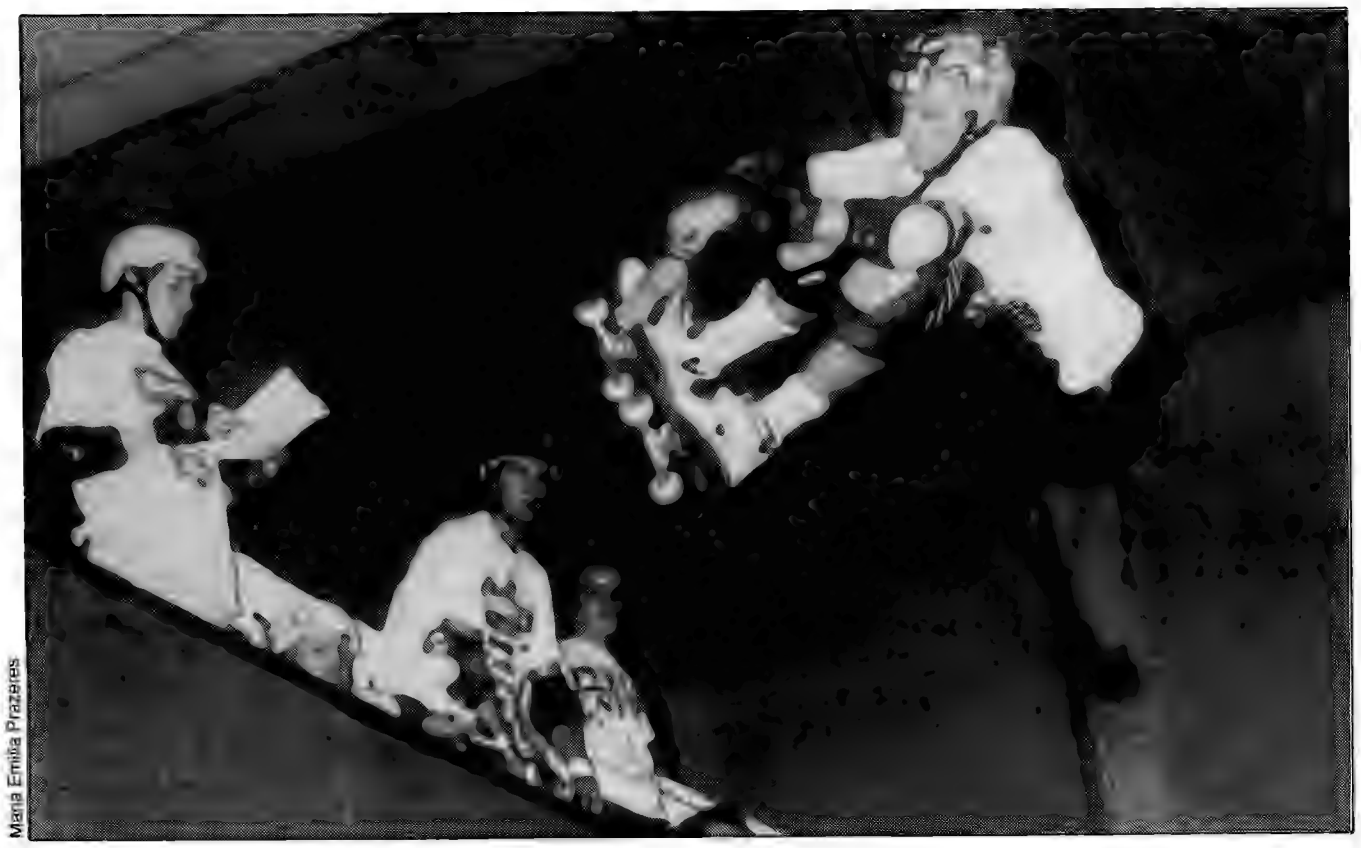
Cerca de três mil jovens deliraram com as acrobacias realizadas a alturas que chegaram a atingir os seis metros, com muitas quedas aparatosas pelo meio.

Um espectáculo montado com cuidado e visando um público muito, muito jovem: muita luz, muito movimento, muita música rock tocada bem alto.

Público jovem, mas conhecedor: o João e o Rui, por exemplo, de 13 e 15 anos respectivamente, referiram-nos que conheciam bem os praticantes, pois eram leitores de revistas estrangeiras de skate; iam como centenas de outros na esperança de conseguir autógrafos (que, aliás, os skaters distribuíram sem qualquer tipo de vedetismo).

A satisfação de Pedro Martins Simões, o principal responsável pelo show, era bem visível e referiu ao «DL» que «para o ano irá repeti-lo mas numa escala maior». Para além do apoio da Câmara Municipal de Cascais, Pedro Simões contou com patrocínios privados.

Cerca das 15 horas, Joe Johnson, Chris Miller, Ken Park, Ray Underhill e, o muito esperado, Tony Hank, considerado o melhor praticante do mundo, equipados a rigor (cotoveleiras, joelheiras, calções, ténis e capacete -- as quedas, como já referimos, são, na realidade, muitas e espectaculares, mas também perigosas -- cair a grande velocidade de quatro ou cinco metros de altura não é, propriamente, uma brincadeira, daí o equipamento de protecção), começaram a sua demonstração, ao som de Madonna.



Maria Emília Prazeres

Acrobacias a seis metros de altura

As manobras verificam-se numa estrutura de madeira, em forma de semi-círculo, coberta de contraplacado, cujos pontos mais altos se encontram a 3,60 metros do solo.

Refira-se que a montagem daquela pista é da responsabilidade de um canadiano que viaja com os praticantes, expressamente com aquela finalidade.

Depois de adquirirem o balanço necessário, os praticantes lançam-se nas alturas, desafiando a gravidade ao fazerem piruetas complicadas (com cujos nomes técnicos a jovem assistência estava perfeitamente familiarizada), cabeça para baixo, skate no céu, como que colado aos pés. Foram realizadas dezenas destas figuras livres, foram pedidos encores (qual concerto de «rock»).

Um facto saltou aos olhos do reporter, mesmo não sendo conhecedor da modalidade: a diferença de categoria entre Tony Hank e os outros skaters, com vantagem evidente para este último, que pôs o pavilhão do Dramático ao rubro, por várias vezes.

Depois do intervalo, e após outro período de figuras livres, realizou-se um concurso para ver qual dos cinco voava mais alto, tendo vencido Chris Miller, que atingiu quase os seis metros de altura e que arrecadou, com a proeza, um câmara de video.

Assim terminou o «Portugal Skate Show», tendo havido, pelo meio, sorteios de pranchas de skate autografadas e de walkmans, oferecidos por uma das entidades patrocinadoras.

Viver da prática do skate

Pedro Simões escusou-se a revelar ao »DL» o cachet recebido pelos skaters, que são todos eles profissionais e cujas idades variam entre os 22 e os 27 anos. Conseguimos, no entanto, apurar, junto dos praticantes e do responsável pela pista que, por cada demonstração (fazem perto de 15 por ano) recebem, normalmente, entre mil a mil e quinhentos dólares (150 a 225 contos).

O restante dos seus proventos advém da participação em campeonatos. Uma vitória no campeonato do mundo rende à volta de 700 contos. Uma vida nem sempre fácil, mas vivida com prazer e grande liberdade, confessaram-nos.

A entrada, realizada apenas através de duas portas, aliada ao entusiasmo (natural), para conseguir os melhores lugares, provocou naturais empurrões que a organização podia ter evitado abrindo outras portas. Dessa forma não teria sido necessário ver -- nunca é --, pelo menos, um cassetete policial no ar (lembrando cenas de má memória naquele mesmo local há alguns anos atrás...), ameaçando adolescentes.

Mário Rocha

Maria Emília Prazeres

Um espectáculo montado com cuidado, visando um público muito jovem

ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

CULTURA

Rex Harrison morreu no sábado

My fair Rex

Como Cary Grant, Lawrence Olivier ou Peter Lawford, Rex Harrison conheceu o destino de todos os ingleses em Hollywood: foi um *gentleman* entre os *yankees*. Mas, hoje, dois dias depois da sua morte, aos 82 anos, ninguém o lembra com 29, quando começou a trabalhar no *silver screen*. Todos os cinéfilos, sem excepção, o recordam como o irascível Professor Higgins de «My Fair Lady». Tinha cinquenta e muitos anos, ganhou um Oscar e o coração de todas as meninas casadoiras que se viam e reviam numa delicada Audrey Hepburn que nesse mesmo filme se perdia de amores por Rex.

É um facto que nenhum actor em Hollywood foi tanto a estrela de um só filme (e de uma só peça, já que Rex Harrison representou «My Fair Lady» durante anos nos mais prestigiados teatros do mundo). Mas é também verdade que um papel destes numa obra-prima do musical não cai do céu, nem aparece por milagre, muito embora fosse essa a sensação transmitida ao público por um género cinematográfico particularmente vocacionado para o cor-de-rosa ...

Rex Harrison: Júlio César em «Cleopatra», com Elizabeth Taylor

Nascido no Lanchashire, em 5 de Março de 1908, Rex iniciou a carreira artistíca tal como a terminou: tomado de paixão pelos palcos. De resto, dele se diria que «nada mais lhe interessava senão o teatro». Há um mês atrás, com um cancro no pâncreas, cuja existência lhe fora omitida, ele era ainda uma veterana estrela da Broadway, numa comédia de Somerset Maugham. O teatro serviu-lhe de escola, para a vida e para a arte. Nele adquiriu aquela dicção, aquele saber estar que o transformaram num galã quando se abeirava dos sessenta anos. O que nos outros seria a terceira idade, nele foi a elegância conferida por todo um passado, misterioso ao olhar, crédulo, das fãs. E em 1963, em «Cleopatra», como Júlio César, ainda se mostrava capaz de disputar Elizabeth Taylor a Richard Burton...

Antes de tais façanhas e seduções, Rex Harrison fora um herói da Aviação de Sua Majestade, durante os anos da guerra. Contracenara com Vivien Leigh, fora dirigido por Mankiewicz, por Preston Sturges e por Vicent Minneli. Fascinara os americanos com o *«british way of life»* e provara que os produtos humanos de uma Europa decadente podem ser bem mais encantadores que as Betty Grable norte-americanas. Mesmo que também fosse machista e que gostasse mais de pantufas do que de Audrey Hepburn...

Maria João Martins

Rui Veloso só amanhã

O concerto de Rui Veloso, previsto para sábado passado, foi adiado para amanhã, no Campo Pequeno, pelas 22 horas.

«Mingo e os Samurais», nome do último trabalho discográfico do músico portuense e título deste espectáculo em que o tornará público, não se realizou na data prevista dada a violenta chuvada que se abateu sobre Lisboa, e a falta de condições de isolamento eléctrico necessárias para a sua realizaçã.

O que mais se deseja tem outro prazer...

Há lambada nos Coliseus

Kaoma, o grupo que alcançou sucesso com a *lambada*, vai estar em Portugal para realizar dois espectáculos.

Composto por sete elementos oriundos de países tão diversos como o Brasil, Martinica, Argélia e França, os criadores de "Dançando Lambada" apresentam-se hoje no Coliseu do Porto e depois de amanhã no Coliseu de Lisboa.

Vítor Rua com novo projecto musical

«Vidya» é o título do novo projecto de Vítor Rua, com a particularidade de juntar instrumentistas de várias áreas da nova música portuguesa e também performers, videastas e poetas. Em fase de preparação, o projecto terá consistência final numa sessão de registo «em tempo real», para disco e vídeo, que decorrerá ainda este mês no Angel Studio - quatro horas apenas, durante as quais tudo pode acontecer. Participam, entre outros, Nuno Rebelo, Sei Miguel, ToZé Ferreira, Rodrigo Amado, Rui Azul, José Pedro Lorena, Fala Mariam, Jorge Lima Barreto, Rafael Toral, Dom Lino, João Peste e Carlos Zíngaro. Foram também convidados Rui Castelo Lopes e Paulo Abreu para o vídeo, o poeta Joaquim Castro Caldas e dois nomes da performance portuguesa, Rui Órfão e Manuel Barbosa.

Mas não é só: Elliott Sharp e Toshinori Kondo contam-se entre os músicos estrangeiros que intervirão, «via telefone», na gravação de «Vidya», termo em sânscrito que alude às origens da música. O primeiro com uma banda magnética, e Kondo com um solo de trompete, articular-se-ão com os «jogos de bilhar musicais» semi-improvisados dos portugueses, com largos espaços para intervenções solísticas. Prevêm-se muitos acordes de guitarra, muita electrónica e muitos sopros, mas para já fica um aviso à navegação: editora, para este trabalho de ponta que tem a megalomania possível da tecnologia *soft*, ainda não há.

Em Julho, o jazz vai a Cascais

Se o jazz veio à cidade, o mês passado, para o que vem vai até à vila de Cascais. É mais uma edição do «Jazz num dia de Verão» mas, ao contrário do que diz a designação escolhida, o programa é variado e demorado, e não se limita apenas aos concertos. Comecemos por estes, no entanto. A 13 de Julho, na sala de cinema do Casino Estoril, toca o quarteto de Marcus Roberts, um pianista recém-descoberto (acompanhou o trompete Wynton Marsalis) que está a ser bem ovacionado por onde passa. A 14 apresentam-se os Harper Brothers, duo de trompete e bateria que ficará encarregue, neste festival, das maiores contemporaneidades. Depois de uma pausa e ainda no mesmo local, a 26, vez para as New York Voices, colectivo vocal «a capella» que pretende a preservação de todo um estilo cantante.

Logo no dia seguinte, mas já no Parque Palmela, actua o quinteto do tenorista Scott Hamilton, na linha dos grandes do saxofone como Coleman Hawkins ou Lester Young, e a 28 entram naquele palco, montado ao ar livre, os Projazz New York All Stars, sexteto que engloba músicos do topo do jazz *mainstream* e neomordernista, aquele que está agora em voga: Clark Terry, «Sir» Roland Hanna, Kenny Burrell, Rufus Reid, Bobby Watson e Kenny Washington. Todos estes concertos, na tradição dos *night clubs*, decorrerão duas vezes em cada noite, com sessões às 21 e 30 e 23 e 30.

Acontece que estes últimos seis tocadores de jazz vêm a Portugal também com funções didácticas e formativas. A partir de 23 de Julho, e até ao próprio dia 28, animarão na Escola dos Salesianos os Primeiros Cursos Internacionais Projazz. Objectivo: aperfeiçoar a prática dos jazzistas portugueses interessados, sob a direcção de Rufus Reid. Os melhores alunos serão seleccionados para o espectáculo All Stars, e se os resultados não forem como os obtidos quando dos recentes *workshops* de Karl Berger no Hot Club, a ocasião será histórica e com frutos que não deixarão de ser notados.

olhar de mocho

O capitão donatário

O presidente do conselho supremo da RTP, (empresa pública, não é?), apareceu, pelo menos em dois serviços noticiosos de vulto, e entre outras anonas de menor calibre, declarou: não discutir na praça pública os problemas internos da empresa; não dialogar com quem lhe paga o chorudo vencimento - o cidadão cumpridor que esportula a taxa, o cidadão consumidor que indirectamente, através da publicidade, garante os fabulosos rendimentos da empresa; que a vitória sobre a concorrência está garantida.

O estilo, o tom, a arrogância do presidente, o conteúdo ideológico das afirmações fazem mais pensar num qualquer e obscuro capitão donatário que os reis enviaram para os Açores e para o Brasil, e em troca de valente naco de terra e de escravos encarregavam de obter a fidelidade à coroa.

Tudo leva a cvrer que o presidente da *nossa* televisão, nossa porque nós é que a pagamos, se sinta mesmo capitão donatário de uma empresa que faz parte do património nacional.

Importaria recordar ao senhor presidente que em democracia o diálogo e a discussão não são enfeites para usar a seu belprazer. Sobretudo tratando-se de um serviço público.

Depois, voltar a recordar ao capitão donatário que no capítulo de liberdade de Imprensa estamos numa situação diferente da que vigorava na direcção-geral de propaganda, SNI, ou Palácio Foz, ou qualquer outro nome que tivesse, fundada pelo doutor Oliveira e mantida pelo doutor Caetano. Finalmente, que existe uma ética democrática que tem obrigações inalienáveis.

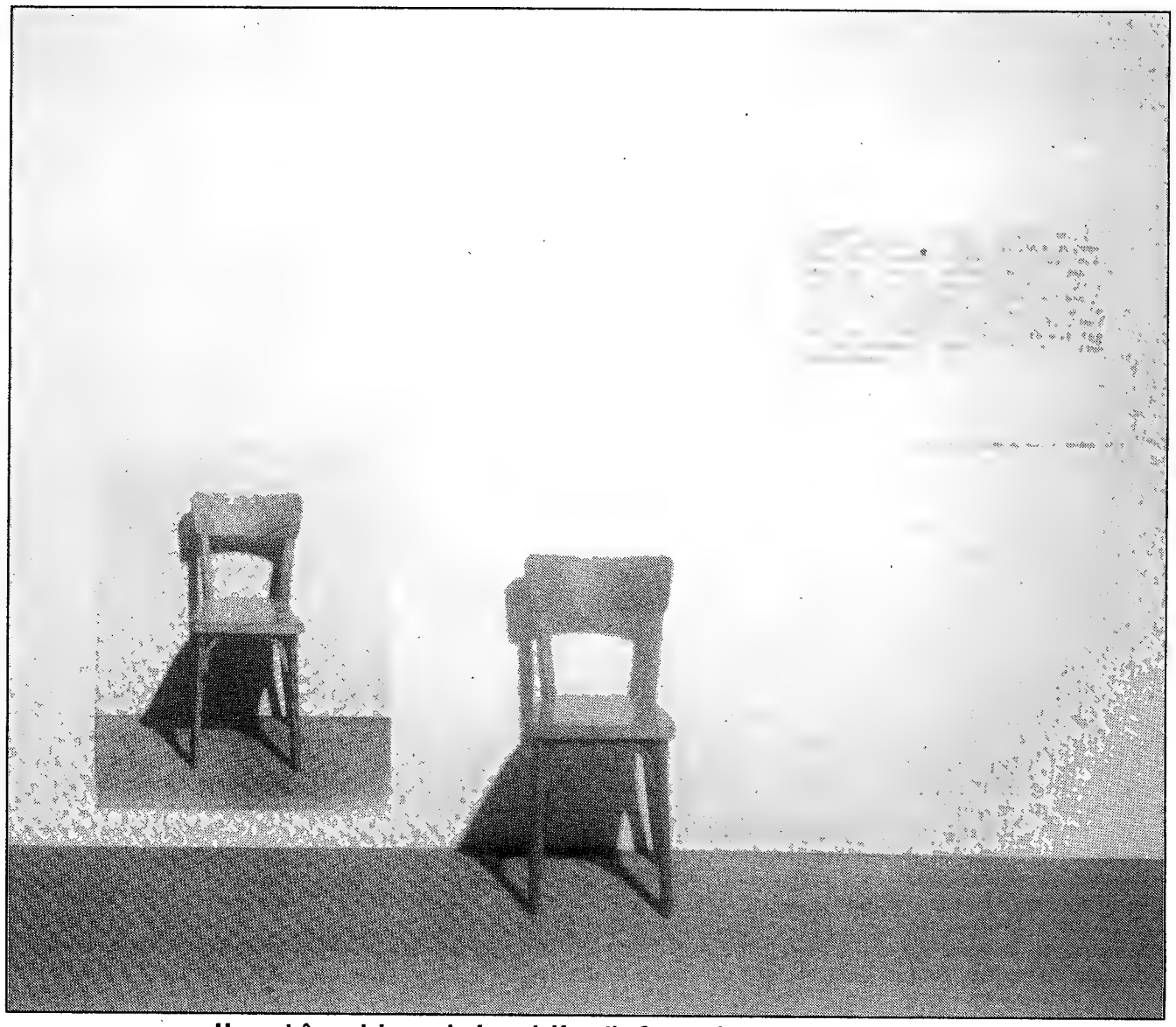
Compreende-se que a tentação seja grande de transpor para o sistema democrático as estruturas da ditadura. E aceita-se que a culpa não seja toda dele, do presidente da RTP. Quem o lá colocou também não está isento de pecado. Mas para além da arrogância, do espírito autoritário, da alergia ao diálogo, não se pode aceitar que nos tratem como índios e indígenas aborígenes. Que a Televisão, por enquanto, a única que temos, nos vá alienando com programazinhos próprios de deficientes mentais do Terceiro Mundo, ainda se entende, embora se desaprove. Mas que programática e emblematicamente venha o presidente aos nossos ecrãs a afirmar os seus princípios ideológicos bebidos na ditadura, já ultrapassa as normas de uma gestão democrática.

Ao menos ele, o presidente ou quem o lá colocou, deveriam conhecer o conceito ético fundamental dos gregos: a *hvbris*, palavra traduzível por arrogância + falta de limites + desprezo dos deuses e dos cidadãos. Os deuses não perdoavam tal pecado e daí nascia a tragédia irreparável. E é por isso que vamos esperando que os deuses se lembrem de nós, e não consintam que continuemos por muito tempo mais a ser tratados no pequeno écrã como selvagens sujeitos à lei do chicote ideológico e de um obscuro capitão donatário.

José Sousa Monteiro

Duas situações assinalam o regresso de Joseph Kosuth a Lisboa: a exposição, quinta feira, na Galeria Cómicos/Luís Serpa e Belém/Clube Museu, integrando o conjunto de instalações criadas propositadamente para aqule centro por alguns dos mais relevantes operadores estéticos internacionais

Kosuth entre as palavras



«Uma e três cadeiras», de Joseph Kosuth. Centro Georges Pompidou, 1965

Nascido em Toledo (Ohio) Joseph Kosuth vive alternadamente em Nova Iorque e Bruxelas. A sua primeira exposição remonta a 1967, ano em que, de certa maneira, se pode assinalar como o início da chamada arte c onceptual.

A tautologia é uma figura de retórica que consiste em repetir a mesma ideia em termos diferentes. Como o eco, a obra «Uma e três cadeiras» (1965) apresenta - segundo um dos processos mais conhecidos de Kosuth - uma cadeira de madeira, a foto dessa mesma cadeira e um texto que define - de acordo com o dicionário - esse objecto. A evidência visual do espectador confrontado com este efeito de curto-circuito leva-o a duvidar da sua percepção.

Esta tautologia ou redundância manifestava a escassez das nossas apreciações. Assim, de um artista tão relacionado com o texto, pode esperar-se um sólido *corpus* teórico e, com efeito, Kosuth é autor de vários textos sobre a arte o seu futuro, ao ponto de alguns deles, como «A Arte Depois da Filosofia», constituir uma pedra fundamental da teoria conceptual.

Na linha de artistas como Art & Language, Barry, Baldessari, Dan Graham, Hanne Darboven ou On Kawara, Joseph Kosuth propõe uma arte como ideia.

A sua origem pode encontrar-se tanto nos *ready-mades* de Marcel Duchamp, no princípio do século, como em alguns artistas dos anos 60 pertencentes ao minimalismo, que tratavam de despojar a arte da sua *aura*, desse conteúdo transcendente que emanava do artista considerado como um ser *distinto*.

Por ocasião da recente exposição «Arte Conceptual, Una Perspectiva», na Fundacion Caja de Pensiones, em Madrid (Março/Abril, 1990), lia-se no jornal «Diário 16» que "o conceptual manifesta-se às vezes com uma certa obscuridade, basicamente por não oferecer as chaves estéticas tradicionais. Durante os anos 70, essa foi a corrente dominante sendo posteriormente algo apagada nos anos 80 por um ressurgir da pintura através da *Transvanguardia* italiana e o Neo-Expressionismo alemão".

A exposição

Interessa compreender que a obra de Kosuth não é um acerto de contas com a filosofia nem uma tentativa de desconstrução modernista, como também não é um positivismo dissecado e pragmático.

As palavras que emprega não são armas destinadas a traír a linguagem e servem uma *circularidade* que constitui a estrutura básica do seu trabalho. O mal-entendido em torno da sua obra remete-nos para um outro, mais extenso, de que também tem sido vítima Ludwig Wittgenstein, referência constante de Kosuth.

O famoso "é preciso calar aquilo de que não podemos falar", que encerra o «Tractatus» de Wittgenstein, é muito próximo do método auto-referencial de Kosuth. O filósofo vienense recorda que "o sinal não remete necessariamente para um facto possível"; aponta um mistério, uma espécie de *buraco negro* linguístico.

A linguagem não se pode aventurar neste mistério. Assim, Kosuth retirou uma importante lição dos escritos de Wittgenstein: as palavras não são capazes de importunar o visível, nem de descrever a experiência humana. Em todo o caso, não mais que as imagens.

Paula Fonseca, no artigo "Wittgenstein e a linguagem" («D.N.» de 20 de Maio) refere que "a análise da linguagem efectuada neste novo plano é definida decisivamente nas «Investigações Filosóficas». Em causa é posto o método tradicional da denominação dos objectos, ou seja, é reformulado um novo estatuto para a interacção linguagem/mundo, objecto/designação". Por seu lado, Nicolas Bourriaud afirma na revista «Artstudio» (número 15, Hiver 1989) que "toda a linguagem é significante pelo que esconde e outro tanto pelo que pode mostrar. Nesta perspectiva a obra de Kosuth situa-se fatalmente depois da filosofia e, particularmente, após Wittgenstein".

A oportunidade de «Uma exposição sobre, acerca ou utilizando Wittgenstein» surge da deslocação de Kosuth a Lisboa para fazer a instalação no Belém/Clube Museu, e prossegue o princípio da galeria em convidar artistas a apresentarem e produzirem projectos especiais *in situ*.

A estratégia tem possibilitado um intercâmbio de ideias e exposições (ciclo de Conferências de Arte Contemporânea; visita de Jan Hoet, director da Documenta de Kassel; exposições de Joel Fisher e Gherard Merz, por exemplo) de modo a colocar Lisboa no circuito internacional da arte contemporânea.

Jorge Fallorca

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
SERVIÇO DE MÚSICA

JUNHO
GRANDE AUDITÓRIO

Dia 4 às 21H30 e 5 às 18H30 — Programa 1
Dia 7 às 21H30 e 8 às 18H30 — Programa 2

Ballet Frankfurt
William Forsyth, direcção artística

PROGRAMA I

Step Text
Coreografia **William Forsyth**
Música **Johann Sebastian Bach**
Cenário e Luzes **William Forsyth**

In the Middle
Coreografia **William Forsyth**
Música **Thom Willems**
Colaboração Musical **Leslie Stuck**
Luzes e Figurinos **William Forsyth**

Skinny
Coreografia **William Forsyth**
Co-Coreografia **Amanda Miller**
Música **Thom Willems**
Cenários e Luzes **William Forsyth**

PROGRAMA II

Miniature Marys
Coreografia **Amanda Miller**
Música **Bill Frisell**
Objectos Luminosos **Claus Jürgen Pohl**
Cenários, Luzes e Figurinos **Amanda Miller**

In The Middle

Love Songs
Coreografia **William Forsyth**
Música **Aretha Franklin e Dionne Warwick**
Figurinos **Eileen Brady**

O Ballet Frankfurt apresenta-se em Portugal com a colaboração da SIEMENS

BILHETES À VENDA

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Em resposta a um desafio lançado pela empresa do Teatro Variedades, mais de uma centena de jovens, com ou sem experiência, prestaram provas no velho palco do Parque Mayer. Mas «lugares ao sol» num próximo espectáculo musicado, talvez haja quinze, no máximo...

«Chorus Line» à portuguesa

À partida - dizem os promotores da iniciativa, os empresérios Hélder Freire Costa e Vasco Morgado - o convite revestia-se da maior simplicidade e podia resumir-se a este desafio simpático: «jovem, se achas que tens talento para cantar, dançar e representar, e estás à espera de uma oportunidade para entrar no fascinante mundo do teatro musicado, as portas do Teatro Variedades estão abertas, vem até nós mostrar o que vales».

A primeira parte das audições, realizada há dias, acorreram efectivamente cerca de cento e vinte candidados, um número que ultrapassou as expectativas, com a esmagadora maioria correspondendo à proposta de terem menos de 25 anos.

Quando a reportagem do DL chegou ao Teatro Variedades, o ambiente que ali se vivia fez-nos logo recordar o filme de Richard Attenborough, «Chorus Line». Pelo menos, tendo em conta as abissais diferenças que separam os meios teatrais dos Estados Unidos e de Portugal, a ideia inicial foi essa mesma: o interesse dos candidatos, o nervosismo mas também a determinação, a vontade, a aposta numa carreira artística, a percepção de que ali se ia jogar o tudo ou nada.

A prelecção

As 3 horas da tarde em ponto, Francisco Nicholson (que com Thilo Krassman e Magda Cardoso integrava o júri de selecção) chama os concorrentes ao palco, para lhes explicar o mecanismo das provas que se seguiriam. Depois de agradecer a presença dos candidatos, Nicholson felicitou todos os presentes, incluindo a organização, pelo facto de haver tanta gente nova a querer fazer teatro. Falou depois sobre os responsáveis pelo próximo espectáculo do Variedades.

«Hélder Freire Costa e Vasco Morgado são os empresários deste teatro, portanto os produtores do espectáculo que se vai fazer aqui a seguir. Thilo Krassman é o chefe da parceria dos autores musicais, que integra ainda os compositores Carlos Alberto Moniz e Braga Santos. Magda Cardoso será a coreógrafa (assistida pela professora Isabel de Sousa). O maestro António Palma será o chefe de orquestra e Gonçalves Preto, Marcelino Mota e eu próprio, somos os autores do texto. Por outro lado, os irmãos Hernâni e Rui Martins serão os responsáveis pela realização plástica do espectáculo, Juan Soutullo o figurinista. Da nossa parte, parece-me que estamos todos apresentados.

A seguir vão-se apresentar vocês, e creio que vamos ter tempo para isso. Antes, só vos queria dizer duas coisas. Em primeiro lugar, este tipo de audições faz-se em qualquer parte do mundo. É normal fazer-se para profissionais, para candidatos a profissionais, alunos saídos do Conservatório, do teatro universitário, sempre que seja necessário encontrar jovens para interpretar determinados papéis. Este é um espectáculo musicado - uma comédia que se passa dentro do ambiente do teatro de revista - onde se desenham vários conflitos, de gerações e não só, e para isso nós precisamos realmente de encontrar muita gente nova. É óbvio que, com tanta gente hoje aqui, e com o tempo de que vamos dispor, não vamos ter a veleidade de que fique tudo resolvido... sabemos que vieram a esta audição alguns jovens profissionais que participaram em vários espectáculos, cujo trabalho nós já conhecemos, mas não sabemos até que ponto esse trabalho será passível de se integrar no nosso espectáculo. Isso é o que iremos ver de seguida».

As provas

As provas de selecção estão prestes a começar. Francisco Nicholson lança o derradeiro aviso à navegação: «a quem não puder integrar-se num trabalho a 100 por cento profissionalizado, que diga já. Nós agradecemos de qualquer maneira terem vindo e, pronto, paciência. Porque existe uma vontade muito forte de construir um grande espectáculo, do qual os que de vocês vierem a integrar, terão a obrigação de participar como autênticos profissionais. Nós seremos de uma exigência extrema no que se refere a profissionalismo. O trabalho vai ser duro, nós vamos ser muito exigentes».

Finalmente, vão ter início as audições. Os candidatos são divididos em dois grandes grupos: os que já tiveram experiência profissional e os outros. O tempo pode parecer escasso para cada um mostrar o que vale. Para o «grande júri» aquilatar da presença em palco e da colocação de voz, a cena proposta era aparentemente tão simples como cada um ou cada uma dizer o nome e se possível o número de inscrição, falar muito sinteticamente do seu currículo e das motivações que os levaram a candidatar-se... e o mais que a cada um ocorresse. Nesta primeira fase, foi ainda exigida a cada concorrente, para além de falar tão alto que se ouvisse na última fila do balcão, uma sumária prova de canto. Francisco Nicholson e Thilo Krassman tomaram as suas notas... Na segunda fase, sob o controlo de Magda Cardoso, os candidatos submeterem a juízo as suas capacidades no domínio da dança - aliás, uma prova ali chamada simplesmente de movimentação. No final da prestação de provas deste primeiro grupo de candidatos, os elementos responsáveis seleccionaram cerca de uma dúzia.

São chamados a seguir os restantes candidatos, ou seja os que, não possuindo ainda uma experiência considerada como de nível profissional, são no entanto alunos do Conservatório (cursos de teatro, dança ou canto), ou já se iniciaram em espectáculos de teatro amador ou escolar.

Como já tinha acontecido em relação ao grupo anterior, há situações que desde logo se definem. Há os que cantam bem e não dançam por aí além, há os vice-versa e os que dão um "jeitinho" a todas, também os que desde logo demonstraram ter entrado pela porta errada. Enfim, o júri, atento vai fazendo a selecção. Ao fim e ao cabo, ou seja passadas cerca de quatro horas de audições, pouco mais de trinta candidatos ficaram apurados na primeira triagem. Para uma segunda volta, a realizar dentro de dias, se verá quem serão os que ficam mesmo no elenco do próximo espectáculo do Variedades. Com ensaios agendados para finais de Agosto, princípios de Setembro, após as obras de remodelação e reequipamento técnico previstas para aquela velha sala do Parque Mayer.

Valeu a pena

No final da primeira sessão deste «Chorus Line» à portuguesa, a pergunta que se impunha a Francisco Nicholson: valeu a pena?

«Acho que valeu bastante, apareceram realmente uma boa dezena de jovens com grandes capacidades artísticas».

- Correspondeu, pelo menos, ao que vocês esperavam?

«Em número de candidatos, ultrapassou até as nossas expectativas. Vieram mais de cem, e faltaram até alguns que pediram um adiamento, porque hoje estavam a trabalhar, em gravações para a TV ou noutros sectores ligados à actividade artística. Alguns desses, cujo valor conhecemos, é muito possível que venham a ser aproveitados».

- Destes candidatos agora pré-seleccionados, aos quais se juntarão obviamente os que referiste, quantos poderão ser aproveitados para o espectáculo?

«Pensamos que mais ou menos entre dez a quinze, mas ainda nos falta apreciar uns quantos, teremos que fazer uma segunda triagem».

- Para quando é que está prevista a estreia?

«Para o príncípio da próxima temporada, aqui no Teatro Variedades, já depois das obras feitas e de reequipado tecnicamente».

Rodrigues Borges

Rui Vasco

Nicholson avisa: «O trabalho vai ser duro...»

Rui Vasco

Cá atrás, à espera do momento crucial...

Rui Vasco

Durante uma prova de movimentação

Prémios europeus de cinema

Os prémios Europeus de Cinema/1990 são distribuídos em Glasgow no dia 2 de Dezembro próximo, preside ao júri Ingmar Bergman. Entretanto, está já escolhido o júri de cada país que procederá à selecção das obras nacionais candidatas aos prémios. O júri português é o seguinte: Maria Manuel L. Ribeiro, Lauro António, João Botelho, António Cunha Telles, Isabel de Castro e Teresa Madruga.

Os Prémios Europeus de Cinema são atribuídos este ano pela terceira vez (a primeira foi em Berlim, a segunda em Paris). Nas duas edições anteriores Portugal chegou à final, com filmes nomeados para aquilo que por vezes se chama de «oscares» europeus. Até agora, porém, nunca obteve nenhum prémio.

Felicidade e Erva Doce

FELICIDADE E ERVA DOCE, de Peter Shaffer. *Tradução:* José Vieira de Lima. *Encenação:* Joaquim Benite. *Cenografia/Figurinos:* Vasco Eloy. *Interpretação:* Cecília Guimarães, Teresa Gafeira, Luzia Paramés, Carlos Sebastião, Alfredo Sobreira, António Bica, Fernanda Castro, Luís Pais, Silvia Rocha e Vítor Pinto Ângelo. Companhia de Teatro de Almada. Estreia: Teatro Municipal de Almada/17-05-90 (20-05-90).

Peter Shaffer é um autor de excelentes peças comerciais e, sendo isso, esta peça é talvez bastante mais do que isso. «Felicidade e Erva Doce» fala-nos de muitas coisas, não fala apenas de teatro, como se diz num texto do programa. Fala-nos do teatro, claro, é mesmo uma comovente homenagem ao teatro que talvez os ingleses estejam em melhores condições para entender do que nós (azar nosso) mas fala-nos também de arquitectura e das coisas terríveis que se fazem e desfazem em nome dela (disso os lisboetas falam de cátedra); falando como fala da arquitectura fala do capitalismo e fala, sem falar, da sr.ª Thatcher e do Príncipe Carlos, combatente n.º 1 dos mamarrachos que a peça ataca; mas fala também da burocracia e dos seus adoradores. Mas se a peça fala dessas coisas concretas, fala também de coisas mais abstractas, fala de sonhos e de sonhadores, fala sobretudo da vida, fala sobretudo das pessoas, É se calhar um texto romântico sobre a vida e sobre os seus sobreviventes, mas é também um texto realista sobre a necessidade de transformar a vida e de ajudar as pessoas a serem felizes.

Felicidade é uma guia que não se conforma com a necessidade de debitar palavras rotineiras de um ritual sem paixão para turistas indiferentes. Por isso inventa outras realidades, outros discursos. Filha de uma actriz inglesa que representava Shakespeare em francês e dirigia uma companhia chamada Os Bárbaros, de elenco totalmente feminino, Felicidade transforma o seu ofício num espectáculo. Naturalmente que essa capacidade de imaginar, essa vocação para o teatro e para o sonho não podem deixar de ser castigadas. Felicidade é convocada para uma reunião com a chefe dos serviços, num ambiente frio e hostil onde os sonhos e o teatro não são possíveis. É despedida por não aceitar o regresso à rotina. Em compensaão ganha uma amiga, a sua ex-chefe, Miss Schoen que se revela ainda capaz de apreender essa verdade comezinha de que o sonho comanda a vida, como diz o Poeta.

De uma situação conflituosa, Felicidade e Miss Schoen passam a uma situação dialogante que culmina numa relação de amizade que possibilita uma vivência criativa: ambas passam a interpretar personagens teatrais, o que acaba num acidente do qual saem com a certeza de que a sua relação é a única que pode transformar o mundo através das palavras de ordem de Felicidade: Engrandecer! Estimular! Iluminar! Se há, exactamente, uma palavra para definir o trajecto desta peça, essa palavra é: Luz. Ela passa da penumbra para o Sol, da noite para o dia, da melancolia para a esperança, da desistência para a vida. Fá-lo em termos simples, imediatos, talvez um tanto esquemáticos. Mas fá-lo com uma energia contagiante. E isso acontece porque o espectáculo da Companhia de Teatro de Almada nos ajuda a entendê-la, por assim dizer, torna-a próxima de nós.

Através dos excelentes cenários de Vasco Eloy, da encenação de Joaquim Benite que confere ao espectáculo a fluidez, a força que lhe convém, o texto adquire uma verosimilhança que torna o seu imaginário numa exacta palavra política. Mas é através do trabalho de duas actrizes que esse imaginário se torna uma poética do quotidiano. Cecília Guimarães é uma Felicidade admirável: talvez nunca a tenha visto como nesta personagem de que veste a pelo do corpo e a pele da alma ou do sonho; um trabalho muito belo. Teresa Gafeira, Miss Schoen, é o contraponto que se enovela em si mesmo até se transformar na Outra. A actriz dá essa passagem de uma forma tão convincente que a personagem se torna duplamente credível. Luiza Paramés numa cena preciosa da jovem e espantada secretária de Miss Schoen. A um nível menos criativo os restantes actores contribuem para a qualidade desde espectáculo que exige a deslocação imediata a Almada. Onde bem se podia criar uma fundação das Forças de Intervenção contra os Mamarrachos, como se podia e devia criar em Lisboa e em quase todo o País.

Esses mamarrachos que Felicidade e Miss Schoen vão passar a visitar como cicerones de um mundo ao contrário, última pirueta irónica de um texto que, felizmente, não aceita a evidência.

Uma palavra final para o interesse do programa com um excelente texto do autor da tradução, que me pareceu de grande qualidade.

C. Pi

Crítica de Teatro

Do autor ao actor ou a crítica da comédia

UM POETA AFINADO, colagem de três peças de Manuel de Figueiredo: *O Ensaio Cómido, Perigos da Educação* e *O Dramático Afinado* ou *Crítica aos Perigos da Educação*. Dramaturgia: Manuel João Gomes. *Encenação:* Luís Miguel Cintra. *Cenário e Figurinos:* Cristina Reis. *Assistência para cenário e figurinos:* Linda Gomes Teixeira. *Luz:* Luís Miguel Cintra e José Eduardo Páris. *Interpretação:* António Fonseca, Gilberto Gonçalves, Márcia Breia, Luísa Cruz, Teresa Madruga, Adriano Luz, Fernando José Oliveira, José Manuel Mendes, Rogério Vieira, Luís Lima Barreto, Maria José, Roberto Candeias, Rui David e Rui Mata-Mouros. *Teatro da Cornucópia*. Estreia: Teatro do Bairro Alto/24-05-1990.

De Manuel Figueiredo dizia Garrett: «Deixou uma colecção imensa de peças de teatro que ninguém conhece, ou quase ninguém... «Bem se pode dizer que o nosso dramaturgo oitocentista simboliza, quase, toda a dramaturgia portuguesa. É essa dramaturgia, salvo as excepções conhecidas, uma colecção imensa de peças de teatro que ninguém conhece, ou quase ninguém... Merecerão essas peças, as de Figueiredo e as outras, sair do inferno do esquecimento e da indiferença a que estão condenadas?

Há muitos anos que desejava ver em palco o mais doloroso desses casos, precisamente o de Manuel de Figueiredo, de tal modo ele exemplifica essa situação infernal do dramaturgo trabalhador, bem-intencionado, erudito e, no entanto, invisível. Um dramaturgo que escreveu mais de quarenta peças, entre originais e traduções, e viu a única que subiu à cena ser horrivelmente pateada.

Falou-se ainda antes do 25 de Abril num projecto de recuperação de uma das suas obras, em que estavam envolvidos o Grupo de Campolide, então ainda em Campolide, e o Fernando Luso Soares que seria o adaptador da obra, salvo erro, «Perigos da Educação». Mas o projecto não se concretizou e o mar do silêncio voltou a cobrir obra e autor, apesar das largas referências que lhe faz Laureano Carreira na sua obra «O Teatro e a Censura em Portugal na Segunda Metade do Século XVIII» (1988).

O que Figueiredo não poderia sonhar - se acaso sonhar pudesse - seria vir a sair por um momento desse limbo do nada graças à cumplicidade daquele que é um dos maiores criadores do teatro português deste final do século e da companhia que dirige, uma das mais respeitadas e prestigiadas. Mas isto que é o máximo de felicidade a que Manuel de Figueiredo podia aspirar, acaba por ser, ao mesmo tempo, um visto talvez sem retorno, para o lugar onde estava: a julgar por esta amostra, dificilmente poderemos esperar que este dramaturgo voltea encontrar um lugar na criação teatral. A evolução da vida, que Teófilo Braga e Almeida Garrett, seus defensores, não podiam prever, parece ter retirado qualquer espécie de verosimilhança teatral e ideológica ao teatro de Figueiredo, a não ser no que se refere a uma recuperação arqueológica, sempre possível. Por isso se perdoa alguma crueldade com que o Teatro da Cornucópia o tratou, consciente de que só assim podia abordar uma obra que parece irremediavelmente inabordável, sob o ponto de vista da sua produtividade como processo teatral.

Podemos distinguir no espectáculo da Cornucópia, que tem por base um trabalho dramatúrgico de Manuel João Gomes, que me pareceu extremamente fluido, dois universos: o universo do autor, de uma «sensaboria irremediável», para usar palavras de Garrett, e o universo do encenador que implica uma desmontagem daquele primeiro universo. O que vemos, pois, é o teatro de Figueiredo, composto por uma colagem de três peças, e o discurso sobre esse teatro que permite uma outra leitura que tem como alavanca o ridículo da personagem e a melancolia do seu pequeno mundo (relação com a criada do Poeta, das chamadas Amas).

A críticaáaquilo a que podemos chamar a chanchada, proposta em «O Ensaio Cómico» e em partes do Discurso, tem de facto um ponto de partida perfeitamente académico, em que o autor desvaloriza o teatro popular, o teatro como veia do cómico, confundindo-o com a chanchada e contrapondo-lhe um teatro erudito, didáctico de que ele seria o responsável. Esta confusão é reforçada pela composição da personagem que torna irremediável, até pela qualidade do trabalho de Luís Miguel Cintra, a satirização da figura e da sua obra, o que seria imperdoável para um autor a quem a designação de satírico põe fora de si.

Em «Perigos da Educação» assistimos a uma demasiado longa história de desavenças familiares que tem por base os riscos de uma educação estrangeirada dos jovens que eram enviados para fora do País e quando regressavam tinham perdido a sua identidade, o que aliás na peça se transforma noutras histórias bem menos interessantes. Trata-se de uma comédia confusa que só se aguenta pelo trabalho soberbo da cenografia e dos figurinos (Cristina reis), da encenação e dos actores, com destaque para Márcia Breia, uma Escolástica pouco escolástica, e Fernando José Oliveira, admirável composição de um peralta com bom coração.

Quanto à «Crítica aos Perigos da Educação» sublinha a ingenuidade sem remédio de Manuel de Figueiredo.

Desse modo, o espectáculo transfere-se inquestionavelmente do Autor para o Actor: a Manuel de Figueiredo acontece o que, salvo erro, não podia deixar de acontecer: é reduzido à sua insignificância (opinião que naturalmente se avança com reservas e tendo atenção o

Marionetas: a obra-prima

VIDA DE ESOPO, de António José da Silva, o Judeu. *Encenação:* João Paulo Seara Cardoso. *Cenografia/Figurinos:* Rosa Ramos. *Música:* João Loio. *Interpretação:* Ana Queirós, João Paulo Seara Cardoso, Mário Moutinho, Carlos Magalhães (músico). Grupo Marionetas do Porto. II Festival Internacional de Marionetas. Instituto Francês (Porto) - 10-05-1990.

Há poucos anos seria difícil prever que o teatro de marionetas viria a conhecer um tão amplo movimento de criação e de interessamento do público. Relegado e mesmo desprezado, do teatro para crianças, ou então confundido com uma única realidade, então em vias de extinção, a dos fantocheiros de rua, seres inestimáveis, aliás, que preencheram algum imaginário da nossa infância, custou ao marionetismo firmar-se como uma arte adulta onde cabem as mais diversas e multiformes expressões, desde a arte do fantocheiro que leva ao jardim e à praia personagens transfiguradas do nosso quotidiano e so quadros em que actuam através de actos de violência que o cómico das situações distancia e torna inofensivo, até aos espectáculos de técnicas sofisticadas, misturando formas artísticas que fazem da presença do actor-dançarino a conjugação-mítica com o boneco, e de que «Dérives», de Philippe Genty, atinge a fulgurância do inexplicável, a grandeza do único.

Para esta recuperação da marioneta do limbo em que ia desaparecendo, contribuíram decisivamente algumas realizações colectivas que permitiram ao público conhecer a verdadeira dimensão do teatro de bonecos. Foi o caso das várias edições do Festival Nacional de Fantoches, que inexplicavelmente acabou, foi o caso do ciclo organizado pelo ACARTE, da Bienal Internacional de Évora e do Festival Internacional do Porto, este ano em 2.ª edição. Invenção excelente de Isabel Alves Costa que está a dar um contributo inestimável para a ressurgência da marioneta em Portugal.

Estiveram no Porto, de 3 a 13 de Maio, 14 grupos dos quais, quatro portugueses, Marionetas do Porto, Marionetas de Lisboa, Bonecos de Santo Aleixo e Delphim Miranda, individual; estrangeiros foram Chés Cabotans d'Amiens (França), Nuova Opera de Durattini (Itália) e Tteater Taptoe, Théâtre des Marionettes Liegeoises (ambos da Bélgica), Théâtre de la Poudrière (Suíça), que apresentou a peça radiofónica de Chelderode, «Sir Halewyn», Teatro dei Pupi Siciliani (Itália), Tanxarina (Espanha), Titiricircus (Argentina), O Cavalo de Tróia (Brasil), Philippe Genty (França), Teatro delle Marionette degli Acettella (Itália).

Tive as melhores referências dos espectáculos dos grupos suíço e do Taptoe, que não pude ver, mas os que vi e o clima que o Festival criou no Porto bastaram para justificar a deslocação.

Descobri há anos, no Festival de Santarém, um artista portuense, João Paulo Seara Cardoso, de que comentei aqui as proezas marionetísticas que se dividiam em duas vertentes: a da recuperação do roberto tradicional que o artista fora buscar directamente à prática dos raros fantocheiros então ainda em

«Um poeta afinado»

que se viu), mesmo que o trabalho da encenação e da interpretação resistam ou superem essa condição.

Cristina Reis criou em palco os dois espaços referentes à comédia principal, enquanto em baixo é o lugar do autor, sinalizado por uma biblioteca desenhada e por numerosos volumes a fingir de livros - porque a cultura deste mundo é de uma erudição vazia como o demonstra a primeira obra que nela aparece e que tem um título significativo, «Símbolo do Teatro ao Gosto Português».

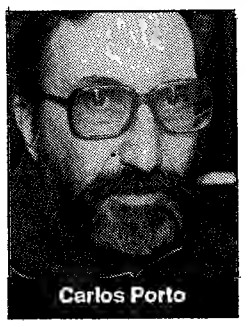
Também um velho maple em que Figueiredo dorme e descansa parece ser um sinal da sua ambição literária: no programa há uma foto da cadeira em que Molière adoeceu, e Molière é um dos autores citados por Figueiredo, um dos seus modelos embora sejam os gregos a sua grande aspiração. Ah! Os áticos!

Portanto, sem futuro e sem passado, sem presente, é através da encenação e do trabalho dos actores que o autor e o espectáculo funcionam com aquela maestria a que a Cornucópia nos habituou.

Diga-se, no entanto, que nem sempre os actores conseguiram superar os problemas acústicos que a sala comporta. Além dos já citados, referirei Rogério Vieira, Gilberto Gonçalves, José Manuel Mendes, e Adriano Luz (em especial em «O Ensaio Cómico») mas é no jogo Luís Miguel Cintra - Maria José (pela primeira vez nesta companhia) que o espectáculo se torna fascinante e comovente. Cenas como a do tratamento das ventosas e restantes tratamentos do hipocondríaco que é o Poeta, são cenas de antologia no trabalho desta companhia e destes artistas.

O que há talvez de mais picante nesta dramaturgia e neste espectáculo é encontrarmos neles ecos de modelos que têm a ver com o percurso da companhia. Com uma diferença que anula essa semelhança: a realidade Cornucópia contra a irrealidade Manuel de Figueiredo. É essa diferença que permite e justifica o jogo de ironias que Cintra propõe.

Como de costume, nos espectáculos dirigidos por Luís Miguel Cintra, encontramos representações de um universo em constante mutação. Admiramos o que está lá, somos fascinados pelo outro lado. O outro lado do espelho que foi colocado de maneira a que os espectadores nele se revissem, imagem do outro lado do teatro.



Carlos Porto

P.S. - Em referência ao artigo publicado neste jornal por Fiana Hasse Pais Brandão sobre o espectáculo «Cenas da Vida de Benilde» em cena no Teatro da Graça, competenos esclarecer aquela escritora que o título do espectáculo dirigido por José Valentim Lemos, por ela citado com reservas, é *Amorosos*.

portuense

actividade, e o trabalho nocturno (ao contrário do outro de características solares) em que o artista manipulava os mais inesperados objectos, os comestíveis.

João Paulo Seara Cardoso fundou em 1987 o Grupo Marionetas do Porto com o qual alargou a sua actividade não só em Portugal como no estrangeiro. Podemos dizer tranquilamente que é hoje um dos melhores artistas de marionetas do mundo. O seu trabalho mantém as duas vertentes assinaladas: vi-o com a sua barraquinha a apresentar ao ar livre, para crianças e adultos, as histórias do barbeiro, do polícia, da tourada, que recordo da minha infância; vi-o num espectáculo da meia-noite contar a história do capuchinho vermelho através de um frango morto, que nas suas mãos parecia vivo, e de outros alimentos, num espectáculo onde havia qualquer coisa de surrealista. Mas além destes espectáculos, criações individuais, vi-o apresentar com o seu grupo um espectáculo fabuloso, sem dúvida o mais belo espectáculo português de marionetas que vi até hoje, ao lado dos Bonecos de Santo Aleixo.

Este espectáculo - «A Vida de Esopo», sobre o texto de António José da Silva - foi estreado há um ano, no I Festival Internacional do Porto e não é sem um sentimento de vergonha que confesso só agora o ter visto. Ainda vai a tempo para manifestar a surpresa que me causou.

A grande força deste espectáculo consiste no facto de conter um texto de grande qualidade teatral e mesmo literária, o que não é vulgar nas marionetas. O texto de António José da Silva foi ainda valorizado pelo trabalho de encenação e de interpretação. João Paulo conseguiu articular a tradição da marioneta com a sua modernização. O resultado é um espanto. Num pequeno e belo teatrinho os manipuladores surgem visíveis da cinta para cima: há um trabalho de actores-cantores tão visível e excelente como o da manipulação. Os bonecos, os figurinos e as numerosas cortinas de fundo são duma admirável qualidade plástica, duma beleza excepcional; existe uma articulação perfeita entre o trabalho dos manipuladores e o músico que toca num instrumento moderno disfarçado de música de cravo, além de outros instrumentos. Este trabalho magnífico torna-se num grande momento de teatro quando no discurso final de Esopo e quando este luta com o príncipe líbio, cena em que o manipulador sai do seu lugar e surge no pequeno palco, como se fosse o próprio boneco.

Espectáculo de uma criatividade constante, utilizando registos de paródia sempre excitantes sem que deixe de ser um grande rigor, esta «Vida de Esopo» é sem dúvida uma obra-prima. Para isso contribuiu o trabalho não só de João Paulo Seara Cardoso como dos seus colaboradores, a cenógrafa e figurinista Rosa Ramos e o compositor João Loio. Além dos seus colaboradores em cena: Ana Queirós, Mário Moutinho, Carlos Magalhães.

Esperamos ver em breve este espectáculo em Lisboa, não para prestígio do grupo que dele não precisa mas por interesse do público desta cidade.

C. P.

Falar de cinema

Irreverência sem norte

CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS (Scenes from the Class Struggle in Beverly Hills) - R: Paul Bartel (EUA, 1989); A: Bruce Wagner e Paul Bartel; F (cor): Steven Fielberg; Mont: Alan Tomayan; M: Stanley Myers; P: Janes C. Katz/ North Street Films; I: Jacqueline Bisset, Roy Sharkey, Mary Voronov, Paul Bartel, Paul Mazursky, Ed Begley, Jr., etc.; D: 100 m; Dist: Filmes Lusomundo; Est: Star, Alfas, Amoreiras (18.5.1990); Cl: * (M/16 anos).

O título é sugestivo, sabendo-se que se trata de uma comédia norte-americana. O resultado é decepcionante: um humor pesado, uma crítica social inconsistente, uma graça já vista e revista em filmes como S.O.S. *(Tudo Boa Gente)*, de Blake Edwards. O mundo do cinema, de Hollywood e Bervely Hills, as trocas e baldrocas de casais, e os criados latino-americanos que se aproveitam das circunstâncias, aqui chamadas «luta de classes», eis o esquema. Paul Bartel tinha obrigação, com os meios postos à sua disposição, com o elenco disponível, de fazer melhor. Há algumas alfinetadas divertidas, mas sofre-se muito entre elas para acompanhar esta comédia sem ritmo. Jacqueline Bisset continua bonita e elegante, mas o Eduardo Prado Coelho terá de se apressar se quiser cumprir os seus desejos ainda a tempo de valer a pena. Paul Bartel aparece como actor (curiosidade) e Paul Mazursky, outro realizador, surge também num pequeno papel (segunda curiosidade). São curiosidades a menos para um falhanço tão grande.

Moralismo e previsibilidade

O MEU TIO SOLTEIRO (Uncle Buck) - R: John Hughes (EUA, 1989); A: John Hughes; F (cor): Ralph Bode; M: Ira Newborn; Mont: Lou Lombardo e Tony Lombardo; P: John Hughes e Tom Jacobson/Universal; I: John Candy, Amy Madigen, etc.; D: 90 m; Dist: Sif; Est: Alfas e Amoreiras (24.5.1990); Cl: ** (M/12 anos).

John Hughes é um realizador de comédias com alguns bons resultados nos últimos anos, sobretudo no tratamento de figuras e situações da adolescência. *O Meu Tio Solteiro*, no entanto, parte de uma situação já muito gasta no cinema e não consegue descolar para outros horizontes, enredando-se ainda num moralismo puritano que nem a ameaça da SIDA consegue justificar inteiramente.

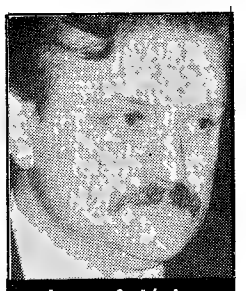
Uma família muito certinha, com três filhos, uma delas com quinze anos, está no centro desta comédia. A mãe e o pai, obcecados pelo trabalho, não dedicam grande atenção às crianças, e um dia têm mesmo que as deixar entregues a um tio solteirão que é uma ameaça para todos, pelo seu inconformismo e irreverência. Fuma, bebe cerveja, anda num carro com escape livre, não tem emprego fixo, joga nas corridas de cavalos, etc., etc. Mas ele lá fica, muito bem portadinho e compenetrado do seu papel de encarregado de educação. Não deixa ninguém aproximar-se da sobrinha, parte as faianças da sala, mas no final todos adoram «o bom do tio solteiro», que promete casar-se para continuar a cruzada.

Os retratos dos miúdos mais miúdos são excelentes, John Candy mostra-se à vontade neste papel feito à sua medida (e que medida!), mas o filme arrasta-se um pouco e é demasiado moralista (tão moralista que acaba por ser inconveniente). Ficamos à espera do John Hughes de *The Breakfast Club* e de *Plains, Trains e Automobiles!*

Os polícias do costume

POLÍCIAS AO ATAQUE (Downtown) - R: Richard Benjamin (EUA, 1989); A: Nat Maulden; F (cor): Richard H. Kline; M: Alan Silvestri; Mont: Jacqueline Canhas; P: Charles H. Maguire/20 th Century Fox; I: Anthony Edwards, Forest Whitaker, Penelope Ann Miller; Joe Pantoliano, etc. D: 90 m; Dist: Filmes Castello Lopes; Est: Condes, Las Vegas, Plaza (18.5.1990); Cl: ** (M/12 anos).

Downtown é um policial em tom de comédia que joga com elementos estereatipados no género: uma equipa de dois polícias, um branco e outro negro; um que vem dos bairros elegantes, sem experiência de grandes confrontos, mas cheio de boa vontade para aprender, o outro que se furjou no pior bairro de Los Angeles; um divertido e bem humorado, o outro, seco e ríspido, e por aí fora até que ambos se vêem obrigados a investigar um mesmo caso, durante o qual perdeu a vida um camarada de serviço... Depois, lá teremos o chefe da polícia corrupto e o outro, impoluto, que aparece no último minuto para salvar o que parecia irremediável, e ainda a droga a invadir a América do Norte, vinda do Sul. O normal nestes casos. *Polícias de Ataque* vê-se sem sobressalto. É uma produção escorreita, com alguma acção e um certo humor. Chega?



Lauro António

ANOS 60

O ciclo de colóquios «Anos 60: Os Factores de Mudança» continua hoje na Gulbenkian, ao fim da tarde. Em causa o Movimento Estudantil, com os testemunhos de Medeiros Ferreira, Vítor Wengorovius, Saldanha Sanches e Lindley Cintra. Como habitualmente, o DL publica nesta edição alguns extractos de dois depoimentos a propósito, assinados por um dos «associativos», Medeiros Ferreira, e por Jaime Nogueira Pinto, da direita universitária da época

É bom que se diga

Os que, como eu, eram de direita nos anos 60 - direita revolucionária, activista, nacionalista - olhavam o movimento associativo, os «associativos», como os *cowboys* olhavam os índios ou os índios os *cowboys*. Eram o inimigo natural, entre os quais adejavam os pêcês maquiavélicos e omnipresentes, mais os católicos progressistas atontados e inocentemente úteis, uns liberais decadentes e festivos, e o reviralho em geral.

Penso que eles - os «associativos» - retribuíam na mesma moeda, olhando-nos como um cruzamento de caceteiros miguelistas, guardas de campos de concentração reformados, braço intelectual da PIDE-DGS, bombistas da OAS em férias. Estes «clichés», à boa maneira portuguesa, amoleciam e caíam quando, sobretudo nas Faculdades elitistas como Direito, intervinha o «factor humano». Nos nossos «brandos costumes», oscilava-se entre a «coexistência pacífica», a «guerra fria» e uma ou outra cena de pancadaria por ocasião de greves académicas ou efemérides correlativas.

Na Lisboa do Estado Novo envelhecido, não havia muitos jovens de direita, e também não tantos de esquerda como hoje se pode pensar e se diz; as «maiorias silenciosas» pontificavam e havia, como sempre, estas minorias leninistas ou mussolinianas que faziam (ou achavam que faziam) a História... Que, no caso concreto, consistia mais em impedir que outros a fizessem, ou disputar a adesão das tais maiorias silenciosas, familiarmente tratadas, numa linguagem de sabor caseiro maquiavélico, como «a carneirada»...

O Movimento Associativo era pois o inimigo: um inimigo natural, figadal, sempre o mesmo sempre igual, acaba por ser tão determinante e íntimo como um amigo de peito: cria-se a cumplicidade dos contrários, circunscreve-se o mundo ao outro que é o mal e o mau, que encarna aquilo que se detesta. À força de o combater, surge entretanto uma certa dependência e habituação a ele.

Apanhei a primeira geração do Movimento Associativo no final do liceu, a segunda na Faculdade de Direito, a terceira e última já depois de 1968, quando o maoísmo e o radicalismo folclórico da inexistente revolução parisiense tinham mudado as coisas: a primeira geração era a da correcção e do parlamentarismo associativos - uma mistura de Convenção, Constituinte, republicanos, oratória jacobina e Assembleia da República, em tarde agitada; a segunda avançava já para as ilegalidades e a violência, sendo uma mini-amostra do período 74-75, quando tiveram o poder; e na última fase entrara-se, definitivamente, nas formas superiores de luta: foram as Faculdades do marcelismo, o ISE, a Coimbra da greve. Uma mistura de *Gulag* frustrado, Camboja com panos quentes e de utopia bem policiada. Que, depois de 74, daria as agressões, os saneamentos selvagens, o terror que só pararia - como todos os terrores - quando os terroristas começaram a aterrorizar-se entre si, e uma parte deles se juntou aos aterrorizados. É bom que se diga.

Na macropolítica, penso que o Movimento Associativo teve novo significado: primeiro, como a Universidade, no sistema autoritário, era uma espécie de núcleo de «privilegiados», deu santuário. Ou seja, era mais fácil - ou menos arriscado - enfrentar o regime desde a Universidade (ou das profissões liberais, ou das «igrejas») do que das fábricas, até pela razão básica de que a Polícia batia mais facilmente nos operários que nos burgueses. (...)

Jaime Nogueira Pinto

Esplendor na relva

- (...) Eu penso que o Governo teve informações de que iria haver naquele Dia do Estudante (**24 de Março de 1962: N. R.**) uma mobilização muito grande, uma enorme participação nos convívios, tudo aquilo que poderia ser considerado uma perturbação da ordem. Só recentemente li num dos livros de Franco Nogueira, através do testemunho de um participante no Conselho de Ministros da altura, que o dr. Salazar terá dito em Abril de 62 algo mais ou menos assim: «Se não tomarmos medidas muito drásticas, garanto-vos que daqui a dez anos eles estarão sentados em S. Bento.» Eu achei graça, de facto não foram dez anos, mas doze. (...)

- Houve uma grande discussão na RIA. Foi um momento importante, porque havia aqueles que não queriam interromper a greve, argumentando que o 1º de Maio estava próximo, e que isso seria, na linguagem da época, «uma traição ao movimento que se estava a desenhar»; e havia aqueles dirigentes estudantis que achavam que se devia interromper a greve e ir às conversações com um membro do Governo, pois era tacticamente o mais correcto para as Associações de Estudantes. Esta posição teve maioria, e foi uma delegação falar com o ministro Correia de Oliveira. Foi um grande choque ser recebido pelo ministro e ele limitar-se a ler um papel! Nunca pensei que isso se fosse passar assim, era muito estranho. Percebi então, não porque o ministro estivesse atrapalhado, mas pelo ambiente, que o Governo estava muito aflito com a greve. Foi isso que nos levou, de certa maneira, a continuar com ela.

Depois da entrevista, tivemos um plenário, que foi uma das grandes inovações da época no meio estudantil, e que chegou a reunir uma média de quatro mil estudantes. Estava um dia maravilhoso. A Primavera, muito precoce nesse ano, ajudou-nos muito, o tempo estava magnífico, eram dias de sol esplendoroso, era uma espécie de esplendor da relva, até porque o Estádio Universitário, onde se passavam os plenários, estava então coberto de relva. Dava prazer estar reunido no Estádio Universitário. (...)

- Faz-se, assim, a Greve da Fome, na Cantina da Cidade Universitária. (...) Estamos em Maio, e esta passagem para tipos de actuação vanguardistas mostra já uma forma quase terminal da greve, que começa a ter dificuldades para se impor. A Polícia entra na Cidade Universitária e prende todos os estudantes que lá estavam à noite a fazer companhia, a proteger, digamos assim, os grevistas da fome. Somos então todos presos, fala-se em mil, dois mil, estudantes presos na Cantina, na madrugada de 10 para 11 de Maio de 1962. (...)

- Os mestres universitários estavam muito inquietos com tudo o que acontecia. Os mais atentos e os mais politizados perceberam que as coisas nunca mais seriam como dantes. E há o caso dos grandes pedagogos, que se apercebem de que se trata de uma revolução das consciências, e que aderem, por essa via, ao Movimento. Não se pode deixar de citar o prof. Lindley Cintra. Revela-se, então, o lado repressivo do regime, são célebres as fotografias da manifestação do Campo dos Mártires da Pátria, no Ministério da Educação. Surgiu o termo Polícia de Choque, aqueles capacetes, aqueles carros azuis, aquelas espingardas... (...)

- Os cineclubes, nomeadamente o Cineclube Universitário, que de certa maneira tinha uma hegemonia de propostas, eram um deslumbramento, nessa altura terminal do neo-realismo italiano. Havia um grande entusiasmo pelo Visconti, depois pelo Antonioni. Ainda se apanha a Nouvelle Vague francesa, lembro-me de «Pierrot le Fou», do «À Bout de Souffle», com temas mesmo dos anos 60. Lembro-me de um homem como o Castello Lopes discutir cinema com os estudantes. Depois há a emergência do cinema português, há o «Belarmino» de Fernando Lopes, que causa um grande entusiasmo, os «Verdes Anos» de Paulo Rocha, nos meados de 60. E há um grande convívio nas mesas do Vavá entre associativos e cineastas.

No meu caso, sinto-me um pouco atípico quanto às leituras, porque era de Filosofia. Apaixonei-me pelos Pré-Socráticos, por Platão. Havia, claro, os livros da altura, os livros com interesse político. Li a colecção dos discursos de Salazar, lembro-me das Memórias, ou algo semelhante, de José Anastácio da Cunha, e da «Cartilha do Marialva» do José Cardoso Pires. Líamos também «As Ligações Perigosas» de Laclos ao mesmo tempo que o «Rumo à Vitória» de Álvaro Cunhal. Em relação ao mundo, nós seguíamos muito, nessa altura, a experiência Kennedy nos Estados Unidos, seguimos a crise de Cuba, a qual, apesar da falta de informação, percebeu-se que era importante. E também a cisão soviético-chinesa, que tem grande influência na própria organização dos estudantes. (...)

- Eu acho que o Movimento Estudantil foi a socialização da dissidência cultural e política. Portugal era um país muito normativo, ou normalizado, nos costumes e no próprio ideário político oficial. O Movimento Associativo cria a possibilidade da diferença, de ser outro, de ser dissidente (...). O País deixou de ser unidimensional, e o Movimento Estudantil (...) substitui de certa maneira a bipolarização entre «situação» e «oposição» no sentido clássico. (...)

José Medeiros Ferreira

DESPORTO

Já não vem

Hossan Hassan assinou pelo PAOK

O futebolista internacional egípcio Hossan Hassan assinou contrato válido por três épocas, com o PAOK de Salónica, da primeira Divisão grega.

Hossan Hassan, ponta de lança da selecção do Egipto que estará no próximo Campeonato do Mundo, em Itália, era pretendido pelo Sporting chegando a ser dado ontem pela Imprensa desportiva portuguesa como certo no clube português.

O futebolista egípcio, 21 anos, receberá como salário mensal uma verba de 100 mil dólares (cerca de 15 mil contos) e ainda um prémio especial de 6 mil dólaress (cerca de 900 contos) se for o melhor goleador do campeonato grego.

O PAOK oferecerá ainda a Hossan Hassan um apartamento e um carro, além de um extra de 40 mil dólar

Búlgaro calça ouro

A Bota de Ouro, troféu que premeia o melhor goleador europeu a nível de clubes, foi conquistado pelo búlgaro Hristo Stoichkov, do CSKA de Sófia, que somou 38 golos em trinta jogos.

O «madrileno» Hugo Sanchez, que detinha o mesmo número de tentos, mas obtidos em igual número de jogos, viu-se assim relegado para o segundo lugar do troféu instituido pelo «France-Football».

O golo que proporcionou o galardão a Stoichkov, que na próxima época estará ao serviço do Barcelona, foi obtido no sábado, na última jornada do campeonato búlgaro, no encontro que o CSKA perdeu frente ao Slávia, por 2-1.

Acabaram os nacionais mas ficaram as dúvidas

Além do Famalicão há outros casos para decidir

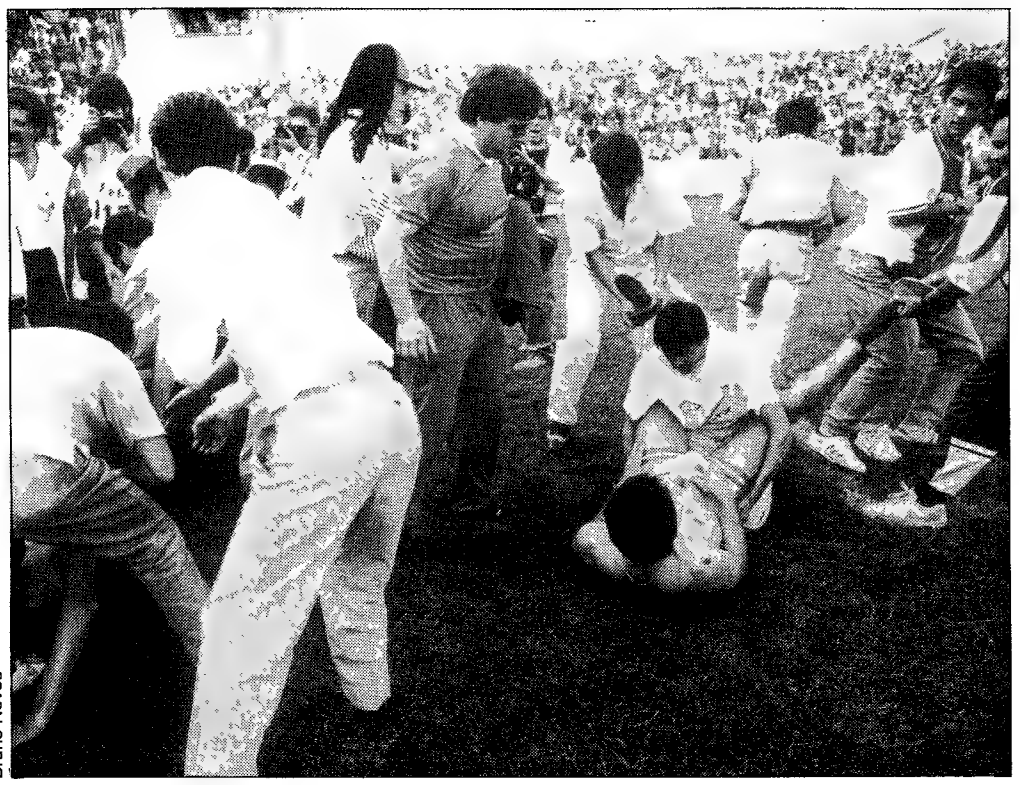
Porque a orgânica federativa persiste no anacronismo, fica-se sempre com um largo caudal de dúvidas quando correm os taipais sobre as provas por si organizadas. Neste momento e quando somente está por saber quem serão os campeões nacionais das II e III Divisões, são diversos os casos por decidir em termos de protestos caídos nos órgãos disciplinares da FPF. É o bem remoto caso do Famalicão que persiste no «elevador», num autêntico «sobe e desce» de conselho para conselho; é o protesto do União da Madeira que tudo indica não teve decisão ajustada às alegadas razões aduzidas pelo clube madeirense e, no que se refere à II Divisão, não é líquido que a reclamação (justa) apresentada pelo Olivais e Moscavide e do Atlético tenha entrado no «dossier» dos «arquivados».

Entretanto, e se tudo ficar como dantes, os participantes da I Divisão, Divisão de Honra e II Divisão serão os seguintes:

I DIVISÃO: FC Porto, Benfica, Sporting, Guimarães, Chaves, Belenenses, Setúbal, Boavista, Tirsense, Marítimo, Beira Mar, Estrela Amadora, Nacional, Penafiel, Gil Vicente, Salgueiros e Farense.

DIVISÃO DE HONRA: União, Portimonense, Feirense, Famalicão, Espinho, Barreirense, Aves, Leiria, Louletano, Paços de Ferreira, Académica, Elvas, Maia, Ac. Viseu, Torreense, Freamunde, Águeda e Estoril.

II DIVISÃO: Varzim, Mirense, Lusitano, VR, Leixões, Benfica Castelo Branco, Juventude, Fafe, Sp. Covilhã, Rio Ave, «Os Marialvas», Olhanense, Felgueiras, U. Lamas, Silves, Bragança, Mangualde, Lus. Évora, Infesta, Guarda, Atlético, Joane, Caldas, Seixal, Esposende, Lousada, Anadia, U. Tomar, Santa Clara, Montijo, Moreirense, Vila Real, Ovarense, Naval, U. Almeirim, Quarteirense, Mirandela, Paredes, Santacombadense, Mirandense, Sacavenense, Amora, Delães, Sanjoanense, Oliveira do Hospital, U. Santarém, Campomaiorense, U. Santiago, Valpaços, Amarante, U. Coimbra, Alcobaça, Oriental e Esp. Lagos.



Bruno Neves

Adeptos salgueiristas despiram os jogadores no final do jogo

III Divisão: Título em disputa

Iniciou-se no sábado, a disputa dos encontros correspondentes à fase de apuramento dos finalistas da III Divisão tendo, na Zona Norte, o Lousada vencido o Anadia por 3-0 enquanto na Zona Sul o União de Tomar derrotou o Santa Clara por 1-0.

TOTOBOLA

A chave

Leixões - Aves	X
Varzim - G. Vicente	2
Felgueiras - Freamunde	1
Vizela - Maia	1
Peniche - Viseu	2
Lousanense - Académica	1
Espinho - Salgueiros	2
Águeda - Covilhã	1
Lusitano - Torreense	X
Atlético - Moscavide	1
Barreirense - Estoril	1
[illegible]lhanense	X
Elvas - Louletano	1

A nossa aposta

Concurso n.º 23/90

14 de Junho de 1990

Itália - Áustria	1
URSS - Roménia	1
E. Árabes - Colômbia	X
EUA - Checoslov.	2
Brasil - Suécia	1
RFA - Jugoslávia	1
Inglaterra - Irlanda	X
Bélgica - C. do Sul	1
Holanda - Egipto	1
Argentina - URSS	X
Uruguai - Espanha	2
Camarões - Roménia	2
Jugoslávia - Colômbia	1

TOTOLOTO

11 - 16 - 40 - 42 - 43 - 47 (1)

Esta manhã, apenas havia sido escrutinado um concorrente com direito ao 1.º prémio do Totoloto. Trata-se de Moisés Vaz Alves, de Matosinhos, que, muito provavelmente, irá embolsar 77 mil contos. Quanto aos demais prémios 2.º prémio: 7 a 8 concorrentes (cerca de três mil contos); 3.º prémio: 240/260 (225 000$00); 4.º prémio: 18 400/19 600 (2980$00); 5.º prémio: 402 800/430/000 (214$00).

Quanto ao Totobola, os números finais apurados foram os seguintes: 1.º prémio: 13 concorrentes cabendo a cada um 936 577$00; 2.º prémio: 384 apostadores (31 707$00); 3.º prémio: 4700 (2590$00).

Campeonato Nacional da II Divisão

Estreia do Gil Vicente e regresso do Salgueiros

Zona Norte

Trofense - Marco, 1-1; Leixões - Aves, 1-1; Varzim - Gil Vicente, 0-2; Paços de Ferreira - Infesta, 5-1; Famalicão - Joane, 3-0; Felgueiras - Freamunde, 4-2; Fafe - Rio Ave, 1-0; Vizela - Maia, 3-1; e Bragança - Vianense, 1-0.

	J	V	E	D	G	P
1.º G. VICENTE	34	25	5	7	51-25	49
2.º Famalicão	34	18	11	5	55-24	47
3.º Aves	34	18	7	9	47-31	45
4.º P. Ferreira	34	18	6	10	56-34	42
5.º Maia	34	15	11	8	48-33	41
6.º Freamunde	34	14	12	8	45-35	40
7.º Varzim	34	15	8	11	46-36	38
8.º Leixões	34	13	9	12	46-42	35
9.º Fafe	34	14	8	12	42-29	34
10.º Rio Ave	34	10	11	13	44-47	31
11.º Felgueiras	34	11	9	14	32-46	31
12.º Bragança	34	12	7	15	37-52	31
13.º Infesta	34	11	8	15	51-55	30
14.º Joane	34	9	11	14	30-40	29
15.º Vizela	34	10	7	17	35-46	27
16.º Vianense	34	10	6	18	36-52	26
17.º Trofense	34	7	8	19	29-60	22
18.º Marco	34	3	8	23	18-63	14

Zona Centro

Castelo Branco - Oliveira do Bairro, 4-1; Oliveirense - Lamas, 2-1; Peniche - Viseu, 0-3; Leiria - Guarda, 3-0; Lousanense - Académica, 3-1; Marialvas - Mirense, 2-1; Mangualde - Caldas, 3-2; Espinho - Salgueiros, 1-2; e Águeda - Covilhã, 3-1.

	J	V	E	D	G	P
1.º SALGUEIROS	34	22	7	4	82-24	51
2.º Espinho	34	23	4	7	65-21	50
3.º Leiria	34	20	9	5	61-18	49
4.º Académica	34	19	5	10	55-34	43
5.º Viseu	34	17	8	9	56-32	42
6.º Águeda	34	15	8	11	43-36	38
7.º Mirense	34	13	9	12	42-39	35
8.º C. Branco	34	13	9	12	36-41	35
9.º Covilhã	34	15	3	16	39-43	33
10.º Marialvas	34	12	9	13	31-34	33
11.º Lamas	34	15	2	17	46-49	32
12.º Mangualde	34	14	2	18	48-55	30
13.º Caldas	34	13	4	17	32-55	30
14.º Guarda	34	12	5	17	29-55	29
15.º Oliveir.	34	11	6	17	37-45	28
16.º Lousanense	34	10	7	17	37-59	27
17.º O. Bairro	34	3	10	21	24-68	16
18.º Peniche	34	3	5	25	16-70	11

Zona Sul

Vila Real - Torreense, 0-0; Alverca - Portalegrense, 3-1; Seixal - Sintrense, 3-1; Atlético - Moscavide, 3-0; Barreirense - Estoril, 2-0; Samora Correia - Silves, 0-0; Évora - Olhanense, 2-2; Elvas - Louletano, 3-0; e Farense - Juventude (adiado).

	J	V	E	D	G	P
1.º FARENSE	33	24	5	3	76-20	53
2.º Barreirense	34	21	5	8	55-24	47
3.º Louletano	34	18	10	6	51-25	46
4.º Elvas	34	18	8	8	52-25	44
5.º Torreense	34	17	9	8	54-24	43
6.º Estoril	34	15	12	7	36-29	42
7.º V. Real	34	13	15	6	41-24	41
8.º Alverca	34	13	10	11	42-42	36
9.º Juventude	33	12	12	9	41-44	36
10.º Olhanense	34	12	10	12	38-38	34
11.º Silves	34	9	14	11	34-32	32
12.º Évora	34	8	12	14	39-52	28
13.º Seixal	34	10	7	17	30-52	27
14.º Atlético	34	9	7	18	39-46	25
15.º Portalegr.	34	6	11	17	31-73	23
16.º Moscavide	34	8	7	19	32-55	23
17.º Sintrense	34	5	7	22	22-65	17
18.º S. Correia	34	1	11	22	19-60	13

O primeiro de cada zona sobe à I Divisão; do 2.º ao 6.º lugar (inclusive) entra-se na II Divisão de Honra. Os quatro últimos de cada zona baixam de divisão.

Taça de Portugal: Estrela da Amadora, 2-Farense, 0

Estrelas deram prémio para o céu

Francisco Paraíso

Já foram do Sporting: Duílio e Fernando Cruz

Há meses, ninguém o diria: o barco andava com água pela cintura, havia contestação a João Alves, sussurava-se que estava à vista o punho no chicote, o adeus de José Gomes deixara (também) deprimida a continuidade de gerência lá pela Reboleira. Aconteceu porém, que o dirigente Júlio António e mais um punhado de parceiros, entenderam não abdicar facilmente: e continuar com o «luvas pretas» à frente do «team» que, dois anos antes, mal assomara ao principal escalão futebolístico, logo se engrandecera com infra-estruturas que desafiavam mais ancestrais pares do reino.

João Alves não teve qualquer receio de manter a cabeça a prémio, viajar no fio da navalha, dar a cara e a palavra nas mais difíceis circunstâncias. E continuou o trabalho que, depois de o ter credenciado como dos mais cotados expoentes do luso chuto na bola, craveirado nas mais elevadas classificações dos críticos espanhóis e franceses (foi «o melhor estrangeiro do ano» em cada época em que labutou como emigrante), após uma carreira com saliência nas melhores selecções nacionais o encaminhou para o lote de técnicos. E foi tudo num rompante: dois anos seguidos colocou o Boavista em provas uefeiras, correu logo a transportar o Leixões do 2.° para o principal escalão, acaba de solidificar o Estrela da Amadora no plano cimeiro e, não satisfeito, atirou-se com unhas e dentes a propósito mais ousado: conquistar a Taça de Portugal e, por inerência ganha entre as quatro linhas, impulsionar os «estrelinhas» para a inédita galopada europeia.

Foi difícil, muitos escolhos surgiram no caminho. Ontem, mesmo ao cair da folha, ainda teve de dar tratos à imaginação para descobrir rápidos sucessores para Basaúla, Caetano, Ricky e Paulo Jorge, por isto ou aquilo impedidos de desfilarem na *finalíssima* do Jamor. Mas, como na 1.ª qualquer cai e na 2.ª apenas tomba quem quer, armou o «team» de molde a explorar as pedras fracas do «onze» de Paco Fortes, violando como bem lhe apeteceu os flancos de uma primária defensiva onde tanto Carlos Pereira como Eugénio foram de uma inexperiência mais que ingénua, arrastando consigo, pelo declive de onde não voltaram a trepar, Marco e o próprio Sérgio Duarte que, às tantas, já não sabia para que lado deveria voltar-se, acorrentando ao tremendo descalabro o guardião Lamejic que, a partir da meia hora, igualmente passou a ficar com os nervos à portinha da pela.

Farense com pé na tábua

Contudo, o período inicial da festa teve assinatura de posse pelo Farense que, bem contado, tinha na bancada mais amigos que a Amadora, com centenas de camisolas pretas do Moto Clube de Faro saltitando num conclave rico de gente conhecida (Guerreiro Cavaco, José Vitorino, Ezequiel Canário, José Rafael) e de belíssimas algarvias que, em trajes leves, pareciam ter deixado por momentos a praia para virem espreitar o «onze» do presidente António Boronha, ainda umbilicalmente ligado à anterior chefia de Fernando Barata.

Houve, realmente, um «pressing» carregado do Farense: mas, desordenado. Nas paredes, os letreiros gritavam: *«Desculpem, senhores da Federação, por termos chegado à final da Taça»*. E os farenses agitavam os panos, virando-os para a tribuna onde João Rodrigues (e esposa) sorriam discretamente para Ribeiro de Magalhães. Lá em baixo, desenrolavam-se mais letreiros: *«Locutores da RTP: tenham vergonha na cara e não repitam as asneiras de domingo passado»*.

Ademar, o único futebolista que teve interferência directa nas três *finalíssima* da Taça (as outras duas ao serviço do Sporting) tentava comandar a situação operante dos algarvios: contudo, assim, como um relâmpago, veio o *tiraço-monstro*, tipo missil, despedido por Paulo Bento. Sem dó, nem um mínimo de piedade para uma defesa que imediatamente ruiu como um castelo de cartas muito jogadas.

Todavia, não estava ainda encontrado o emblema triunfante. Lá em cima, entre os vipes, talvez continuassem as apostas: Alberto Silva (Braga), Pimenta Machado (Guimarães), Jorge Nuno Pinto da Costa (Porto), por quem optavam os presidentes? Cá por baixo, entre o maralhal da Comunicação Social que, há duas dezenas de anos, é intimo daquelas anquilosadas e ferrugentas cadeiras que nos ofertam nas excursões ao Jamor, comentava-se a atitude de Paco Fortes em não ter incluído no lote de abertura aquele Mané que, junto a Pinto, há uma semana criara cabelos brancos na defensiva amadorense. Um ostracismo voltado a que signo, jovem técnico já com carta de alforria?

Conversas de alto

Bem: o jogo (bonito, apaixonante, de cativar) foi dando voltas no calendário. Diziam a Sousa Cintra que o egípcio Hossan tinha, afinal de contas, assinado contratato com o PAOK, da Grécia.

— *Não pode ser! Ele não pode ter feito isso. Estava comprometido com o Sporting... Só me faltava mais esta!*

No relvado, a bola saltitava. Cavaco Silva oscilava: o coração entre dois amores. Manter-se neutral ou (secretamente) desejar êxito algarvio.

Francisco Paraíso

Cartão amarelo a Pedro Xavier (à direita), no banco lateral, por «piropos» ao árbitro

BREVES

Pimenta Machado «despede» Mourinho

De acordo com informações que circulam em Castelo Branco, o treinador do Benfica local, (Mourinho Félix) recebeu ordem de despedimento, com o fundamento de que o presidente do Vitória de Guimarães (Pimenta Machado) colocaria como condição de cedência de jogadores que Mourinho fosse despedido. Os dirigentes do clube albicastrense terão cumprido as «ordens».

Benfica vence o Petro

No jogo inaugural da sua deslocação a África, o Benfica derrotou o Petro de Luanda por 1-0 com o boliviano Sanchez (que há alguns meses se encontra sob a mira de Eriksson) a rubricar o golo. Pelo clube lisboeta jogaram: Bento; Veloso, Samuel, Paulo Madeira e Fernando Mendes; Hernâni, Vítor Paneira, Abel e Chalana; Sanchez e Vata. Jogaram ainda César Brito, José Carlos e Diamantino.

Vítor Manuel dirige o Leiria

O treinador Vítor Manuel, que fora dado como futuro responsável pelo futebol do Mirense, resolveu, com alguma surpresa, rubricar contrato com o União de Leiria rendendo Eurico Gomes.

Coração não resistiu

Vítima de ataque cardíaco, faleceu no Hospital de Santo António do Porto, o dirigente do Salgueiros Pedro Silva. O coração não terá resistido à emoção do triunfo e da subida ao escalão superior.

Francisco Paraíso

João Alves: um comandante em ombros

A Taça na mão do capitão Duílio

Foto para a posteridade

Festas ao menino Baroti

Definido, bem demarcado estava Jaime Salgado, que se aponta como o mais forte candidato à presidência do Estrela, nas eleições a 6 de Julho:

— *Não estou perdendo tempo. Já tenho na minha lista figuras de relevo, como Júlio António. Aguentei ($$$) o Baroti. Acabo de contratar o Álvaro e, do Benfica, são bem capazes de também virem o Chalana e o Sousa. Logo à noite tenho de atender o Miranda, que vem do Chaves para se oferecer ao Estrela.*

No palco, Eugénio e Carlos Pereira continuavam distribuindo brindes pela confraria de outro emblema. O meio-campo farense estava ficando rendilhado. Conforme o tempo corria, Formosinho dava o bafo, Pereirinha parava os pequenos arranques, Ademar quebrava o motor. E o Estrela ganhava confiança, até porque Barny segurava Pitico e Fernando Cruz estava infeliz no retoque final e Melo, talvez prolongando Manuel Bento, teimava em calcar o bilhete de identidade.

No período complementar, continou o espectáculo dos quatro mosqueteiros: Baroti, Ricardo, Paulo Bento e Nélson Borges. O menino Carlos Indalécio Silva (20 anos), trocava a vista a quem lhe aparecia pela portagem. Os 21 anos de Ricardo Lopes mostravam como pode ser belo o imediato futuro do nosso futebol. E, enquanto se saudava eufórica e respeitosamente o labor do brasileiro que se despedia dos dois únicos clubes que representara no nosso país, todas as outras ovações iam direitinhas para a recente maioridade do rapazito vindo do Futebol Benfica por meia dúzia de tostões.

Em crescendo, o Amadora estendia a rede, tapava a toca. E seria Ricardo quem, com um monumental e bem anunciado *chapéu* a Lamejic, escreveria o desfecho final, sem qualquer outra compensação para farenses que a tácita aceitação das falhas de Fernando Cruz e Pitico quando Melo autorizou um pequeno susto para as suas hostes.

Acabou a função sem decepção para algarvios: apenas conformismo, porque Sérgio Duarte, Pitico, Cruz, Ademar, Nelo e Lamejic pesaram somente a 4.ª/5.ª parte do que marcou a balança a favor de Ricardo, Baroti, Paulo Bento, Duílio, Barny, Nélson Borges, Rui Neves, Bobó, Rebelo, toda a legião que disse adeus a João Alves com a ternura na voz.

Ofertas

Tocara-se novo grande hino ao futebol, com trocas de abraços sem quaisquer reticências. A música que atapetara todo o espectáculo, cortou-se a meio: a festa continuaria na Amadora, até ao romper da alva. Duílio vai agora a Fátima oferecer o equipamento. Barny guarda a camisola para a vitrina do pai. Pinto Correia, Ezequiel Feijão e Vítor Correia secundavam Alder Dante e António Garrido: «*arbitragem impecável.*»

Adriano Afonso (Benfica) e os manos António e Joaquim Oliveira continuavam falando entre si, de quando em vez com aproximação de Valentim Loureiro, *o major galopante* do Boavista. Vinte mil contos ficavam na bilheiteira. Trinta e cinco mil desciam do mármore. No Farense, já se falava em reforços: João Luís, Ali Hassan, talvez mais algum dos «deões» que Sousa Cintra não ceder ao Atlético. A rapaziada do Moto Clube de Faro retirava serenamente, enquanto cada jogador amadorense deitava contas à vida: 600 contos de prémio oficial, mais o quinhão que virá do bolo de 1500 prometido pela edilidade da cidade nova, mais, mais... João Alves era passeado em ombros. A caminho de «Os Arcos», para o aperto de mão que sela compromissos mútuos, Jaime Salvado e Álvaro estavam frente a frente, com os testemunhos do dr. Sombreireiro e do Mário. Na mesa, houve um breve momento de silêncio. E todos concordaram, onde está agora morando José Gomes, alguém bebe «champagne».

Neves de Sousa

Francisco Paraíso

Golo de Paulo Bento: Ademar impotente para a travagem

Fortunato Azevedo: 20 valores

Magnífica arbitragem do bracarense Fortunato Azevedo, que foi excelentemente auxiliado por Leite Silva e Valdemar Lopes.

ESTRELA DA AMADORA: Melo; Rui Neves, Duílio e Barny; Chico Oliveira; Rebelo, Bobó e Nélson Borges (Elias, 77 minutos); Ricardo Lopes (Jaime, 84), Baroti e Paulo Bento.

FARENSE: Lemajic; Carlos Pereira (Ricardo Narusevicius, 55), Sérgio Duarte, Marco e Eugénio; Formosinho (Mané na 2.ª parte); Pereirinha, Ademar e Nelo; Pitico e Fernando Cruz.

Golos: Paulo Bento (30 minutos) e Ricardo Lopes (63). Cartão amarelo: Chico Oliveira, Paulo Bento, Pitico e ainda a Pedro Xavier que, do banco lateral do Estrela, endereçou «piropos» ao árbitro. Cartão vermelho: Bobó.

Andebol

Sadinos travam corrida do Porto

Disputada que foi neste fim-de-semana a 9.ª jornada do Nacional da 1.ª Divisão (fase final), novo percalço do FC Porto e consequente aproveitamento do Benfica deixaram os encarnados, outra vez, isolados no comando da tabela classficativa, no momento em que nos encontramos a cinco degraus do correr dos taipais da edição 89/90. Cinco jornadas em que tudo poderá acontecer, face aos comportamentos que portistas e benfiquistas têm demonstrado nesta derradeira fase, deixando-se surpreender mais amiúde. Mas, por ora, fiquemos pelo que se passou neste sábado e domingo, começando pelas partidas de anteontem.

Com Belenenses e Académico de Braga a imporem-se aos seus visitantes (os azuis com excessiva facilidade frente aos «estudantes» e os bracarenses com inesperadas contrariedades perante os «deões»), o Vitória de Setúbal imitou os outros visitados vencendo o FC Porto que, assim, sofreu terceiro revés nestas 9 rondas da fase final contra apenas um inêxito durante as 22 etapas iniciais. Algo terá mudado para a bandas das Antas, uma das quais, em nosso entender, a chamada «sorte do jogo» que anteriormente sempre (ou quase) esteve de feição para os «dragões», com a vitória a sorrir-lhes perto do final (como no jogo da 1.ª fase em Setúbal, onde ganharam 22-21, por exemplo). Sábado à noite, num Antoine Velge repleto como de costume, os sadinos venceram com todo o mérito, comandando o marcador durante quase toda a partida devido a três pontos fundamentais: defesa muito profunda e agressiva, prestações atacantes de grande nível de Mlockzinsli (7 golos), Guerreiro (4) e Pires (3) e, finalmente, actuação seguríssima do polaco Wasil nas suas redes, mormente na 2.ª metade. O «sete» de António Cunha tem de render mais (necessariamente) se quiser aspirar ao título máximo, não chegando as 2 ou 3 movimentações colectivas atacantes de belo recorte, durante 60 minutos, para levar de vencida formações tão aguerridas e concentradas como foi a do Vitória.

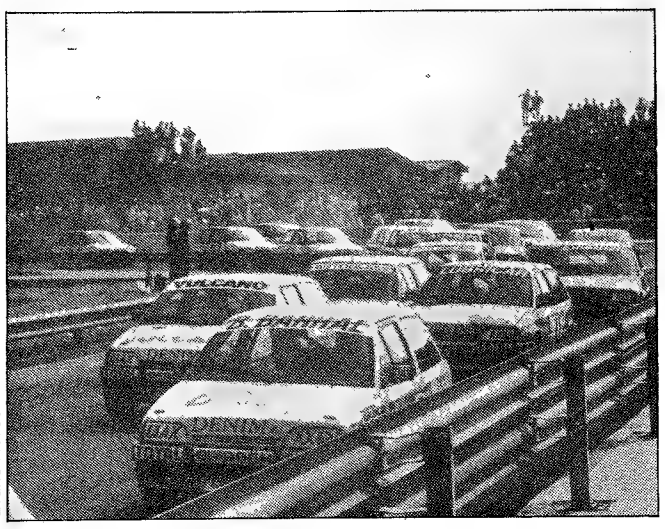
Sabendo de antemão do descuido portista, o Benfica não repetiu a «cena» de quinze dias antes, quando se deixou surpreender pelos bracarenses. Ontem, venceu claramente o Boavista, isolando-se novamente no comando da prova. Assim, e mediante os resultados verificados (Belenenses, 32-Académica, 18; ABC, 19-Sporting, 18; V. Setúbal, 19-FC Porto, 17 e Benfica, 25-Boavista, 17), os encarnados são 1.ºs, com 55 pontos, seguindo-se Porto (53); Setúbal (46); ABC (44); Académica (39); Sporting (38); Belenenses (36) e Boavista (34).

E já vem aí a jornada n.º 10, com a partida da Lusa-Atenas a ser certamente aquela para onde estarão viradas as atenções. Para quem se quiser entreter com vaticínios, eis o «programa de festas»: Académica-Benfica (19-24, na 1.ª volta); FC Porto-ABC (19-22); Boavista-V. Setúbal (15-19) e Sporting-Belenenses (12-19).

Jorge Marques

Francisco Paraíso

Benfica: o título está mais perto



Bruno Neves

Vila do Conde: o espectáculo dos troféus

Circuito de Vila do Conde

Emoção sobre o asfalto

A emoção voltou à pista de Vila do Conde onde estiveram presentes os nossos melhores pilotos, participando em sete provas do calendário de velocidade e dos diversos troféus. José Magalhães (Toyota/Iniciados), David Rodrigues (Topyota/Consagrados), Manuel Fernandes (Produção Nacional), Mário Silva (Renault 5 GT Turbo), Pedro Mello Breyner (Citroën AX), Jorge Petiz (Turismo) e Álvaro Parente (BMW) foram os vencedores das corridas que integraram o programa do circuito. Outros nomes em destaque: José Araújo e Rui Salgado (Toyota/Iniciados), António Rodrigues e Celestino Araújo (Toyota/Consagrados), Rui Lages e Ferreira da Silva (Produção Nacional), Hermano Sobral e José Carlos Macedo (Renault), Mário Silva e Manuel Mello Breyner (Citroën AX), e Ni Amorim e Manuel Fernandes (Turismo).

Hóquei em campo

Ramaldense soma desaires

O Ramaldense sofreu três derrotas consecutivas na «poule B» da Taça dos Campeões Europeus de hóquei em campo que está a decorrer em Ammiens (França). Depois de perder frente ao Grammarians de Gibraltar (0-3) e com os jugoslavos do Marathon (1-2), também não resistiu à superior craveira dos germânicos (RDA) do Traktor tendo sido derrotado por 0-2.

A prova integra 16 equipas, e o Ramaldense vai hoje discutir a «fuga» ao último lugar, defrontando o último classificado da «poule A».

Atletismo: Taça dos Campeões Europeus

Benfica supera vaticínios

A equipa masculina do Benfica teve excelente comportamento na Taça dos Campeões Europeus ao averbar o 5.º lugar superando opositores considerados de superior bitola como são os casos dos soviéticos do Trade Union, dos holandeses do Amesterdamsche e dos britânicos do Birchfield Harriers.

João Junqueira ao vencer a prova dos 3000 metros obstáculos, foi a figura cimeira dos benfiquistas na segunda jornada, enquanto José Moreira superou a concorrência na ronda inicial ao ser o mais veloz nos 1500 metros.

Comportamento dos benfiquistas nas diversas provas:

100 metros: Pedro Curvelo, 4.º lugar, com o tempo de 10,57s; *400 metros*: Álvaro Silva, 6.º / 47,15s; *1500 metros*: José Moreira, 1.º lugar / 3.57,70m; *10 000 metros*: António Pinto, 2.º / 28.14,32m; *400 metros barreiras*: Pedro Rodrigues, 3.º / 50,33s (recorde nacional de juniores); *salto em altura*: Mário Aníbal, 8.º / 2,05m; *salto em comprimento*: Afonso Ferraz, 7.º/ 6,94m; *lançamento do peso*: Fernando Alves, 7.º / 16,06m; *lançamento do martelo*: Fernando Alves, 7.º / 55,82m; *4X100 metros*: 3.º lugar /40,51m (Carlos Fernandes, Pedro Curvelo, Luís Cunha e Luís Barroso); *lançamento do dardo*: João Reis, 8.º / 55,92; *800 metros*: Álvaro Silva, 3.º / 1.48,73; *200 metros*: Pedro Curvelo, 5.º / 21,56; *110 metros barreiras*: Paulo Barrigana, 6.º / 14,64; *lançamento do disco*: Paulo Santos, 7.º / 50,72; *triplo salto*: Luís Marto, 7.º / 15,22; *3000 metros obstáculos*: João Junqueira, 1.º / 34,90; *salto com vara*: Pedro Palma, 4.º / 5m; *5000 metros*: João Campos, 3.º / 15.33,64; *4X400*: Benfica, 6.º, 3.09,60.

Na classificação colectiva o Benfica obteve o 5.º lugar somando 84 pontos cabendo o triunfo ao Larios (Espanha) com 128 pontos averbados.

No tocante ao sector feminino, a nota relevante da participação das atletas benfiquistas nesta 10.ª edição da Taça dos Campeões Europeus de Pista foi para Lucrécia Jardim, com o 4.º lugar alcançado nos 200 metros, no tempo de 23,84 segundos, que passa a ser novo recorde nacional absoluto.

A equipa encarnada classificou-se na 11.ª posição da prova (na época passada foi quinta), disputada em Shewechat, Viena de Áustria, tendo o título europeu pertencido à formação alemã-democrática do Sportclub Neubrandenburg, enquanto a equipa soviética do Moscovo SC terminou na segunda posição.

Lucrécia Jardim

Entre as atletas benfiquistas destacam-se ainda as prestrações de Lucília Soares (4.ª nos 3000 metros — 9.25,76m), Teresa Nunes (5.ª nos 1500 metros — 4.25,43m) e de Elisa Costa (6.ª no lançamento do disco — 52,72m).

Nas outras provas, as portuguesas ficaram assim ordenadas: *400 metros*: Luísa Coelho, 18.ª posição, com 57,27s; *800 metros*: Lassalete Coelho, 9.ª / 2.09,64m; *100 metros barreiras*: Maria José Valamatos, 10.ª / 1.01,85m; *estafeta 4X100 metros*: 12.º lugar (Lucrécia Jardim, Graziela Guerreiro, Sónia Fernandes e Maria do Carmo Tavares), com 47,69m; *estafeta 4X400 metros*: 15.º (Graziela Guerreiro, Sónia Fernandes, Maria José Valamatos e Luísa Coelho), 3.56,71m; *salto em altura*: Isabel Branco, 17/ª / 1,60m; *salto em comprimento*: Graça António, 20.ª / 5,23m; *lançamento de dardo*: Ana Morais, 9.ª / 47,06m; *lançamento do peso*: Elisa Costa, 13.ª / 13,44m; *100 metros*: Lucrécia Jardim, 6.ª / 11,81s.

BREVES

Ténis: as melhores

A alemã-federal Steffi Graf, continua a liderar o «ranking» mundial de ténis, seguindo-se a norte-americana Martina Navratilova e a jugoslava Monica Seles. Eis as 10 melhor posicionadas: 1.º, Steffi Graf (RFA); 2.º, Martina Navratilova (EUA); 3.º, Monica Seles (Jugoslávia); 4.º, Arantxa Sanchez (Espanha); 5.º, Gabriela Sabatini (Argentina); 6.ª, Zina Garrison (EUA); 7.º, Katerina Maleeva (Búlgária); 8.º, Mary Joe Fernandez (EUA); 9.º, Manuela Maleeva (Suíça); 10.º, Conchita Martinez (Espanha).

Gala «masters» em espada

A Gala «Masters» em espada vai realizar-se no dia 23 de Junho no «Dom Pedro Golf» em Vilamoura, com a participação dos oito melhores espadistas portugueses.

A gala, organizada pelo Clube Dom Pedro, vai distribuir 180 contos em prémios monetários, recebendo o primeiro classificado 60 mil escudos e o troféu Região de Turismo do Algarve.

O torneio, a disputar ao ar livre e com início às 21 e 30 horas, nas instalações do Clube em Vilamoura, será na fórmula de eliminação directa integral.

Esta gala «constituída» um importante acontecimento no panorama desportivo nacional, e uma importante jornada de propaganda da esgrima, em que tomarão arte alguns dos mais credenciados espadistas portugueses», a apurar entre os 10 melhores classificados do próximo campeonato nacional.

Hóquei em patins: Porto fora da Taça

Duas grandes surpresas marcaram os encontros correspondentes aos quartos-de-final da Taça de Portugal em hóquei em patins, com o Seixal a afastar o Infante de Sagres e o FC Porto a ser eleminado pelo Óquei de Barcelos. Os seixalenses (equipa que pertence à 3.ª Divisão nacional) foi ao recinto dos nortenhos do Infante de Sagres vencer por margem (9-4) que não oferece qualquer contestação quanto ao mérito de avançar para a ronda seguinte e a turma de Barcelos recebeu e bateu (3-2) os campeões nacionais.

Quanto aos restantes confrontos, o Sporting afastou, no seu ginásio, o Paço de Arcos por 7-2 (de registar a excelente inspiração de Fanã que rubricou quatro remates certeiros) tendo o Benfica vencido, com toda a naturalidade, a Académica da Amadora pela contundente marca de 11-2.

O sorteio para as meias-finais realiza-se amanhã (18 horas) na sede da Federação Portuguesa de Patinagem.

Ciclismo

Delmino conquista «Futuro»

Delmino Pereira, do Recer / Boavista, foi o grande vencedor da Volta ao Futuro, em bicicleta, prova organizada pelo diário desportivo «O Jogo».

A última etapa, disputada ontem, entre Viana do Castelo e Vila Nova de Gaia, na distância de 173 quilómetros, foi ganha por Cássio Freitas, da Sicasal / Acral, mas Delmino destronou nesta derradeira etapa o ciclista Luc Suykeerbuyk, da Festina / Lotus, que se viu assim relegado para a terceira posição, ultrapassado ainda por Manuel Cunha, do Lousa.

As classificações finais ficaram assim escalonadas:

Geral: 1.º Delmino Pereira (Recer / Boavista), 39:28.37 horas; 2.º Manuel Cunha (Avibom / Velouro / Lousa), a 2 segundos; 3.º Luc Suykeerbuyk (Festina / Lotus), a 4 segundos; 4.º Cássio Freitas (Sicasal / Acral), a 19 segundos; 5.º Neil Stephens (Royal), a 24 segundos; 6.º Jorge Silva (Sicasal / Acral), a 33 segundos; 7.º Joaquim Andrade (Sicasal / Acral), a 50 segundos; 8.º Paulo Ferreira (Tensai / Sontec / Etiel), a 55 segundos; 9.º Fernando Baptista (Bom Petisco / Tavira), mt; 10.º Benjamin Carvalho (Ruquita / Philips / Feirense), a 1.06 minutos.

Equipas: 1.º Sicasal / Acral, 118:26.34 horas; 2.º Royal, a 3.16 minutos; 3.º Festina / Lotus, a 4.08 minutos; 4.º Ruquita / Philips / Feirense, a 4.59 minutos; 5.º Avibom / Velouro / Lousa, a 7.24 minutos.

Pontos: 1.º Delmino Pereira (Recer / Boavista). **Montanha:** 1.º Jorge Henriques (Alguerra / Componauto / Aralm). **Metas volantes:** 1.º José Rodrigues (Alguerra / Componauto / Aralm). **Combinado:** 1.º Delmino Pereira (Recer / Boavista). **Juventude:** 1.º Joaquim Andrade (Sicasal / Acral).

Delmino Pereira: «champagne» para comemorar a vitória

Volta à Itália

O italiano Gianni Bugno continua com a camisola rosa, símbolo da liderança da prova máxima do ciclismo italiano (mais conhecido por Giro), com o 4.º lugar alcançado na tirada de ontem, entre Canazei e Aprica, na distância de 225 quilómetros.

O vencedor da 17.ª etapa foi o venezuelano Leonardo Sierra, que cortou a meta isolado, depois de uma fuga individual de 110 quilómetros, gastando a percorrer o percurso 7 horas e 16,58 minutos, menos 2,10 minutos que o líder da geral.

O português Acácio da Silva, que foi 17.º na etapa, com mais 3,23 minutos que o vencedor, ocupa o 50.º lugar da classificação geral, a 1 hora e 22,06 minutos do italiano Bugno.

Râguebi

«DN»/Lisboa Sevens para os escoceses

A equipa escocesa do Saltire venceu o IV Torneio Internacional de Râguebi «DN«—Lisboa Sevens, organizado pelo Clube de Râguebi, com o apoio do Pelouro de Desporto da Câmara Municipal de Lisboa. Na final, os escoceses venceram os ingleses de Cambridge, por 32-22, com 18-12 ao intervalo.

A vitória do Saltire interrompeu a série de duas vitórias do Cambridge, alcançadas nas duas edições anteriores, revelando uma maior frescura física, aliás, demonstrada noutros jogos da fase final do torneio, para além de um apuro técnico que deu à final, grande emoção, até porque os ingleses jogaram também em excelente nível, embora traídos pela condição física superior do opositor.

Na meia-final, o Saltire venceu o Canadian Wolverines, por 18-4, enquanto Cambridge ganhava por 30-12, aos Barbarians (favoritos do torneio), num jogo que havia de marcar a equipa vencedora para a final dado o desgaste a que ficou sujeita.

Para o 3.º e 4.º lugares, Barbarians venceu Canadian Wolverines, por 28-6.

Relativamente à Taça Laranja, para equipas classificadas nos terceiros lugares das oito séries da fase inicial, o vencedor foi o Independiente, que, na final, venceu a Académica de Coimbra, por 18-14.

Na Taça Primavera, para as equipas classificadas em 2.º lugar, na fase inicial, o vencedor foi o South Molton que, na final, bateu a equipa portuguesa de Agronomia, por 46-4.

Refira-se que duas equipas portuguesas — CDUL e Cascais — estiveram na fase final, onde não conseguiram ganhar qualquer jogo.

Râguebi de bom nível em Lisboa

UNICAR
Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS
Peças de origem

VIATURAS USADAS
CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO

Renault 21	RS	1988
Renault 9	GTS	1986
Renault 5	GTR	1987
Renault 5	TX c/extras	1984
Renault 5	Laureat	1984
Renault 11	TSE	1988
Alfa Sprint Veloce	1.5	1981
Seat Ibiza	1.2	1987

Para peças de origem consulte-nos na R. do Telhal

SEDE: R. dos Condes, 37 Tel.: 32 75 23 • 32 75 27 • 32 85 44
Stand Novos: Pr. dos Restauradores, 46 (ABERTO AOS SÁBADOS)
Stand Usados e Loja Peças:ç R. do Telhal, 4-A - Tel. 32 78 21
Loja de Peças 2 • Pr. S. João Bosco, 21-B • Tel.: 60 46 50 / 2
Oficinas: R. Possidónio da Silva, 104 • Tel.: 60 73 06

RENAULT

I Série N.º 128
Dia 4 de Junho

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 174/90:
Altera as condições de acesso ao Fundo Extraordinário de Ajuda à Reconstrução do Chiado e a bonificação dos juros dos empresários e conceder. Primeira alteração ao Decreto-Lei n.º 356/88, de 13 de Outubro.

Ministério da Saúde

Decreto-Lei n.º 175/90:
Reestrutura a Direcção-Geral dos Cuidados de Saúde Primários.

N.º 127
Dia 2 de Junho

SUMÁRIO

Ministéric das Finanças

Despacho Normativo n.º 34/90:
Altera o quadro de pessoal da Direcção-Geral de Protecção Social aos Funcionários e Agentes da Administração Pública (ADSE).

Ministério das Finanças e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 414/90:
Estende à Escola Náutica Infante D. Henrique o regime de semana de cinco dias.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Avisos:
Torna pública a entrada em vigor no dia 1 de Julho de 1990 do Acordo Cinematográfico entre a República Portuguesa e a República de Cabo Verde.

Torna público ter, segundo comunicado da Embaixada da Bélgica em Lisboa, a República de Chipre denunciado, em 6 de Outubro de 1989, a Convenção sobre o Valor Aduaneiro das Mercadorias, assinada em Bruxelas em 15 de Dezembro de 1950.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto-Lei n.º 173/90:
Estabelece normas de aplicação do Regulamento (CEE) n.º 1191/89, do Conselho, de 27 de Abril, relativo a ajudas ao sector da suinicultura.

Ministério do Comércio e Turismo

Portaria n.º 415/90:
Estabelece a constituição das comissões encarregadas de estudo e elaboração dos planos de obras das zonas de jogo.

AGENDA

PESSOAS & FACTOS

Meridien: um ano de bons resultados

1989 foi um ano favorável para o Grupo Meridien. A reestruturação iniciada em 1987, o bom desenvolvimento dos principais mercados e o aumento do impacto das filiais, permitiram obter bons resultados .O volume de negócios dos 53 hotéis Meridien foi de 4,6 milhões de francos franceses em 1989 quando em 1988 havia sido de 3,8 milhões.A taxa média de ocupação da cadeia de hotéis foi de 67, 1 % (64,1 % em 1988), resultante dos grandes esforços de comercialização desenvolvidos pela Meridien nos últimos três anos.Da consolidação do Grupo Meridien resultou um volume de negócios de 1,3 mil milhões enquanto o resultado líquido consolidado foi de 52,8 mil milhões de francos franceses.

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território
Períodos de céu muito nublado. vento fraco soprando moderado de Nordeste no litoral Oeste. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas em especial nas regiões do interior para a tarde. Neblina ou nevoeiro matinal.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulaçãso Noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro.

Amanhã
Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado nas regiões do Norte.Vento fraco. Neblina ou nevoeiro matinal.

Depois de amanhã
Regiões do Norte e Centro
Períodos de céu muito nublado e vento fraco soprando de Noroeste no litoral. Aguaceiros, em especial no interior. Neblinas e nevoeiros matinais.

Regiões do Sul
Céu pouco nublado. Vento fraco soprando moderado de Noroeste no litoral Oeste. Neblinas ou nevoeiros matinais.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento Norte moderado. Aguaceiros fracos.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado a de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal
Céu geralmente muito nublado e vento fraco.

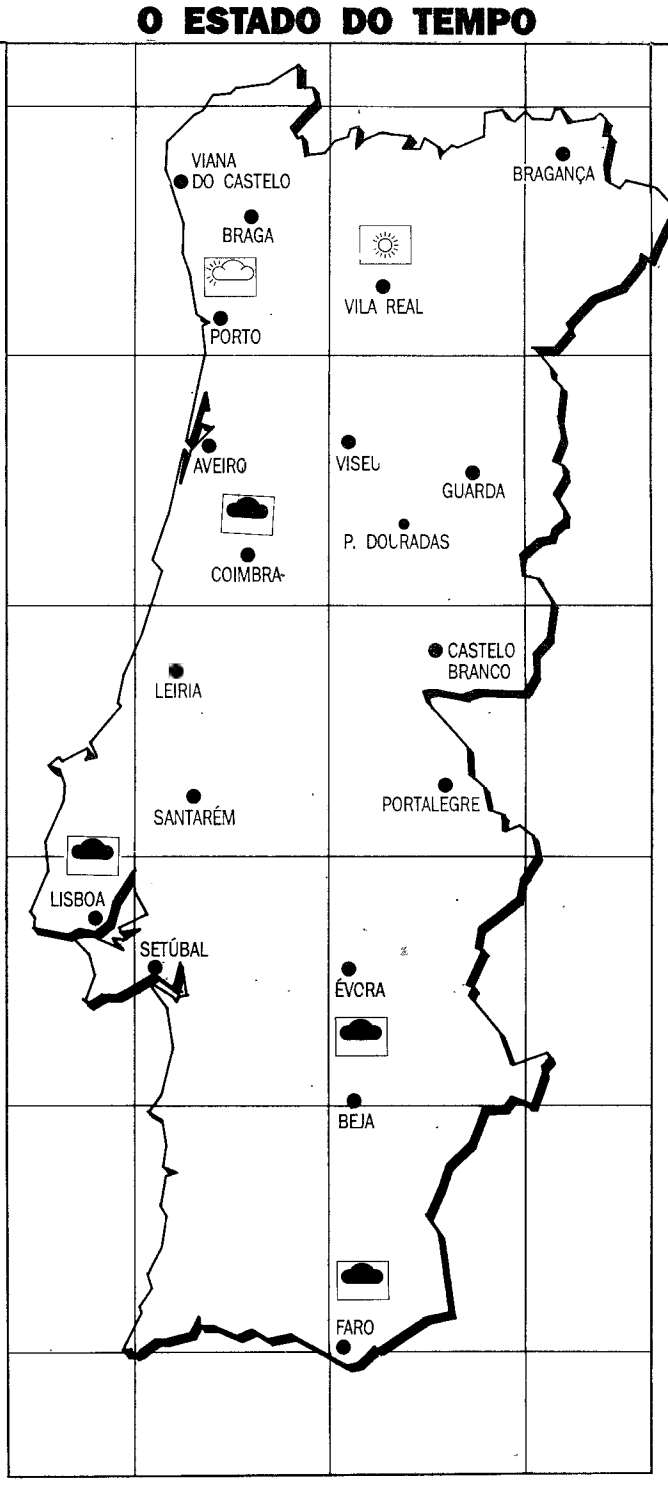
AÇORES

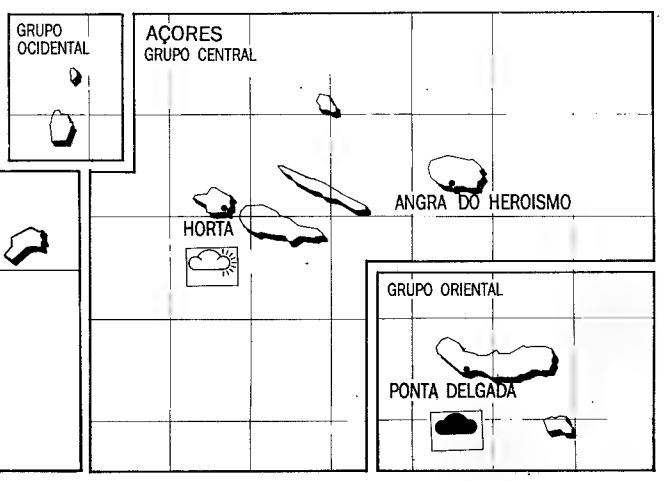
Grupos Ocidental e Central
Céu geralmente muito nublado e vento Sudoeste fraco a moderado, rodando para Noroeste a partir da manhã. Períodos de chuva fraca. Pequena descida da temperatura máxima.

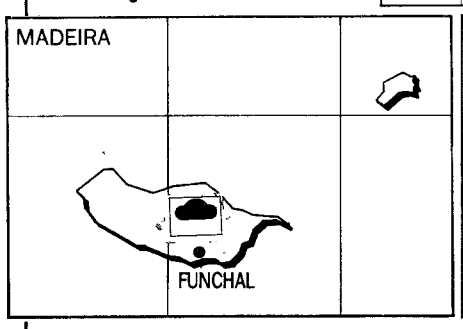
Grupo Oriental
Períodos de céu muito nublado e vento Nordeste fraco a moderado.

Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado a de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica







- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado

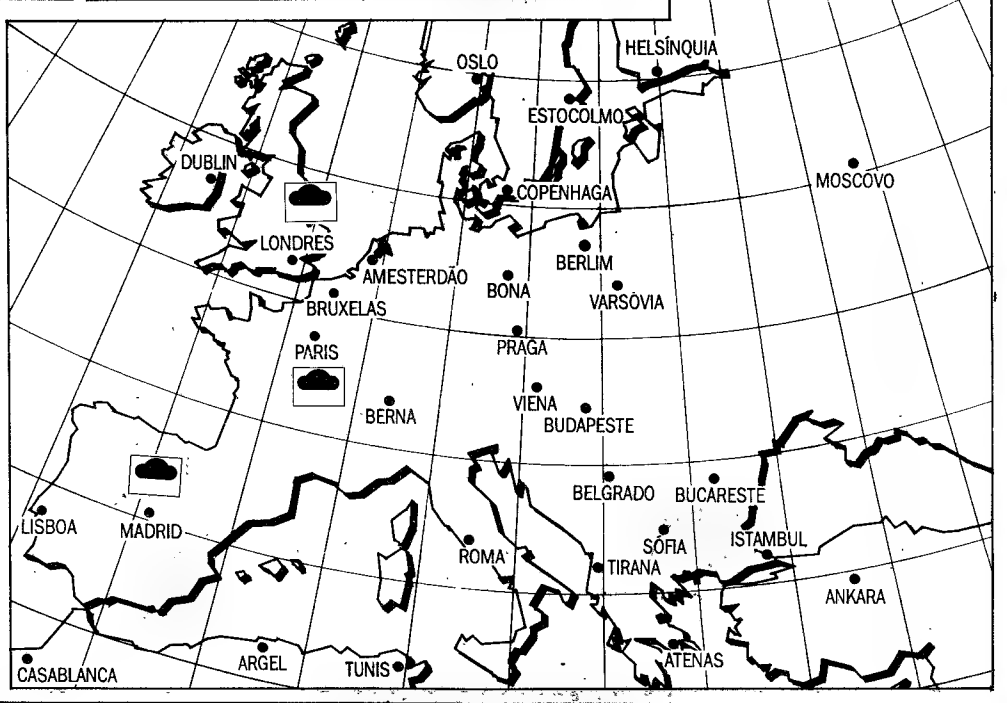
MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
01.07	3,1m	07.01	1,2m
13.3	3,1m	19.20	1,2m

Amanhã

01.55	3,1m	07.3	1,1m
14.17	3,3m	20.00	1,1m



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	15	15	M. nub.
V. Castelo	14	14	Neblina
Vila Real	14	15	Encoberto
Porto	13	14	Neblina
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	15	15	Neblina
C. Carvoeiro	16	16	Encoberto
C. Branco	17	18	M. nub.
Portalegre	19	20	P. nub.
Lisboa	17	18	M. nub.
Évora	16	17	M. nub.
Beja	17	17	M. nub.
Faro	18	20	Aguaceiros
Sagres	-	-	-
P. Delgada	14	15	M. nub.
Horta	13	14	P. nub.
Funchal	17	18	M. nub.
Sines	16	17	M. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 30; Porto, 25; Faro, 26; P. Delgada, 20; Funchal, 25.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	14	14	M. nub.
Londres	12	15	M. nub.
Paris	11	14	M. nub.
Bruxelas	14	16	P. nub.
Amesterdão	8	15	Neblina
Genebra	9	13	Neblina
Roma	11	15	P. nub.
Oslo	12	12	Neblina
Copenhaga	12	14	M. nub.
Estocolmo	3	8	P. nub.
Berlim	14	15	P. nub.
Viena	8	12	P. nub.
Varsóvia	-	-	-
Atenas	16	17	M. nub.
Moscovo	-	-	-

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	14	27	Limpo
Houston	25	33	Trovoada
Los Angeles	14	21	Limpo
Montreal	12	24	Encoberto
Nova Iorque	15	28	Limpo
S. Francisco	11	20	Limpo
Toronto	13	27	Encoberto
Vancover	7	16	Nublado
Washington	16	30	Limpo
Hong Kong	22	26	Aguaceiros
Melbourne	10	21	V. forte
Pequim	16	29	Encoberto
Perth	9	14	Aguaceiros
Singapura	26	33	Aguaceiros
Sydney	8	18	V. forte
Tóquio	17	25	Chuva
Wellington	7	15	Nublado

AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Ajuda: Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222, Tel. 3638256; **Alto São João:** Zional, Rua Morais Soares, 56-C; **Baixa:** Cortez, Rua São Nicolau, 93, Tel. 325378; **Campo Grande - Av. Brasil:** Rainha Santa, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, Tel. 765262; **Campolide - Águas Livres:** Rualto, Lda., Rua Alto Carvalhão, 5, Tel. 651721; **À Av. Estados Unidos N.º 39:** Celta, Rua Moura Girão, 3-B, Tel. 890621; **Lumiar - Quinta das Mouras:** Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B, Tel. 4594179; **Madre Deus - Junto Esc. Verney:** Romana, Rua Actor Augusto Melo, 7-A, Tel. 383800; **Rato:** Albano, Rua Escola Politécnica, 59, Tel. 326750; **Rego:** Prates & Mota, Rua Beneficência, 91-93, Tel. 773728; **Saldanha:** Avenidas, Av. da República, 27-A, Tel. 533688; **Vale Santo António:** Santo António, Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Pedro Gomes, Praceta 25 de Abril, Lote 13 - Loja B, Tel. 2518520; **Odivelas:** Leitão, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 62, Tel. 9320051; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Alfama - São Tomé: Ziler, Rua São Tomé, 54-56, Tel. 862835; **Av. D. Rodrigo da Cunha:** Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D, Tel. 882384; **Benfica - 2.ª Circular:** Benfiluz, Estrada Benfica, 444-A, Tel. 7141206; **Cais do Sodré:** Central, Rua São Paulo, 108, Tel. 320389; **Calvário:** Monge, Rua Lusíadas, 30-32, Tel. 3636704; **Estrela:** Marques Freire, Rua Santo António à Estrela, 96, Tel. 665196; **Intendente:** Intendente, Largo Intendente Pina Manique, 50-51, Tel. 547838; **Jardim Constantino:** Portugal, Rua Rebelo da Silva, 11-13, Tel. 543340; **Olivais Sul:** Lemos, Rua Cidade da Beira, 46-C, Tel. 331692; **Praça de Londres:** Algarve, Av. Roma, 7-B, Tel. 801478; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Saldanha - Hotel Sheraton:** Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29, 29-A, Tel. 548966; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17, Tel. 2114487. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Godinho, R. Cândido Reis, 98, Tel. 4430090. Permanente; **Parede:** Macau, R. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **S. João do Estoril:** S. João, Quinta da Carreira, 29-A, Tel. 2681186. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Nova, Est. Alvide - Fontainhas, Tel. 281044. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Campos, R. Elias Garcia, 185, Tel. 4930072. Permanente; Amadora, P. 25 de Abril, 3-A, Tel. 4935518. Até às 22 h; **Damaia:** Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Até às 22 h; **Queluz:** Correia, L. Mercado, 3, Tel. 4350905. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Guerra Rico, Av.Bombeiros Voluntários, Tel. 9244002. Permanente; **Mem Martins:** Química, Est. Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Permanente.

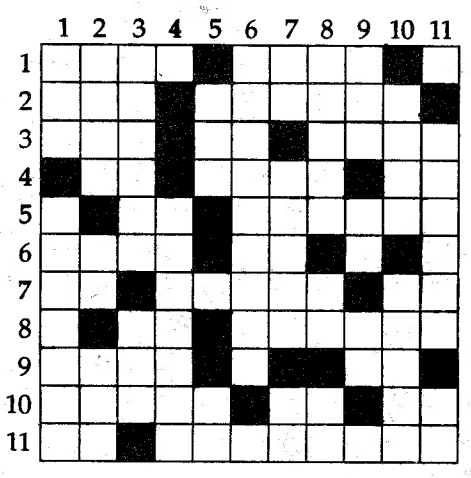
OUTRA BANDA

Almada: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B, Tel. 2750242. Permanente; **Cova da Piedade:** Avelar Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A, Tel. 2750337. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B, Tel. 2532324. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 23, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Barreiro:** Avenida, Av. Alfredo Silva, 88, Tel. 2073212. Permanente; **Baixa da Banheira:** Aliança, Est. Nacional, 178-B, Tel. 2040302. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; **Amora:** Moura Carneiro, P. Gen. Humberto Delgado, 16-A, Tel. 2243729. Permanente; **Arrentela:** Ana Branco, Quinta Murtinheira, Tel. 2215590.

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

PALAVRAS CRUZADAS



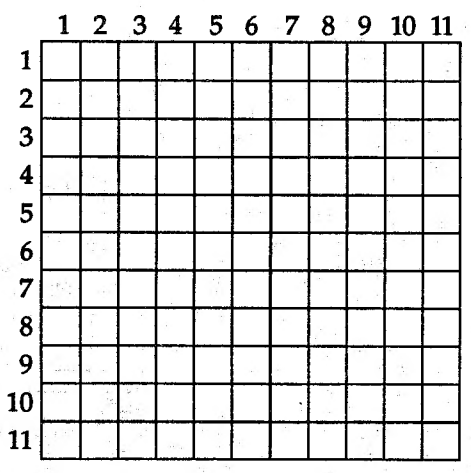
PROBLEMA N.º 17932

HORIZONTAIS:

1 - Em mais alto grau. Planície entre duas colinas ou montanhas.
2 - Bigorna de ourives. Uma das línguas da África ocidental.
3 - Senhora. Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Cidade da Nigéria britânica.
4 - Ondas curtas. Rumores. Germânio (s.q.).
5 - Autores. Acometer.
6 - Sadios. Níquel (s.q.).
7 - Duas consoantes desiguais. Partido (pop.). Nome de Buda, na China.
8 - Boro (s.q.). Canastras com asas ou sem elas.
9 - Filtrem. Espera resposta.
10 - Manas. Boas Festas (abrev.). Cério (s.q.).
11 - Autores. Trabalhavam de noite.

VERTICAIS:

1 - Abreviatura que designa o sistema de unidades que tem por base: o metro, a tonelada-massa e o segundo. Manha.
2 - Ilha do Pequeno Belt. Alumínio (s.q.). Agora.
3 - Conclusão. Felicidade.
4 - Apareces em lugar alto.
5 - Pronome relativo. Pronome reflexo.
6 - Ardente (fig.).
7 - Nesse lugar. Inflamação do ouvido. Boro (s.q.).
8 - O mesmo que lousa. Carta de jogar. Nota musical.
9 - Boato. Compare. Pronome pessoal.
10 - Nome de mulher. Energia.
11 - Que são do ar. Preposição.



PROBLEMA N.º 16742

HORIZONTAIS:

1 - Cidade de Espanha, província de Sevilha. Cidade do estado do Rio Grande do Sul.
2 - Despacho. Âncora.
3 - Basta! Conferir.
4 - Cidade da Roménia. Prendo. Antes de Cristo.
5 - Magote. Nota musical. Ferro temperado.
6 - Brisa. Árvore indiana, de fibras têxteis. Atmosfera.
7 - Nome de flor. Concede.
8 - Pronome pessoal. Rei de Basã morto por ordem de Moisés.
9 - Artigo. Batráquios anuros.
10 - Seguia. O mesmo que três. Consentimento.
11 - Carcomeras.

VERTICAIS:

1 - Antigo reino da Península Ibérica.
2 - Avarento. Curso de água natural e abundante.
3 - Zomba. Alcatifar.
4 - Ferrar.
5 - Sobra.
6 - Freguesia do concelho de Mirandela. Medida de superfície.
7 - Dais sinais. Preposição.
8 - Sufixo que designa abundância. Rio dos Estados Unidos.
9 - Istmo montanhoso que liga a Indochina à península de Malaca. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
10 - Segurado fortemente com os braços.
11 - Seguia. Ousadia.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 931

HORIZONTAIS: 1 - CÃO. QUE. 2 - Ou. Bau. Armo. 3 - LADRA. Rol. 4 - Mauri. Cravo. 5 - Altas. Ro. És. 6 - Pedais. 7 - Maré. Ada. Só. 8 - Ore. Atira. 9 - Rema. Atacar. 10 - Dã. Cãs. Vi. 11 - Estalar. NÃO.
VERTICAIS: 1 - Coima. MORDE. 2 - Au. Al. Áreas. 3 - Lutarem. 4 - Bara. Ata. 5 - Cádis. 6 - Ur. Pataca. 7 - Acreditar. 8 - Uã. Rodaras. 9 - Erra. Ac. 10 - Móveis. Ava. 11 - Colosso.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 741

HORIZONTAIS: 1 - Belgrave. Cá. 2 - Ela. Ecoaram. 3 - Rosas. Elo. 4 - Tapioca. 5 - Único. Sátão. 6 - Dom. Na. Mais. 7 - Amanda. Dirá. 8 - Se. IE. Pê. 9 - Atormentar. 10 - Avisais. 11 - Não. Moabita.
VERTICAIS: 1 - Bermudas. An. 2 - Elo. Nomeava. 3 - Lástima. Tio. 4 - Caa. Nios. 5 - Responderam. 6 - AC. Aa. Mio. 7 - Votos. Pesa. 8 - Ea. Camden. 9 - Reatai. Tui. 10 - Cal. Air. 11 - Amorosa. Rua.

PROVÉRBIO: CÃO QUE LADRA NÃO MORDE.

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa
A MOSCA
UNIFOMIZADOS OS CRITÉRIOS DE DISPENSAS DE EXAMES
- AO ENSINO TÉCNICO TAMBÉM SÃO SUFICIENTES 12 VALORES
A URSS poderá lançar em breve cosmonautas de outros países
O primeiro-ministro Vorster da República da África do Sul está em Portugal por três dias

Uniformizados os critérios de dispensas de exames

Um novo despacho do ministro da Educação Nacional, permitindo (a título experimental) a dispensa de exmes aos alunos do Ensino Técnico com média de 12 valores vem uniformizar o critério já estabelecido para outros ramos do ensino - ao mesmo tempo que anuncia, para futuro, a sistematização desta importante matéria. De mais de 50 mil alunos que se previa fizessem exames dos Cursos Industriais e Comerciais, calcula-se que de 10 a 15 mil serão beneficiados por esta nova medida.

O PM da África do Sul três dias em Portugal

O primeiro-ministro da África do Sul, John Balthasar Vorster, rodeado por uma apertada rede de segurança, entrou hoje em Lisboa para começar uma visita de três dias a Portugal, cujo objectivo fundamental é, de momento, mantido em segredo. (...) Vorster, que visita um país europeu pela primeira vez, é acompanhado pela esposa e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros do seu Gabinete, Hilgard Müller.

Escola Francisco Arruda

Mil crianças tiveram hoje uma manhã de alegria e de desporto na Escola Francisco Arruda, durante o festival de encerramento das actividades circum-escolares, o qual serviu para mostrar o interesse que, naquele estabelecimento de ensino, justamente se vota à actividade física.

EFEMÉRIDES

1970

•O reino de Tonga, no Pacífico, torna-se membro da comunidade britânica.

1984

•Toma posse o Conselho de Comunicação Social.

1987

•Morre o director de orquestra Sammy Kaye, 77 anos, que fez «swingar» os Estados Unidos nos anos 40 e 50.

1988

•Morre o crítico cinematográfico Henrique Alves da Costa, 77 anos, fundador do movimento cineclubista português.

•Um comboio carregado de explosivos explode ao entrar na estação de Arzamas, na União Soviética, matando 68 pessoas e ferindo 230.

1989

•Tropas chinesas disparam e avançam com blindados sobre os estudantes do movimento pró-democracia, concentrados há sete semanas na Praça Tiananmen, em Pequim, provocando centenas de mortos e milhares de feridos e ocupando a Praça da Paz Celestial. Pequim encontra-se sobre controlo militar, enquanto por todo o Mundo se realizam manifestações de protestos pelo massacre.

•O presidente iraniano, Ali Khameini, é escolhido para suceder ao falecido «ayatollah» Khomeini como dirigente supremo do Irão.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
STAR TREK V: A ÚLTIMA FRONTEIRA
Filme de William Shatner
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
UM ROSTO SEM PASSADO
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
TELHADOS DE NOVA YORK
Filme de Robert Wise
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
O MEU TIO SOLTEIRO
Filme de John Hughes
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
PARA IRIS COM AMOR
Filme de Martin Ritt
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
STAR TREK V: A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
PARA IRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
O MEU TIO SOLTEIRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
TELHADOS DE NOVA YORK
M/16 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.30

AMOREIRAS 7
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
Filme de Clint Eastwood
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

AMOREIRAS 10
UM ROSTO SEM PASSADO
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KURCSAWA
Filme de Akira Kurcsawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
E TUDO O VENTO LEVOU
Filme de Victor Flemming
M/12 anos - Às 15.00, e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
BONECAS SEXUAIS
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
O ALVO
Filme de Arthur Penn
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
TESTEMUNHA DE UM CRIME
M/12 anos - Às 24.00

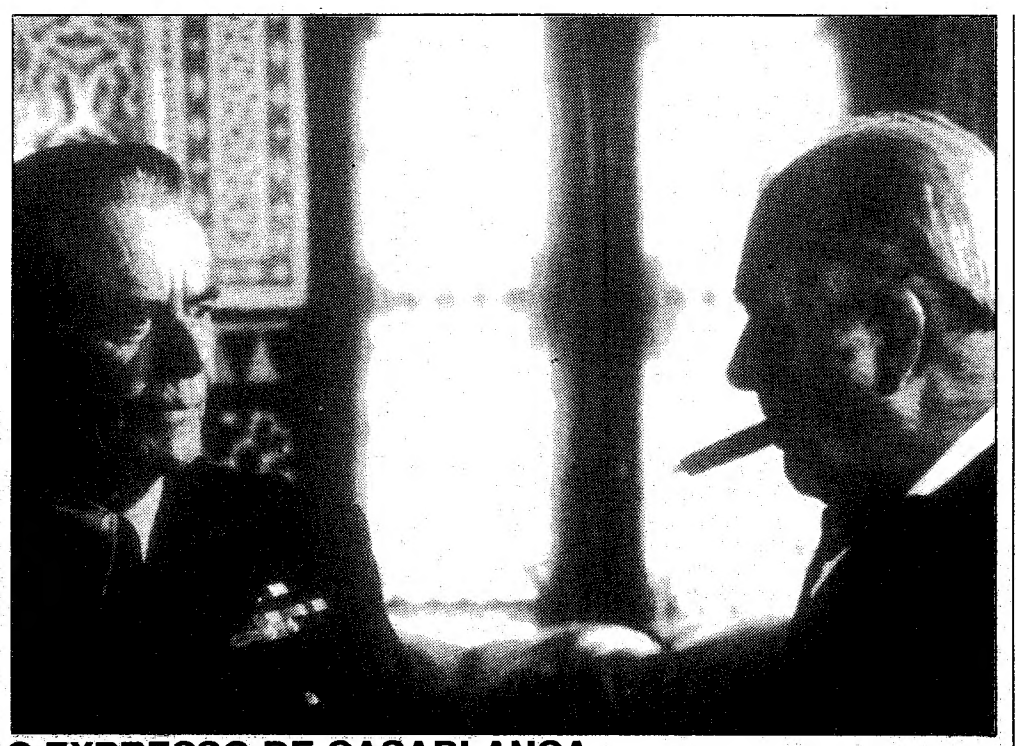
CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
BLAZE - AMOR PROIBIDO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
NASCIDO A 4 DE JULHO
M/16 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
FÉRIAS ESCALDANTES NA GRÉCIA
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
NA GRANDE CIDADE
Filme de Frank Borzage, às 18.30
TRÊS CAMARADAS
Filme de Frank Borzage, às 21.30,

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999



O EXPRESSO DE CASABLANCA Com Jason Connery/Glen Ford
Brevemente, estreia em Lisboa

ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
UM ROSTO SEM PASSADO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
UM ROSTO SEM PASSADO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/16 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

AUDITÓRIO 2
TEMPO DOS CIGANOS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15 e 21.45

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
À BEIRA DA LOUCURA
Filme de Gerard Kikoine
M/18 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
SEXO, MENTIRAS E VIDEO
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
QUASE UMA FAMÍLIA
M/16 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
UM ROSTO SEM PASSADO
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
TELHADOS DE NOVA YORK
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
O RAPAZ DA CALABRIA
Filme de Luigi Comencini
M/6 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
LIGAÇÕES SUJAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
PARA ALÉM DO KILIMANJARO
ATRAVÉS DE UM RIO DE SANGUE
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
AS NINFOMANÍACAS
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
UM ROSTO SEM PASSADO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.ª Antão - T. 326305
À BEIRA DA LOUCURA
M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
STAR TRECK - A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.15

SÃO JORGE 3
PARA IRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
UM ROSTO SEM PASSADO
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
CHUVA NEGRA
M/16 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
UMA CASA ALUCINANTE
Filme de Stephen Minoc
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
ROSTO SEM PASSADO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
POLÍCIAS AO ATAQUE
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

MUNICÍPIO DE LISBOA
EDITAL N.º 115/90
OBRAS PRECONIZADAS NO AUTO DE VISTORIA

Faço saber que correm éditos de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste edital intimando nos termos do artigo 10.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas e por meu despacho de 11 de Maio de 1989, por delegação de competência de Sua Ex.ª o Presidente (Despacho 62/F de 10 de Janeiro de 1986). JOSÉ DA SILVA TORRÃO SANTOS, residente no Largo General Guerra n.º 30 — Almeirim, na qualidade de proprietário do prédio situado na Avenida da República n.º 47/47-G torneja Avenida Visconde de Valmor n.º 24/24-C, em Lisboa, a cumprir com as conclusões do auto da Comissão Permanente de Vistorias de 29 de Novembro de 1988.
As obras deverão ser iniciadas no prazo de 10 dias findo o dos éditos e concluídas nos 30 dias seguintes.
NOTA I: Para a realização das obras intimadas deverá ser levantada uma licença nas condições 1.ª e 3.ª, que será passada pelo prazo de 30 dias e que se encontrará a pagamento na Repartição de Impostos e Licenças desta Câmara Municipal, durante 3 dias a contar do 7.º dia da data da intimação, devendo juntar um termo de responsabilidade no prazo de 2 dias.
NOTA II: O auto de vistoria faz parte do processo 61/I/82 e encontra-se à disposição do intimado, para efeitos de consulta, na respectiva Zona dos Serviços de Fiscalização de Obras — Rua 1.º de Dezembro, 120.

Paços do Concelho de Lisboa, em 21 de Maio de 1990
O Vereador, Vasco Franco

TRIBUNAL JUDICIAL DO 17.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.
Execução sumária, n.º 5926, 2.ª secção
Exequentes — Álvaro Gil & Filha Lda.
Executado — João Leandro Ferreira Herdeiros, Lda., com sede na Rua do Sabão, n.º 65 — Funchal.

Lisboa, 28 de Maio de 1990

O Juiz de Direito,
Alfredo Carlos André dos Santos

O Escrivão de Direito,
José Martins Cordeiro

DL - 1.ª PUB - 4/6/90

TRIBUNAL JUDICIAL DO 17.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA 2.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.
Execução sumária, n.º 8248, 2.ª secção
Exequentes — José Maria Tavares da Silva e outros.
Executado — Manuel Filipe Teixeira da Silva e mulher Rosa da Conceição Ferreira da Silva, residentes no Largo Carlos Selvagem, n.º 1 - 7.º Esq.º - 1500 Lisboa
Lisboa, 28 de Maio de 1990

O Juiz de Direito,
Domingos Manuel Gonçalves Rodrigues

O Escrivão de Direito,
Maria da Glória Soares Martins Guerreiro de Morais

DL - 1.ª PUB - 4/6/90

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS

ANÚNCIO

Proc. 24/87-A
2.ª Sec./2.º J.

FAZ-SE SABER que neste Tribunal, na 2.ª secção do 2.º Juízo, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados JOSÉ DE PINHO COSTA e mulher MARIA JÚLIA AUGUSTO PINHO COSTA, residentes da Rua Gomes Freire, n.º 145 — 2.º esq.º — Lisboa, para no prazo de DEZ DIAS, findos que sejam aqueles dos éditos, deduzirem os seus direitos na Execução de Sentença movida por Pereira & Santos, Lda., com sede em Vila Chã de S. Roque, Oliveira de Azeméis desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Oliveira de Azeméis, 25 de Maio de 1990

O Juiz de Direito
Rui Barreiros da Silva

A Escriturária
Maria Lurdes Castro Gonçalves

DL — 1.ª Pub — 4/6/90

FETRANS — FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS DE TRANSPORTES
ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo da Lei Sindical convocam-se os Sindicatos do Sector de Transportes a reunir (devidamente credenciados) pelas 9h30m do dia 19 de Junho de 1990, na sede do Sindicato dos Marinheiros Mercantes de Portugal — Calçada Salvador Correia de Sá, 42,2.º em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:
Ponto único. Aprovação dos Estatutos — Constituição da FETRANS.

A Comissão Instaladora

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

17.25 - A HORA DO LECAS
18.25 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
20º episódio
18.55 - JOGO DE CARTAS
19.15 - BOLETIM METEOROLÓGICO PARA A GRICULTURA
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - CLUBE DE SUBSCRITORES
21.45 - REENCONTROS
6º e último episódio.
Bruno passeia na propriedade quando um grupo de trabalhadores lhe faz uma emboscada.
Na altura em que Bruno de Lancel pensava finalmente ter triunfado, a vingança dos trabalhadores é consumada e ele é assassinado.
A polícia finge ignorar a «execução».
Entretanto, na Califórnia, Freddy fica furiosa quando descobre que Jock está a ensinar Annie a pilotar, mas ela diz à mãe que a ideia foi sua.
Jock declara-se, por fim, a Freddy.

O último episódio de «Reencontros», no 1º Canal às 21.45

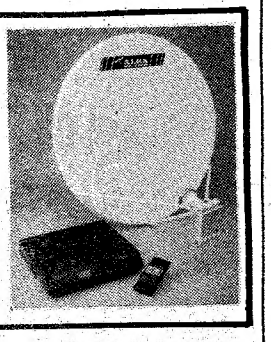
No 2º Canal às 22 horas, o bailado «Bintley's Mozart»

22.45 - CHUVA DE MAIO
6º episódio
23.40 - 24 HORAS
00.10 - UM DIA...
00.15 - REMATE

RTP-2

16.25 - BATALHA PELO PLANETA
3º Episódio
16.55 - A IRMÃ KATE
1º episódio. Um casal interessado em adoptar uma criança vai visitar a Casa da Redenção. Todd, Neville e April estão concentrados num jogo, Freddy está a ver televisão, fumando nervosamente um cigarro, e Hillary, sentada na sua cadeira de rodas, está ao pé de Eugénio, que tenta pendurar na parede a matrícula de um carro usado.
17.20 - ITÁLIA 90
10º e último episódio
18.15 - TELEMERCADO
18.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
118º episódio
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - VIA RÁPIDA
20.00 - CLÁSSICOS DA TV
«Kung Fu»,
1º episódio
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - ACERTO DE CONTAS
22.00 - BAILADO
«Bintley's Mozart».
A razão do título deste programa prende-se com o facto de irmos assistir a um bailado com coreografia de David Bintley e música de Mozart.
Chama-se «Galanteries» e é executado pela companhia Sadler's Wells Royal Ballet e sua orquestra dirigida pelo maestro Isaiah Jackson.
À parte disso, veremos um documentário que mostra excertos dos ensaios deste bailado, acompanhados das explicações do coreógrafo.

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - DALLAS
14.20 - O MUNDO ANIMAL
14.45 - PONTO POR PONTO
15.30- MATINÉE:
«... E JUSTIÇA PARA TODOS»
17.30 - A HORA DO LECAS
18.30 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.09 - DIREITO DE ANTENA
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - PRIMEIRA PÁGINA
22.20 - CRÓNICA DO CRIME
23.20 - 24 HORAS
23.50 - UM DIA
23.55 - REMATE

RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.15 - ESPAÇO INFANTIL
14.45 - FILHOS E FILHAS
15.10 - AGORA, ESCOLHA!
16.30 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
16.55 - CONTOS CONTADOS
17.15 - O HOMEM NA MARGEM
18.15 - TELEMERCADO
18.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
19.50 - VIA RÁPIDA
20.00 - CLÁSSICOS DA TV
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMAGAZINE
21.50 - CINEMADOIS
23.35 - UNIVERSIDADE ABERTA

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1
VALE TUDO
RTP 2
A IRMÃ KATE
PIP
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS CTC
OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO
Trabalhamos hoje com a tecnologia do amanhã
27 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA
Reparamos hoje em sua casa, o seu TV ou VÍDEO
Frota equipada com rádio-telefone para maior
RAPIDEZ e EFICIÊNCIA
24 horas antedimento
899762 • 899826 • 8482786
Av. S. João de Deus, 13-B • R. de Macau, 8 Lisboa

«O lugar de administrador da Gulbenkian é cobiçado por algumas pessoas que, para o conquistar, não hesitam em recorrer a todos os meios»

Azeredo Perdigão, «Diário de Notícias», 01.06.90

A PERGUNTA DO DIA

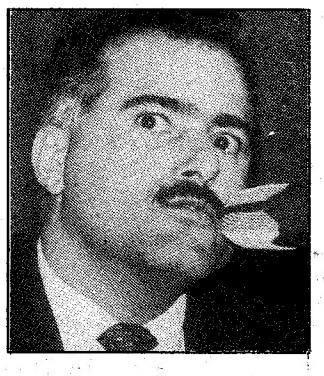
Anselmo Aníbal
vereador
da Câmara Municipal
de Lisboa

Quais as medidas que a Câmara Municipal de Lisboa pretende pôr em prática para desburocratizar e tornar mais eficientes os seus serviços?

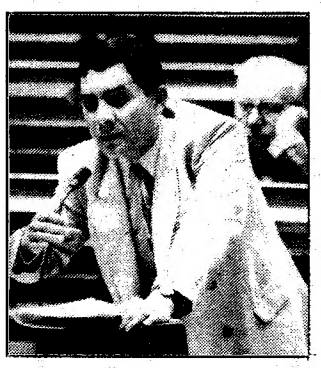
«A desburocratização e a eficiência têm muitas valências e temos vindo a actuar no sentido de todos, e de cada um por si, melhorarem a ligação com os munícipes e fornecerem um melhor serviço. Estes objectivos estão consagrados como orientação da Câmara para o período de 1990 a 1993, através de um plano, já que só com um esforço continuado se podem alcançar resultados. Há medidas imediatas de ligação aos munícipes, das quais saliento a criação dos serviços de atendimento municipal que resultam da transformação qualitativa das antigas repartições periféricas que vão ter cada vez mais funções de acolhimento, orientação no interior dos serviços e melhoria das relações entre os munícipes e a Câmara. As jornadas que hoje decorrem pretendem possibilitar um encontro regular e sistemático de todos os decisores municipais para abordarem os problemas de organização e comunicação no interior da edilidade.»

APLAUSOS A...

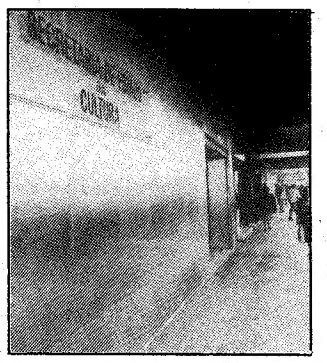
Nelson Traquina, coordenador do Departamento de Comunicação Social da Universidade Nova, pela organização de um belo passeio no Tejo. O encontro decorreu no sábado à tarde e reuniu antigos e actuais alunos curso, bem como professores. Quem parece não ter gostado da ideia foi o São Pedro que não concedeu aos «comunicólogos» um único raio de sol durante todo o passeio. Mas, apesar do mau tempo, a animação foi muita. Provou-se que nem uma valente chuvada consegue desanimar a mais nova geração da comunicação social portuguesa!



Rui Silva, pelo exaustivo estudo da situação da protecção civil em Portugal. O deputado renovador, ele próprio um assumido e orgulhoso bombeiro, chamou a atenção do hemiiíclo para o facto de, em 163 municípios, apenas seis possuírem uma protecção civil organizada e ainda para a falta de condições de trabalho dos soldados da paz, aos quais o Governo apenas concede, anualmente, 5 milhões de contos. Com o Verão à porta, a oportunidade da divulgação destes dados e a proposta de soluções não podia ser maior.



& PATEADAS A...



Secretaria de Estado da Cultura, pela pobreza das exposições de Mário de Sá-Carneiro e Camilo Castelo Branco, patentes no seu pavilhão da Feira do Livro. O centenário do nascimento e da morte de dois dos mais importantes vultos da literatura portuguesa mereciam, certamente, um pouco mais que meia dúzia de fotografias acompanhadas de pequenos textos. A SEC preferiu, contudo, aplicar o seu dinheiro e as suas energias na construção de um pavilhão de «encher o olho». Opções...

Grande Oriente Lusitano da Maçonaria Portuguesa, pelo secretismo ridículo com que continua a rodear todas as suas actividades apesar de se auto-intitular «uma sociedade discreta mas não secreta». Num momento em que está a decorrer a eleição do seu grão-mestre, os responsáveis maçónicos recusam-se a dar informações tão triviais como a data em que estará concluído o processo, o número de listas concorrentes, a confirmação da candidatura de Ramon La Féria ou mesmo a sua idade. Será que ainda ninguém lhes disse que já podem sair da clandestinidade?

Terça-feira no

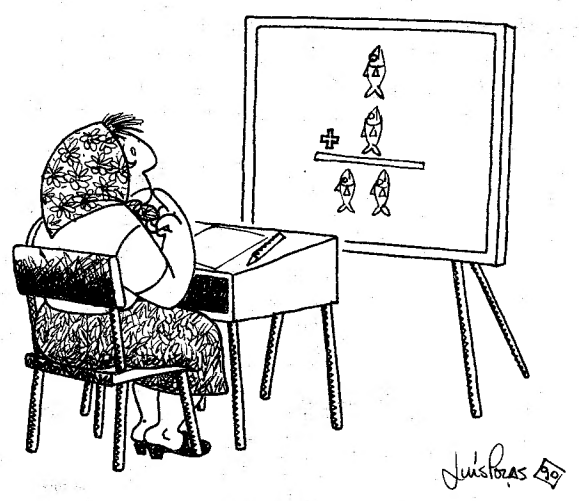
Diário de Lisboa

Lei Eleitoral em debate pelo Grupo de Trabalho/«DL»

Quais são os heróis da juventude portuguesa?

A crónica de Umberto Eco

Comércio de Lisboa começa a aprender a servir bem



Amanhã no

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

TERÇA-FEIRA

meteorologia

Vida de encenador

Comprar ginja para a cena. Enviar convite a J. Limpeza! Telefonar para o «Diário de Notícias». M. Emília Correia... Recibos verdes...

Leio todos esses papelinhos colados em cima da mesa tosca, na parede irregular, no cubículo que funciona como secretaria do teatrinho. O espectáculo a que assiste o Presidente da República e sua mulher, começou com cinco minutos de atraso e agora corre normalmente. Os actores, apesar de estarem habituados a situações imaginadas, urdidas pelos dramaturgos, estão um tanto nervosos. Não os vejo, ouço-os através das paredes estreitas, frágeis, mais biombos do que paredes. Tudo frágil. A arte é frágil, a opinião é frágil, a cidade é frágil, o mundo em permanente modificação não se modifica na sua fragilidade, ainda «não cai neve vermelha», segundo um poema de José Gomes Ferreira e, mesmo se caísse, derreteria no dia seguinte.

É difícil ser-se encenador. Alguém que seja activo antes do espectáculo pronto, passivo, uma vez acabado, mesmo que nunca se acabe... Difícil ofício, pois, por muitas razões evidentes, algumas portuguesas, mas também pelos assuntos menos óbvios. Um deles é que, durante o espectáculo, o encenador está completamente desarmado. Nada pode. Nada pode, como actor, fazer concretamente das tripas coração, não pode, como público, ligar e desligar, eventualmente voar com as próprias asas, não é capaz de dormitar como um cão, mascote do teatrinho, não pode nada, nada. Apenas...

Apenas estar atento, tenso, silencioso, sentir o tempo dos outros, talvez sussurrar uns versos, enterrados e por qualquer acaso encontrados na ilha da memória, frágeis também. Em forma de oração.

Jorge Listopad

A.M.A. Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS VW Audi
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75